

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: 2 0271, 2 0272 e 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOAREDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAPROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.ºEDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

Na sua viagem a Trás-os-Montes o ministro das Obras Públicas estudou atentamente o problema hospitalar

(Do nosso enviado especial)

MIRANDELA, 16—(Pelo telefone)—Termina hoje, ao fim da tarde, em Freixo de Espada à Cinta, a visita do sr. ministro das Obras Públicas aos distritos de Braga, Vila Real e Bragança, nos quais tomou conhecimento de alguns dos mais importantes problemas regionais, nomeadamente das necessidades mais prementes, examinando a execução dos trabalhos em curso.

Pelas 10 horas, o sr. eng. José Frederico Ulrich, acompanhado pelo sr. dr. Armando Val-fredo Pires, governador-civil de Bragança; capitão Elísio Aires Esteves e eng. Elói da Costa Lage, presidente e vice-presidente da Câmara Municipal desta vila; capitão Mário Augusto Lopes, comandante da P. S. P. de Bragança, e dos técnicos do seu ministério, deu entrada no velho edifício dos Paços do Concelho, onde foi recebido por oito dos doze presidentes dos mu-

(Continua na 3.ª pag.)

Os preços da electricidade

O novo regime tarifário posto em vigor

Val agora ser satisfeita a ansiosa expectativa com que a população da capital tem aguardado as bases de aplicação das novas tarifas da energia eléctrica, recentemente anunciadas pelo sr. ministro da Economia. O novo sistema tarifário para venda da energia fornecida pelas Companhias Reunidas Gás e Electricidade é estabelecido por um despacho do sr. dr. Ulisses Cortês, cuja publicação no «Diário do Governo» determina a sua aplicação prática.

O referido despacho ministerial, que

Dulles chegou a Tóquio para prosseguir as negociações

do tratado de paz

com o Japão

TOQUIO, 16.—John Foster Dulles, conselheiro de Truman e encarregado das questões do tratado de paz a firmar com o Japão chegou hoje a esta cidade. Esperavam-no no aeródromo o sucessor de MacArthur, general Ridgway, e Sebald, chefe dos serviços diplomáticos do G. Q. G. americano. Foster Dulles disse que cruzou sobre o Pacífico com o avião de MacArthur travando com ele conversa pela rádio. Afirmou a MacArthur que ia ao Japão para continuar a sua obra no âmbito da política bi-partidária. O general pediu-lhe, insistentemente, que continuasse o esforço para chegar o mais rapidamente possível à conclusão dum tratado de paz justo e equitativo e garantiu a Dulles que apoiaria os seus esforços. Dulles concluiu que esta conversação reforçava a sua determinação de prosseguir no Japão a obra começada.—(F. P.).



Um aspecto do belo edifício onde está instalado o Museu Biblioteca Conde de Castro Guimarães, em Cascais. Contra as muralhas do magnífico palacete as ondas do Oceano quebram-se suavemente, e na maré baixa uma pequena praia privativa forma-se em frente da casa solarenga

Uma biblioteca modelo

que procura atrair os leitores
para bem desempenhar a sua função
como instrumento de propagação de cultura

Lisboa não tem um parque de recreio público que reúna tantas razões de encanto, tão belas árvores, tão acolhedoras sombras, tão variados cenários, como o Parque Castro Guimarães, à saída de Cascais, a par da estrada para a Boca do Inferno. Muita gente de Lisboa conhece os encantos dessa verdadeira amostra de paraíso, bosque maravilhoso com admiráveis pequenos quadros da baía recortados por entre a moldura de opulentos verdes—mas muito menos serão os que sabem descobrir dentro desse tesouro outro tesouro tão verdadeiro como inesperado: o museu-biblioteca, onde tudo é diferente do que são, por via de regra, todas ou quase todas as bibliotecas e museus. Não há ali hostilidade de ambiente, nem o tom glacial dos regulamentos, nem a rigidez hirta de casa morta: museu e

biblioteca vivem, no arranjo atraente que se lhes deu, se mantêm e se renova, no conforto oferecido a visitantes e leitores, no sentido acolhedor que o espírito que orienta a casa lhe soube propagar.

O Museu Biblioteca Conde de Castro Guimarães—com o parque do mesmo nome—foi

(Continua na página central)

A situação na Pérsia continua a ser

multo grave

TEERAO, 16 — Segundo afirmaram certos círculos governamentais persas, da actual disputa com a Grã-Bretanha por causa do petróleo, poderá resultar um grande desastre, que abranjirá todo o Médio Oriente, se a questão não for solucionada nas próximas seis semanas.

Círculos britânicos e persas concordaram em que são necessárias firmeza e diplomacia de ambas as partes, para evitar novos incidentes durante as seis semanas que foram dadas à comissão parlamentar especial para estudar a forma de se pôr em execução a nacionalização do petróleo. Alguns persas moderados esperam que, nesse período, as paixões se acalmem suficientemente, para permitir uma solução de compromisso, que satisfaria as necessidades vitais do petróleo das potências ocidentais e, ao mesmo tempo, os interesses persas.

A grande refinaria de Abadan da Anglo-Iranian, a maior do Mundo, foi ontem encerrada, depois de recomençar a actividade de piquetes à volta das instalações, onde foi proclamada a greve. Um jornal da tarde persa disse que essa decisão fora tomada por ter sido proclamada greve geral na grande cidade petrolífera do golfo Pérsico, mas a companhia não confirmou essa notícia. Declarou que tinham abandonado o trabalho 30.000 operários da Anglo-Iranian.—(Reuter).

(Continua na 6.ª pag.)

MacArthur partiu de Tóquio

no meio de grandes manifestações
e com todas as honras militares

TOQUIO, 16—O general MacArthur teve hoje uma verdadeira despedida de herói, ao regressar à América. Desde a sua residência, no centro da cidade, até ao aeródromo de Haneda, num percurso de 16 quilómetros, postaram-se 10.000 polícias japoneses e 5.000 praças do Exército.

Nos primeiros 10 quilómetros, a avenida que conduz a Haneda estava ladeada de polícias japoneses, primeiro lado a lado e depois de cinco em cinco metros. Vieram reforços de Osaka e

Kobe. O trânsito foi interrompido durante uma hora. Um velho camponês de barbicha, que o serviço de ordem impedia de atravessar a avenida, perguntou se o imperador ia passar. O polícia respondeu-lhe que era MacArthur que se ia embora.

Muitas centenas de soldados americanos e das forças das Nações Unidas, vindos da Coreia, de licença, compareceram para ver o seu ex-comandante-

(Continua na última página)

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO POR AVIÃO DOS T. A. P.

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLÍCIA

COMERCIAENTES BURLÕES — Queixou-se no Tórel o sr. Nuno Alvaro Pinheiro, da Rua da Madalena, 249, 1.º andar, contra a gerência de uma firma que dele recebeu mercadoria a consignação, no valor de 31.531 escudos, e mais 9.893 escudos de outra mercadoria para ser paga a pronto. Segundo a queixa, os gerentes dessa firma fecharam a porta do estabelecimento e desapareceram com a mercadoria que não foi paga.

EMPREGADO INFIEL — A gerência da firma Almeida e Rocha, Limitada, da Rua José Relvas, 11, da Parede, queixou-se no Tórel contra um empregado a quem confiava artigos de papelaria e escritório que o acusado levava para entregar a clientes de nomes supostos, indo depois vendê-los em proveito próprio. Deste modo conseguiu lesar a firma em 10 mil escudos.

COMEU DA CANTINA... — O sr. José Joaquim Costa, da Rua Rafael Andrade, 21, porta 2, rés-do-chão, direito, combinou, com um amigo, montar uma cantina, junto das obras do Matadouro Municipal, em construção, aos Olivais. Entregou, para isso, 18.100 escudos ao sócio, mas este desapareceu com o dinheiro, pelo que a vítima da burla foi participar o caso à Polícia Judiciária.

FORAM-LHE A'S ALGIBEIRAS — Os ganhos furtaram da algibeira do casaco do sr. Manuel Pereira de Oliveira, Rua 1.º de Maio, 46, um anel no valor de 5 mil escudos, tendo o roubado apresentado a queixa respectiva no Tórel.

FURTO NUM AUTOMÓVEL — Jorge Manuel Serpa Quaresma, empregado no Comércio, residente na Praça do Arceiro, n.º 13, 3.º, queixou-se à Polícia de que, tendo o seu automóvel estacionado à porta dum cinema, enquanto assistia ao espectáculo, dali lhe roubaram duas gabardines, umas luvas e um casaco de lã.

VISITAS DE ESTUDOS

O Centro Cultural Português promove no próximo sábado uma visita às instalações da Carris. A concentração faz-se às 14 e 15, nas Amoreiras.

Londres volta a ter
reclamos luminosos

LONDRES, 16 — Os londrinos manifestaram-se ontem, à noite, alegremente com vivas e champanhe, em volta da estátua de Eros, no Piccadilly Circus, quando as luzes coloridas da cidade se acenderam, depois de terem estado 14 semanas apagadas.

A economia de combustível tinha obrigado o Governo a proibir a utilização de electricidade nos letreiros luminosos de publicidade durante as noites de Inverno. Ontem à noite, porém, o Piccadilly, Regent Street, Oxford Street e Leicester Square voltaram a iluminar-se, visto ter terminado a proibição.

Quem bebeu champanhe? Os membros da Associação dos Fabricantes de Sina's Luminosos. — (R.).

A cheia do Mississippi
toma grandes proporções

SÃO PAULO DO MINNESOTA, 16 — Os habitantes da parte Oeste de São Paulo lutam, desesperadamente, contra a mais importante cheia do Mississippi dos últimos setenta anos. O nível das águas atinge perto de seis metros, ultrapassando de metro e meio a altura de alarme. Aumentado pelos seus inúmeros afluentes, o grande rio invadiu todas as terras baixas, expulsando dos seus lares centenas de famílias. O aeródromo de Winona está inundado e os habitantes desta cidade constroem febrilmente um dique com perto de dois quilómetros, na esperança de a salvar do desastre. Várias outras cidades fazem o mesmo no Minnesota e no Wisconsin. — (F. P.).

COMEÇOU A INCORPORAÇÃO
dos recrutas de Infantaria

Como foi determinado, haverá este ano apenas uma incorporação de recrutas para a arma de Infantaria, pelo que os mancebos que deviam apresentar-se nas unidades de 28 a 30 de Setembro, receberam ordem para se apresentar este mês, nos dias de hoje, de amanhã e de quarta-feira.

As novas praças começaram efectivamente a apresentar-se hoje, em grande numero, nas unidades de Infantaria de Lisboa e de todo o País, onde a instrução vai começar dentro de poucos dias.

O marechal Tito

vai submeter-se a um tratamento

BELGRADO, 16 — Anuncia-se, oficialmente, que o marechal Tito partiu para a capital, a fim de se submeter a um tratamento ao fígado. Tito, que recebeu ontem o secretário geral da O. N. U., Trygve Lie, encontrava-se doente, não tendo podido assistir ao jantar oficial em honra deste. Antes de partir de Belgrado, o marechal mandou a Clement Attlee um telegrama de condolências pela morte de Bevin. — (France Presse).

Um concurso
internacional
de auto-retratos infantis

Por iniciativa da International Youth Library, vai realizar-se, nas férias grandes, em Munique, o I Concurso Internacional de Auto-Retratos Infantis e Juvenis. A iniciativa fica, porém, ligada a Mocidade Portuguesa que, tornando a seu cargo a organização de um grande concurso nacional no mesmo género, ali enviará os melhores trabalhos apresentados pelos miúdos portugueses, filiados de todos os centros escolares e extra-escolares.

Deste modo, os pequenos concorrentes ao I Concurso de Auto-Retratos Infantis e Juvenis podem desde já ir fazendo o seu próprio retrato, bastando, para concorrer, enviar os seus trabalhos, até 15 de Maio, para a sede da M. P. no Palácio da Independência.

Como regras a observar, basta fixar o seguinte:

Os trabalhos a apresentar devem ser executados sobre papel branco, de dimensões compreendidas entre 21X38 cm. e 42X54 cm., com emprego de aguarela, lápis, pastel, óleo, tempera, carvão ou «gouache»; o nome e a data do nascimento do filiado concorrente ficarão apostos no canto inferior direito do respectivo auto-retrato; em folha anexa à produção e acompanhada de uma fotografia, cada concorrente enviará uma breve auto-biografia em que figure a indicação do seu nome, morada, escola e centro que frequenta, altura e peso, cor dos olhos, da pele e do cabelo, ocupação favorita e melhor recordação da sua vida; aos melhores trabalhos enviados serão atribuídos três primeiros prémios, no valor de 250\$00, 150\$00 e de 100\$00, constituídos por material de desenho e de pintura ou de outro à escolha do premiado, havendo atribuição de menções honrosas, em numero indeterminado.

PUBLICAÇÕES

«O abastecimento de água em Portugal no período de 1938-1949»

O sr. dr. Carlos Ruivo de Carvalho publicou agora, editado pelo Instituto Nacional de Estatística, um estudo muito completo sobre o abastecimento de água no nosso País, de 1938 a 1949, trabalho no qual aprecia largamente os consumos das nossas cidades e sedes de concelhos, sistemas de abastecimento, bem como captações no nosso País e no estrangeiro. Dois números curiosos entre muitos que se encontram neste trabalho: em 1938, consumimos 29.761.898 metros cúbicos, ao passo que, em 1949, esse consumo geral do País subiu para 58.831.639 metros cúbicos, o que atesta o aumento da rede de abastecimento no País, além de algum aumento populacional.

«Revista Militar»

Saiu o fascículo n.º 2-3 da «Revista Militar», referente aos meses de Fevereiro e Março. O sumário inclui, entre outros, os artigos «General Costa Ferreira», pelo general Ferreira de Passos; «As grandes unidades blindadas no ataque», pelo capitão Raul Ramos; «Feridos nos carros, durante o combate», pelo major-médico Meyrelles do Souto; «2.ª invasão francesa-Notas sobre o S. S. Militar», pelo coronel-médico Manuel Gião; «A infantaria necessária» pelo general Curnier. O mesmo numero insere páginas gráficas de actualidade militar, crónicas militares e do ultramar; diversa documentação fotográfica de assuntos militares, bibliografia e muitos outros assuntos do maior interesse.

O ENG. PAUL CORNUDET

fala amanhã no Técnico

Chegou a Lisboa o sr. Paul Cornudet, conselheiro técnico da Electricidade de França e personalidade muito conhecida nos meios internacionais pela sua competência a respeito dos problemas relativos à automatização das centrais hidro-eléctricas modernas. O sr. Cornudet fará, amanhã, sob o patrocínio do Instituto Francês, no Instituto Superior Técnico, uma conferência ilustrada com projecções sobre «O automatismo nas centrais geradoras e nos postos de transformação».

Primeira visita ao Tejo
de um navio norueguês
para a linha do Mediterraneo

Entrou hoje pela primeira vez no Tejo uma nova e moderna unidade da marinha mercante norueguesa — o navio-motor «Bayard» — que está a efectuar a sua viagem inaugural e que ficará a servir a linha entre a Noruega e países do Mediterraneo.

Os agentes em Lisboa do novo navio — a firma Wiese & C. — ofereceram a bordo uma recepção para festejar a primeira visita da nova unidade. Compareceram representantes das nossas companhias de navegação, do Grémio dos Armazenistas de Mercadoria e de outros organismos, bem como a Imprensa da capital. Os visitantes percorreram demoradamente o «Bayard», que saiu do estaleiro apenas há um mês, e admiraram as suas modernas instalações, entre as quais se contam camarotes para um total de 12 passageiros. A decoração interior é muito artística e os alojamentos para a tripulação, entre a qual o cargo de telegrafista é exercido por uma senhora, apresentam igualmente muita comodidade. O navio está dotado de radar, piloto automático e toda a aparelhagem moderna usada actualmente para segurança e facilidade da navegação.

Finda a visita serviu-se um lanche na sala de fumo, a cujos brindes o sr. visconde de Soveral, em representação da firma Wiese & C., saudou os seus convidados, em nome dos quais agradeceu o sr. comandante Armando de Lourenço, inspector da Companhia Colonial de Navegação, que felicitou o comandante do «Bayard» e a empresa armadora, bem como os seus agentes em Lisboa.

Foi presa uma bruxa
que até «receitava»
a doentes hospitalizados!

Há já tempo que o sr. dr. Lino Neto, subdirector da P. J., resolveu fazer uma larga repressão à prática de bruxedos e cartomancias. Para levar a efeito essa decisão, encarregou o chefe Garcia de fazer «batidas» nas casas das «bruxas de virtude», com o fim de prender as responsáveis. Deste modo, foi bater à porta do andar do prédio n.º 64 da Rua da Fé, onde surpreendeu cenas deveras edificantes das consultas a uma «bruxa». Trata-se de Maria Julia Domingues, que tem ali «consultório», pelos vistos com larga clientela, pois a Polícia encontrou-o completamente cheio.

Na altura, a «virtuosa» atendia um rapaz com doença pulmonar e «receitava-lhe» ervas, sementes e injeções «para dar força ao sangue», acompanhadas de garrafadas fortes...

O panico que se estabeleceu, à entrada da Polícia, teve, naturalmente, a sua razão de ser. Mas, mesmo assim, foi possível apurar que a Maria Julia chegava a «receitar» a doentes internados nos hospitais, que lhe escreviam por intermédio de parentes, descrevendo-lhe a doença que os doutores «não sabiam» combater...

Entre as receitas surpreendidas no seu «formulário», havia coisas tão inesperadas como os «chá de inflamação», as «três dores de sangue» e as «malvas santas» — tudo isto á mistura com a aplicação de orações.

A bruxa foi presa mas saiu outra vez em liberdade, por ter prestado a caução de 4 mil escudos. O processo, no entanto, foi hoje enviado ao tribunal da Boa Hora, para julgamento.

COMERCIENTE ASSASSINADO

na Beira (Moçambique)

BEIRA, 16 — Foi assassinado, com um tiro na nuca, quando estava junto de uma montra, o comerciante Sílvano Braz, de 54 anos.

A cena deu-se, ontem, às 23 horas; a vítima teve morte quase imediata. O assassino, Urbano Costa, de 31 anos, entregou-se às autoridades, dizendo que o seu acto tivera origem numa questão de dinheiro que teve com aquele comerciante. — (Lusitania).

DE LUTO

Dr. Eurico de Almeida

Por notícias recebidas da Beira (Moçambique), soube-se que faleceu naquela cidade o sr. dr. Eurico de Almeida, médico e inspector dos Serviços de Saúde.

Natural do Porto, o extinto contava 58 anos de idade. Foi professor do Instituto das Missões Laicas e tomou parte em vários congressos e outras reuniões científicas.

O sr. dr. Eurico de Almeida era casado com a sr.ª D. Maria José Marçal Correia Antunes de Almeida e pai do sr. dr. João Marçal Correia Antunes de Almeida, funcionário do ministério dos Negócios Estrangeiros, e cunhado do sr. dr. Gil Marçal.

D. Maria do Nascimento Gomes de Almeida

Faleceu a sr.ª D. Maria do Nascimento Gomes de Almeida, de 80 anos, natural de Trancoso, mãe do sr. Raul Gomes de Almeida, comerciante da nossa praça. O funeral, a cargo da agência Barata, realiza-se amanhã, às 10 horas, da igreja de Nossa Senhora das Mercês, para jazigo no cemitério dos Prazeres.



A. G. MAGNO, LPA
AVA ALMIRANTE REIS, 129-A

Uma obra «de misericórdia»

...igual a muitas outras

No Tórel, compareceu hoje António Antunes, Rua D. Vasco, 49, 2.º dt.º, que disse ter sido abordado, na Avenida Tenente Valadim, por dois indivíduos de ar provinciano. Perguntaram-lhe onde ficava a Misericórdia e, como o interpelado não soubesse responder-lhes, os dois indivíduos lamentaram-se:

— Temos de regressar à terra e andamos aqui aflitos, porque não podemos perder o comboio e precisamos de entregar um legado de 20 contos, à Misericórdia. Se o meu amigo se pudessem incumbir do caso, nós ficávamos muito agradecidos...

O António Antunes — disse no Tórel — prontificou-se imediatamente a praticar a obra de «misericórdia» e, puxando da carteira, com papéis, fotografias e 5 contos, tudo entregou como penhor da sua palavra.

A sua vista foi emburrado um maço de 20 contos em notas do banco, que, verificou depois, não passavam de grosseiras imitações.

Os partidários da paz
tiveram uma cena de pancadaria

CROYDON, 16 — Ontem, durante uma reunião dos partidários da paz, estes envolveram-se em desordem. Os principais oradores eram dois ex-membros trabalhistas do Parlamento, um dos quais foi expulso do Partido por actividades pro-comunistas.

Cerca de 50 homens e mulheres travaram violenta luta até que a Polícia chegou. Foram conduzidos ao hospital três homens com as faces horrivelmente laceradas. — (Reuter).

QUER PARECER
MAIS NOVO,
MAIS SAUDÁVEL?...

Um novo e maravilhoso creme de barbear
que ajuda a conservar a frescura da pele!

Agora — pela primeira vez — há
um creme de barbear que é francamente bom para a pele.

É o Novo Creme de Barbear Williams que contém Extracto de Lanolina — uma recente descoberta médica com propriedades de «adaptação» à pele muito maiores do que as da lanolina propriamente dita. O Extracto de Lanolina amacia e refresca o rosto à medida que se faz a barba... ajuda a conservar o aspecto juvenil e saudável da pele.

Só o WILLIAMS

Agora — sempre que se barbear com o Novo Creme Williams — o seu rosto beneficiará dos efeitos desta substância notável — e, ainda por cima, a barba ficará mais bem feita, o seu aspecto será mais agradável à vista. Experimente o Williams amanhã. É o único creme de barbear que contém Extracto de Lanolina.



**CAVE DO
CAFÉ PORTUGAL**
AMANHÃ AO ALMOÇO
Bacalhau à Zé do Pipo



AMOREX

Cada embalagem contém uma senha que habilita ao

Grande Concurso AMOREX

que se realiza no dia 4 de Maio para o sorteio de um prémio de 20 contos e dois de 5 contos

CUIDE

dos seus dentes usando uma
pasta cientificamente estudada.

AMOREX

é uma fórmula amoniacal com
clorofilo

Viagem ministerial a Trás-os-Montes

(Continuação da 1.ª página)

nicipios do distrito e pelos vereadores desta vila.

Seguidamente, aquele membro do Governo recebeu, um por um, os presidentes das camaras de Bragança, Miranda, Vila Flor, Mogadouro, Miranda do Douro, Macedo de Cavaleiros, Vinhais e Carrizosa de Aníades, que com ele trataram dos assuntos que mais interessam aos seus concelhos.

Pelo presidente da Camara de Bragança foi pedida a conclusão da rede de esgotos e da Avenida do Sabor, a urbanização da futura praça, a reparação dos Paços do Concelho, a construção de um campo de jogos e o abastecimento de águas às povoações de Samil, Outeiro e Parada.

Com o sr. presidente da Camara desta vila, tratou-se da construção do hospital sub-regional, com lotação para 50 a 60 camas, a construir a entrada de Miranda, o qual mais tarde será ampliado de forma a ficar com 120 camas, passando assim a hospital regional; do abastecimento de água às povoações de S. Pedro de Vale do Conde, Chelas, Avantes, Vale de Telhas, Milhais, Paradelas, Vale de Gouveias e Couços; e, ainda, da construção do camião municipal da estrada nacional 213, a povoação de S. Salvador; de um matadouro e do quartel para a corporação dos bombeiros vo-

EXCURSÃO DA C. P. a Vila Viçosa

A C. P., dentro da sua iniciativa de dar a conhecer Portugal, aos portugueses, todos os domingos promove excursões económicas com programas magníficos que, além de darem a conhecer a nossa terra, proporcionam aos excursionistas a visita a castelos, palácios, solares e monumentos que, individualmente, nem sempre se podem visitar.

A de ontem foi a Vila-Viçosa, terra histórica e monumental onde o Estado realizou importantes melhoramentos que muito valorizam o importante centro.

Por outro lado, a Fundação da Casa de Bragança, sob a presidência do sr. dr. António Luís Gomes, tem realizado uma obra cultural valiosíssima, encontrando-se o solar ducal completamente remodelado, o que muito valorizou o património artístico ali existente. A visita a Vila-Viçosa começou primeiramente pelo palácio, onde os excursionistas tiveram ocasião de apreciar a riquíssima biblioteca, mobiliário e a preciosa coleção de pintura ali existente. Depois, foram admirados o monumento a D. João IV, o convento das Chagas, o castelo e o panteão dos duques de Bragança, guarnecido os apreciados mármore da região.

Tomaram parte na excursão muitas dezenas de pessoas que, a preços moderados, foram transportadas em carruagens cómodas através duma região encantadora. A próxima viagem será a Castelo Branco, cidade beirã que nos últimos anos tem registado apreciáveis progressos.

Agradecida a

KOLYNOS

pelos meus
lindos dentes

ESPUMA

A espuma Kolynos penetra e limpa entre os dentes, precisamente onde a cárie geralmente começa.



Kolynos é económico. Um centímetro na escova, limpa completamente e dá brilho aos dentes.

Compre um tubo de creme dentífrico Kolynos ainda hoje. Preço 12850

luntários, sendo de salientar que constitui uma velha aspiração do povo desta vila a construção do hospital e do referido quartel. Todos estes projectos vão ser comparticipados ainda este ano.

Terminada a reunião, foi oferecido pela presidência da Camara Municipal, na sede da Associação de Socorros Mútuos dos Artistas Mirandenses, um almoço em honra do sr. ministro das Obras Públicas, no qual tomaram parte o governador-civil de Bragança, os presidentes dos municípios que assistiram à reunião da manhã e os engenheiros daquele departamento do Estado.

Em nome dos presidentes das camaras, o chefe do distrito saudou o ministro e fez votos por que ele se mantenha por largo tempo na pasta das Obras Públicas.

Aquele membro do Governo agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas e disse da sua satisfação em verificar como os municípios trabalham para o desenvolvimento dos seus concelhos.

Depois do almoço, o ministro e sua comitiva visitaram o velho hospital da Misericórdia, mais do que insuficiente para as necessidades do concelho, as obras em curso no antigo palácio dos Távoras para adaptação a futuros paços do concelho e esteve ainda nos locais onde vão ser construídos o hospital e o matadouro.

Às 15 horas, o sr. eng. José Frederico Ulrich seguiu para Freixo de Espada à Cinta, visitando depois o local onde será construída a futura ponte de Barca de Alva que, uma vez pronta, ligará o concelho de Freixo com o de Fozcoia, substituindo o antiquado processo de transporte de carros em jangada. A sua construção é, sobretudo, de interesse incalculável para os distritos de Bragança e da Guarda e muito beneficiará igualmente os concelhos próximos.

AUTOMOBILISMO

O «rallye» do Sporting que o Diário de Lisboa patrocina é aguardado com muito interesse

Está a despertar o maior e mais justificável interesse a prova automobilística, que sob a designação de «Rallye Nocturno do Sporting», se efectua nos próximos dias 21 e 22 do corrente organizada pelo popular clube dos «leões», com o patrocínio do nosso prezado colega «Mundo Desportivo», da revista «Volante» e do nosso jornal.

Na verdade, este interessante desporto cuja actividade é cada vez mais intensa, merece do Sporting Clube de Portugal uma atenção especial, traduzida pela realização frequente de vários certames. Não é, porém, exagerado dizer-se que o «Rallye Nocturno» pelas suas características e pela certeza de uma organização perfeita conquistou gerais simpatias dos nossos automobilistas. As primeiras adesões chegaram tão espontaneamente e encerram nomes tão valiosos neste emocionante desporto que seria estultícia duvidar do êxito que a iniciativa vai alcançar.

O regulamento foi já publicado e revela inúmeros cuidados na forma de fazer disputar a prova. O «Rallye Nocturno» consistirá de uma prova de estrada e de duas provas complementares, sendo estas efectuadas imediatamente antes e depois daquela.

Os carros são distribuídos por cinco classes, conforme a sua cilindrada, estando a inscrição aberta até depois de amanhã, na sede do Sporting Clube de Portugal, na casa C. Santos, Lda, e no Clube dos Cem à Hora.

A prova de estrada é feita num percurso de 230 quilómetros, a média horária de 45 quiló-

metros e as provas complementares constam de uma aceleração em 10 metros, a realizar às 21 horas de 21 do corrente e de uma prova secreta feita logo após a chegada.

Foram instituídos numerosos prémios, constituídos por taças de prata. A fiscalização nos controles foi confiada a pessoas da maior competência. O primeiro controle funcionarão em Mafra e está entregue a António Carvalho, que terá como auxiliares Jorge Pais Lobo e os dirigentes do C. D. Mafra. Em Alenquer a missão está confiada a João Graça, que terá como ajudantes M. Tavares da Silva e Manuel Ferreira. Em Vila Franca, de novo João Graça presidirá aos trabalhos de fiscalização. Tendo como auxiliares Alfredo Santos e outros elementos do Aguias Vilafranquense. Mais adiante, em Torres Vedras, é J. C. Basílio de Oliveira quem promoverá a fiscalização, acompanhado por Inácio Guardalino e por dirigentes do Sporting local. Nas Caldas da Rainha é Manuel Nunes dos Santos, tendo como auxiliares elementos do Sporting Caldense, quem exerce a vigilância.

As primeiras inscrições recebidas só serviram para valorizar a prova. Apontemos os nomes: Joaquim Filipe Nogueira, Alberto Nunes de Carvalho, José Emídio da Silva, Ernesto Martorell, D. Fernando Mascarenhas, Abílio Correia Lobo, Joaquim Rios de Oliveira, dr. Pinto Coelho, Carlos Vinhas Santos, Carlos Baeta, E. Alvarez, J. Nunes da Silva, S. Hansem, Pedro Aires, Serafim Jorge e Fernando Pereira. Todos eles são concorrentes certos, dispostos a manter renhida luta.

No distrito de Vila Real estão já em construção o novo hospital de Alijó e deve entrar ainda este ano em obras de remodelação e ampliação o de Valpaços.

No distrito de Viana do Castelo vai ser construído um novo edifício hospitalar em Ponte de Lima; e, em Monção, está a ser estudada a remodelação do hospital local, assim como em alguns outros do mesmo distrito.

Em Braga, vai proceder-se ao estudo da remodelação do hospital de Cabeceiras de Basto.

O sr. engenheiro Maçãs Fernandes, director das construções hospitalares, que acompanhou o sr. ministro das Obras Públicas nestas visitas, percorreu com alguns dos seus técnicos todos os hospitais dos referidos distritos.

Amanhã, às 8 horas, o sr. eng. Ulrich, depois de passar a noite em casa do sr. ministro das Colónias, em Freixo de Espada à Cinta, voltará a Miranda, onde tomará, às 11 horas, o avião que o conduzirá a Lisboa.

Na Câmara Municipal foram vendidos

16 lotes de terreno e 26 não tiveram licitantes

Na sala das reuniões públicas da vereação, nos Paços do Concelho, realizou-se hoje uma hasta pública para venda de quarenta e dois lotes de terrenos municipais. A teia encheu-se de gente, predominando os construtores civis.

Presidiu o sr. dr. António Fernandes Leitão, director dos Serviços de Finanças da Camara, que dava a direita ao sr. dr. Lucioo Salvador, chefe da Repartição do Património e a esquerda ao sr. Antero Ramos Assunção. Pregoeiro, o funcionário sr. Nogueira da Silva.

Os primeiros a ser leiloados foram dois na Avenida do Aeroporto, para construção de casas de renda limitada. A base de licitação era de 130 escudos, por metro quadrado. Um foi vendido a 235, e o outro a 137 escudos.

De dez lotes na Avenida D. Rodrigo da Cunha, também para rendas limitadas, cuja base de licitação era de 270 escudos, três não tiveram licitantes, sendo um vendido a 375, três a 345, dois a 315, e um a 285 escudos.

Um lote na Célula 8, do Sítio do Alvalade, paralelo ao caminho de ferro, a 250 escudos o metro quadrado, também para casas de renda limitada, não teve licitantes.

Seguiu-se o leilão de seis lotes, para construção de casas de renda livre, na Avenida de Roma, entre a linha férrea e a Avenida dos Estados Unidos da América.

Dada a importância daquela artéria, a Camara exigirá aos edificios um aspecto arquitectónico cuidado. Um, com a base de licitação de 650 escudos, foi vendido por 720; um de 550, por 610; um de 450, por 525; um de 450, por 475; um de 400, por 480; e um de 400 não teve licitantes.

A assistência ficou então reduzida a 13 pessoas.

De dezoito terrenos para moradias na Encosta da Ajuda, sendo três na Avenida do Restelo e quinze na Rua de Alcolena, todos com a base de licitação de 100 escudos, 25 foi arrematado um por 105, na segunda daquelas artérias.

De dois lotes, para indústrias, em Cabo Ruivo, no arruamento de acesso ao cemitério dos Olivais, com a base de 55 escudos, um não teve licitantes e o outro foi arrematado por 70.

Três para comércio, no Bairro da Encarnação, com a base de 70 escudos, não tiveram licitantes.



VIAJE PARA
BUENOS AIRES
&
AMÉRICA DO SUL
(VIA RIO DE JANEIRO)
voando pela
PANAIR



Visite a Argentina e os outros países da América do Sul, mas faça-o voando nos Constellation da frota Bandeirante, o que significa, conforto, rapidez e economia. Aproveite o tempo ganho para visitar o Rio de Janeiro "Cidade Maravilhosa".

Para informações e reserva de lugares dirija-se ao seu Agente de Viagens ou à Sociedade Portuguesa de Agências Aereas, Lda. S.P.A.A. - Praça dos Restauradores, 46 - Telef. 3 1928/9 - Telegramas PANAIRES - Lisboa



Tágide

"CHEZ ELLE"

Mireille Robert

Vous invite
à venir entendre de belles chansons
magistralement interprétées par

PAUL PERI

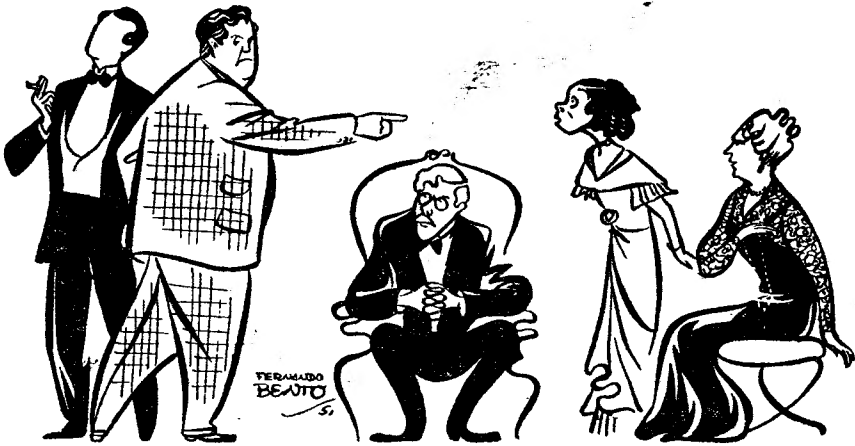
Grand Prix de la chanson Française
1949 et 1950

* * *

pour huit jours seulement
Telef. 35327

Teatros e Cinemas

«Está lá fora um inspector», no Avenida



Igrejas Caetano, Villaret, Assis Pacheco, Maria Lalande e Josefina Silva
(Desenho de Fernando Bento)

Um conjunto de circunstâncias felizes foi intrinsecamente a causa do êxito registado anteontem na Avenida. O facto de reaparecer João Villaret, tão querido do público por quanto nele há de verdadeiro artista, foi, por certo, uma das razões mais fortes que levaram ali um público saudosos de o rever no seu lugar. A outra razão seguinte há-de ter sido a reaparição de Maria Matos, verdadeiro mestre na arte de representar, pois as saudações apoteóticas com que foi recebida e depois saudada a despedida, outra coisa não poderiam querer dizer se não admiração e carinho. Mas a aliar a estas duas circunstâncias fundamentais, havia que esperar um bom espectáculo, visto que ia ser representada uma boa peça de um bom autor já conhecido do público português. O regresso de Assis a um conjunto categorizado, conjugava-se a outros dois regressos não menos auspiciosos, o de Maria Lalande e o de Igrejas Caetano. E o Avenida, um teatro há tantos meses perdido em mãos alheias ia voltar ao serviço do nosso teatro.

Tudo isto, que era um conjunto de expectativas, resultou uma realidade. E, daí, o êxito que a noite respirou.

No teatro, o fundamento depende do autor. Sem uma boa peça não pode haver bom teatro, ainda mesmo que às vezes se registre um êxito. Nesta peça de Priestley, o autor construiu os fundamentos desse êxito. Não nos parece, aliás, difícil definir o que há nela de superior intenção. «Está lá fora um inspector» é uma peça de raízes psicológicas e sociais, embrulhada na capa sugestiva de um romance policial. Com isto se pretende dizer que o autor, ciente da ligeireza do espírito que no geral ostentam as plateias de todo o Mundo, resolveu impor-lhes as suas fórmulas, através de uma apresentação frívola e despretenciosa. Esta causa e este efeito só poderiam ser praticados por alguém de muito mérito. E Priestley, jogando com os elementos que dispôs, ganhou verdadeiramente a partida, porque esta peça policial—peça de polícias de consciências e de espírito—constitui um verdadeiro e desenfreado libelo acusatório contra as teias urdidas pela sociedade, em desfavor das suas vítimas impotentes. Posto em ponto grande o problema, não é de uma família da alta burguesia que partem as vicissitudes: é das sociedades, das nações, do Mundo, enfim. Cada vítima que tomba, aqui, além, por toda a parte, não é uma negação de si própria mas uma afirmação da avaria de um terceiro, da cobiça dum outro, da piedade de um último, da desumanidade, enfim, dos seres humanos. Eis porque a peça de Priestley logra um êxito de alcance formidável: é facilmente identificável com a sociedade, através do interrogatório que a consciência dirige a cada um. Na verdade, tudo se passa na peça, como se esta não existisse: começa mesmo apenas para as personagens do palco, quando o público vê descer o pano sobre o último acto...

Um inspector entra em cena, anuncia que foi cometido um crime de suicídio. Aquele homem quer saber por que foi que uma rapariga nova e linda se matou, quem teve a remota culpa da sua morte.

Perante o drama desencadeado, desligadamente sobre a cabeça desta hipotética Eva Smith cada um se furta a compreender o verdadeiro significado da sua responsabilidade, como elo que é da sociedade. E, só, no meio dissolvente dos negócios, do orgulho e da levandade, se erguem as vozes dos dois mais novos—melhores, mais esperançosas, talvez apenas porque, sendo o renovo de um caule velho e deformado, não tiveram ainda tempo para saber ser perversos...

Quando dão conta de que estiveram todos a depor perante a consciência, movidos pela voz do seu subconsciente—é que surge, na realidade, a notícia dos factos. E, então, verdadeiramente, deveria começar a peça—se a ficção que ela encerra não estivesse já feita...

Como deveria decorrer o desempenho desta peça, perguntar-se-á? Se estivessemos nitidamente perante uma obra policial, parece que seria de aconselhar o tom desenfreado, ligeiro e linear que deve caracterizar esse género de espectáculo. Mas «Está lá fora um inspector» não é uma peça policial. Logo, haveria que dar-lhe um outro estilo de representação. O director da companhia (Villaret) e o ensaíador da mesma (Virgílio Macieira) preferiram enquadrá-la no ritmo da comédia dramática. Representaram-na em relevo e em volume. Salvo melhor opinião, este era o caminho que lhes convinha, porque a peça, longe de ser uma narrativa, cujo interesse residisse no imprevisto e na acção—é, pelo contrário, uma obra cujo contorno de frases valoriza o significado do diálogo. Mas, daí a seguir sempre a linha escolhida parece-nos que ainda há uma certa diferença. Lalande, substituindo a dramatização pela ironia desperdiçada talvez a intenção do autor—um inglês de bom humor que se farta de brincar com o público e as suas personagens. O seu papel teria resultado muito mais, como resultou o de Villaret, sempre que os nervos não tentaram dominá-lo. A sua interpretação revestiu-se, por isso, de um magnífico intencionalismo, a sua máscara foi inteligente como a voz da sua consciência. Villaret voltou a ser o actor que deixara de ser há cerca de dois anos; Assis Pacheco, no industrial de pouca consciência, foi o verdadeiro perigo social que se anseia e revela um poder de lógica esmagadora; Josefina Silva, talvez um pouco indecisa na sua personalidade; Igrejas Caetano, na maneira mais convincente de justificar o seu papel um tanto característico, fez o terceiro acto muito bem; Rui de Carvalho fez esquecer, no seu dramático regresso, a «gaucherie» das intervenções anteriores; Constança Navarro foi a criada discreta e de boa intervenção que se requeria.

Se alguma coisa, portanto, houvesse que reparar no conjunto, seria o tom exagerado da representação—isto é, uma certa ausência de naturalidade, tão grata ainda aos polcos portugueses.

«Toilettes» bonitas—sobretudo a de Lalande; um ar correcto na cena, que só poderá ter o inconveniente de estar demasiadamente sobrecarregada de pormenores, traindo, assim, uma insuficiência de luxo admissível.

O espectáculo termina com um acto de Ramada Curto, cuja crítica já está feita, pretexto para Maria Matos dar uma alta lição de representar com bonomia, naturalidade, convicção, inteligência e arte. A sua avózinha é deliciosa e fica no coração dos espectadores que, no final, apoteoticamente, lhe disseram «Adeus, Maria Matos, até amanhã!». A seu lado, Lalande fez muito bem a sua neta travessa e inteligente. Josefina, fez sem dificuldade, a mãe desiludida; Constança Navarro e Virgílio Macieira tiveram duas pequenas intervenções bem enquadradas no excelente nível da representação. Tudo correu bem no Avenida. Que a consciência do público os ajude!—M. A.

Ópera lírica

«Francesca da Rimini»

Sem menosprezo pelo esforço desperdido para a montagem da festejada ópera de Zandonai, em S. Carlos, a «Francesca da Rimini» deixou-nos bastante a impressão de artificialismo, um espectáculo de luxo, sim, mas sem profundidade—de harmonia com o que se lê a páginas tantas do programa: «... Gianciotto, louco de furor, vibra um golpe no irmão, e os dois corpos rodam abraçados... Para ceiar ao fim da noite, escolha, etc.».

De acordo que não é brincado, uma acção teatral como a que contém o drama de D'Annunzio (sobre o eterno tema do amor frustrado); acção que se desdobra na música de Zandonai com equivalência plástica e expressiva, como já tivemos ensejo de observar em tempos. Foi um grande, e julgamos que um atraente trabalho para a orquestra, e para o maestro Antonino Votto. O tremendo papel da protagonista é com certeza da predilecção de Maria Caniglia, dominadora, esplendorosa, por menorizando com esmero todo o seu desempenho; o que nos parece a rós afectação e aplicação de efeitos seguros pode muito bem ser personalidade, e se a «Francesca» fica tão parecida com a «Flora Tosca» ou com a «Adrienne Lecouvreur», o parentesco temperamental é aceitável. Seja como for, Maria Caniglia teve um grande triunfo pessoal.

Estreou-se nesta ópera, em Lisboa, o tenor Giacinto Prandelli. Tem voz e figura para o papel de Paolo, o «Formoso». Afro Poli ainda não se defende convenientemente do papel de «Gianciotto». Naquele, veemência a menos, neste, agitação a mais, mas o ritmo do conjunto, principalmente, pareceu-nos fraco, pouco estudado, sobretudo em todo o 2.º acto, em que as duas exigências de encenação não podem ser supridas por luzimentos de guarda-roupa e de apetrechos de cena. Mariano Caruso fez prodígios no papel de «Malatestino».

Voltando aos pontos fracos do espectáculo, o cartão pintado das muralhas ainda podia

(Continua na 1.ª pág.)

LUCILIA DO CARMO, canta hoje na sua **TÍPICA ADEGA** juntamente com **CARLOS RAMOS**.



MARCIA CONDESSA

comunica aos seus amigos e admiradores que se encontra a actuar com **Estela Alves**, **Arinda Vitória** e **Manuel Fernandes**, na **CAVE REGIONAL DO PORTO**, á Praça Marquês de Pombal, 15, onde aguarda o prazer de continuar a ter a honra da vossa visita.

Teatro Nacional de D. Maria II

Hoje às 21 e 30 o formidável êxito

AS ARVORES MORREM DE PÉ

Extraordinária criação de Palmira Bastos

Ainda esta semana, para a 4.ª recita de assinatura—a peça italiana em 3 actos **FILOMENA MURTURANO**

GINÁSIO

HOJE, às 21 e 45

Grande êxito da sensacional peça de **EDWARD PERCY**, tradução e encenação de **António Pedro**

A LOJA DA ESQUINA

com **ALVES DA CUNHA** à frente de um grande elenco artístico

Todos os dias, às 15,30 e 18,30, o extraordinário filme **IREMOS A PARIS**

AVENIDA

HOJE, às 21,30

Grande êxito da nova companhia de comédias com as famosas peças

Está lá fora um inspector

de Priestley

Três gerações

do dr. Ramada Curto

com Maria Matos, Maria Lalande, Josefina Silva, João Villaret, Assis Pacheco e Igrejas Caetano, à frente de um grande elenco!

SOLAR DO DUQUE

O melhor restaurante típico de Lisboa

Regueirão dos Anjos, 20-22

Todos os dias pratos especiais, Almoços, Jantares e Ceias com Orquestra

Telefone hoje para 29387 e marque a sua mesa para a estreia do cantor **Carlos Ramos**.



António Caricias

LUSO

T. da Queimada, 8-A

Telef. 32889

HOJE até de madrugada

Animador: Filipe Pinto

Fados por MANUEL DOS SANTOS, Quintina

Gomes, Maria José da

Guia, Joaquim Geraldes,

Emelina Lopes e o impa-

gável António Caricias. Solos por Camarinha e Miguel Ramos. O LUSO E O SALÃO DE MAIS AMBIENTE CASTIÇO.

Dois nomes... Duas personagens inconfundíveis no Fado:

Lucilia do Carmo e Carlos Ramos

Hoje e todas as noites na AD GA DA LUCILIA

O PÚBLICO APLAUDIU! A CRÍTICA ELOGIOU!

—O ESPECTÁCULO QUE A TODOS AGRADA E—
TODOS DIVERTE!

COM

MAUREEN O'HARA

PAUL CHRISTIAN

VINCENT PRICE

EM PLENO ÊXITO NO

EDEN

MAIS BELO E GRANDIOSO DO QUE UM CONTO DAS MIL E UMA NOITES!

* * *

Uma estonteante princesa do deserto joga os seus encantos contra a fúria de guerreiros selvagens

um exclusivo da DOPFILME



DUAS SESSÕES às 20,30 e 22,45 H

APOLLO



AQUELTA-TE ZE!



Parreirinha do Rato

HOJE, às 21 e 30, festa artística de

HERMINIA ROSA

em que toma parte gentilmente a grandiosa artista

AURARIBEIRO

Moisés Campelo, Duarte Pais e outros

Aura Ribeiro Direcção de Alberto Cardia

Vá hoje à **ADEGA DA LUCILIA** ouvir **Carlos Ramos** com o seu castico e se'cto reportório

5.ª FEIRA! O LAR DOS GRANDES SUCESSOS POLITEAMA 5.ª FEIRA!

CUIDADO!... REPETIMOS!... ESTE NÃO É UM FILME BAIAL!!

E' a estreia mais séria e de maior responsabilidade da temporada da **RKO!**

E' a máxima obra do prestigioso **SAMUEL GOLDWYN** o produtor que não faz ninharias!

que Deus me Salve

DANA ANDREWS
JOAN EVANS

FARLEY GRANGER
Realiza **MARK ROBSON**

THE EDGE OF DOOM

AVISO: Venda antecipada de bilhetes para toda a semana

ADVERTÊNCIA

Não é aconselhável aos fracos de espírito ou de temperamento acanhado

RECOMENDA-SE não esperar a ultima da hora para adquirir os lugares.

MAXIME

UMA ATRACÇÃO DE GRANDE CLASSE!
ERASTO AND HIS DANCERS
Um conjunto coreográfico apiaudido com entusiasmo

IRINA KOSMOVSKA

Carmencita Roy
Angeles y Mercho
Henriqueta Reys
Lolita Calvo
Lolita Valadares

TONY AMARAL com o seu animador **MAX**
e a vocalista **TERESA MALDONADO**
TROPICAL-BOYS com o cantor **ARTUR RIBEIRO**

UM DESFILE DE EXITOS ENTRE VIBRANTES APLAUSOS

A ESPLENDIDA PARELHA
MARI-ROSA Y EL GITANO
no seu admirável repertório de canções e bailes gitanos

ESTER DE MURILLO

Musica pelas orquestras
1.ª vez no nosso país
animador **MAX**
e a vocalista **TERESA MALDONADO**
TROPICAL-BOYS com o cantor **ARTUR RIBEIRO**

TALISMÃ

— Mais do que um programa, um amigo —
Apresenta hoje

PÁGINA DA MULHER

Na onda de **Rádio Club Português**
das 20.30 às 21 horas

Convidada de honra, **MADAME VALLE**
um dos expoentes máximos da Alta Costura

Ao microfone: **MARIA DE REZENDE**
ARMANDO MARQUES FERREIRA

OLIMPIA CLUB

APRESENTA
A FAMOSA
ATRACÇÃO

a estupenda **LITA VIVIAN** Vedete internacional pela 1.ª vez no nosso país
NUM EXTRAORDINARIO PROGRAMA COM

MANOLITA JEREZ || **LA CORDOBESITA**
e **PACO SOTTO** || e **CARMEN GIMENO**

CARMEN UBILA — **MELITA MARTIN** e **LILIAN DE NAGY**
e a alegre **ORQUESTRA OLIMPIA** com o seu cantor **Abreu Moreira**



O Pal da Noiva

com Spencer Tracy, Joan Bennett e Elizabeth Taylor
«Matinees» às 15.15 e às 18.15

T. 27172 - A's 21 e 30

EDEN

BAGDAD

Em colorido, com Maureen O'Hara e Paul Christian
«Matinees» às 15.30 e 18.15

As 21.30
Telef. 22523

CONDES

O super sábio

2.ª semana da hilarante comédia
com o extraordinário cómico **CANTINFLAS**
«Matinees» diárias

As 15.30 e 21.30
Telef. 20000

TRINDADE

A ESTALAGEM DO CAVALO BRANCO

Em retumbante éxito a famosa opereta
Lindas musicas, Lindas mulheres, Lindas canções

As 15.30 e 21.30
Telef. 20000

R. E. X

REVOLTA NA INDIA

Desfile de Melodias
Desfile de Melodias

As 21 e 15

L. I. S.

TIVOLI

ESTREIA GRAND.OSA
Perras que foram homens
Uma história impressionante, com **CLAUDETTE COLBERT**

Telef. 50595
A's 21.30

Politeama

UM EXITO MONSTRO!
Falsa acusação
com Richard Widmark e Linda Darnell
A's 18.15 (prec. rad.): Bucha e Estica em
«UMA VEZ DOIS VALENTES»

HOJE
AS 21.30

SÃO JORGE

SESSÕES às 15-18-21.30
2.ª semana da comédia musical em technicolor
A Linda Diladora
com Esther Williams, Frank Sinatra e Gene Kelly
Gerald Shaw, em orgão

Plat. 54153 - Bal. 54154

CAPITULIO

Hoje, em despedida:
A cidade abandonada
com Gregory Peck, Anne Baxter e Richard Widmark

As 21 e 30
Telef. 27493

ODEON

So hoje e amanhã:
Francesca feita à pressa
Uma comédia com Dorothy Lamour e Don Ameche
«MATINEES» DIARIAS

AS 21 e 30

PALACIO

A's 21 e 30

CASINO ESTORIL

A's 21 e 30
A FERRO E ESPADA
com Fernand e Junie Astor

CRISTAL

Bar-Dancing
da Moda

EM ESTREIA: **ELVIRA RIPAMONTE** EM BAILES CLASSICOS E DE FANTASIA
OLGA RIVERO || **PILARIN ARANA**
A VOZ MELODIOSA DE CUBA || BAILARINA ACROBATICA

NUM MARAVILHOSO PROGRAMA
COM TODO O ELENCO DO CRISTAL

AS MAIS LINDAS CANÇÕES DO MOMENTO POR
ELISA ISABEL — **CARLOS ROCHA** e **FERNANDO LA RUA**
e as orquestras **CARAVANA** e **NIGHT AND DAY**

ARCADIA

DANCING
DE LUXO

HOJE E TOD S AS NOITES NUM EXITO GRANDIOSO

AS DINAMICAS ORQUESTRAS
BLUE-SKIES
com o solista Alfredo Costa

ARCADIA
com o cantor Cassagne

O GRACIOSO CONJUNTO COREOGRAFICO
BALLET MARYBELL
A NOTAVEL PARELHA DE BAILE
HERMANOS GOYA
LIDIA LUSITANA e **LUIZA ROYO** e **HERM. MONTIJO** e **BELEN CRUZ** e **PERLA LEVANTE** e **CONCHITA DEL VALLE** e **MARY OLIVARES** e **CARMEN IRIGOEN** e **MARY CARMEN** e **ARACELI PENA** e **MARY DILY**

Aberto das 21.30 às 3.30 horas **RITZ CLUB** Rua da Glória, 57
Telef. 25140

O DANCING DA ALEGRIA COM ENTRADA LIVRE E SZELECCIONADA
Apresenta a primeira **JULIETA RODRIGUES**
vocalista portuguesa em colaboração com a dinamica **ORQUESTRA THE ROYAL JAZZ**

Direcção artistica de **PEDRO SALDANHA**

FOTOS "Aurea"
UMA DEZENA-ESC 10.00
Entrada Rápida R.00 OURO, 200

CARLOS RAMOS, o sentimental cantador, estreia-se hoje na **ADEGA DA LUCILIA**

Leiam o jornal «SEMPRE FIXE»

As novas tarifas

aplicam-se automaticamente
a todos os consumidores

sem que se torne necessário
qualquer solicitação especial

(Continuação da 1.ª página)

solicitamente os elementos necessários, quer aceitando com espírito compreensivo a solução do Governo, embora com sacrifício, que se espera seja temporário, dos seus anteriores rendimentos.

Como se acentua no citado despacho, o novo sistema tarifário, que beneficia todas as categorias do consumo, exceptuada a tracção, constitui o primeiro passo decisivo para tornar mais acessível ao publico esse maravilhoso instrumento de progresso que é a electricidade, objectivo que se pretende, aliás, melhorar sucessivamente, com o desenvolvimento do plano de electrificação nacional, conforme se depreende da seguinte passagem:

«Um objectivo tem de atingir-se inalteravelmente: o fornecimento de quantidades crescentes de energia, a preços cada vez mais baixos, dentro, evidentemente, do equilíbrio económico dos produtores, transportadores e distribuidores».

Como se sabe, no que respeita à energia para usos domésticos, passa a haver três escalões de consumo, a determinar segundo o quadro que publicamos e cujo preço é, respectivamente, de 2\$00, para o 1.º; de 1\$50 para o 2.º; e de \$70 para o 3.º. No estudo deste problema adoptou-se o critério de diminuir o preço unitário, de preferência a encurtar a extensão de cada escalão, pois essa solução permite beneficiar todo o publico. No comum dos casos, devido à exiguidade do 2.º escalão, o novo regime aproxima-se do sistema instituído no Porto, conforme se verifica pelo gráfico que publicamos.

Não pode deixar de citar-se, com particular relevo, pela intenção que a ditou e pelo alcance social que encerra, a criação de uma nova tarifa doméstica, privativa dos consumidores «economicamente débeis» e ao preço unitário de 1\$50, da qual se calcula que beneficiem imediatamente cerca de 8.000 famílias, ou seja mais de 30.000 pessoas.

Finalmente, o sr. dr. Ulisses Cortês quis terminar o seu despacho com mais uma nota de agrado para o publico consumidor: é que o novo regime, que entra em vigor com a leitura de Abril e durará um ano, será revisto depois «para procurar atingir novo esquema de preços que, dentro dos princípios basilares da nova ordem económica e social, facilite e estimule ainda mais a expansão do consumo».

Texto do despacho que estabelece um novo sistema tarifário

O despacho do sr. ministro da Economia, que estabelece o novo sistema tarifário é do seguinte teor:

1—O inicio de laboração da Central de Castelo do Bode—primeiro aproveitamento hidro-electrico do rio Zêzere—veio reduzir de forma apreciável o custo de produção do kWh, alterando sensivelmente o panorama dos preços da energia electrica fornecida à cidade de Lisboa e seus arredores.

Apesar de, por enquanto, apenas um dos seus três grupos geradores estar em condições de trabalhar e de a segunda linha de transporte Castelo do Bode-Lisboa não ter sido concluída, é possível desde já alimentar as redes das Companhias Reunidas Gás e Electricidade com energia de origem hidráulica. Terá, no entanto, de manter-se em funcionamento paralelo, embora a carga reduzida, a Central Tejo, como complemento indispensável para ocorrer à cobertura de pontas de potência e garantir a continuidade do serviço, nesta fase inicial do trabalho do Zêzere e da linha transportadora.

Calcula-se que, no ano corrente, a emissão termo-electrica necessite atingir 50 milhões de kWh, ou seja menos de 25 % do total. Desta forma, o preço unitário da energia mista baixará de maneira a consentir imediato beneficio para a economia publica.

Algumas vantagens se poderão, assim, desde já, colher dos esforços diligentemente desenvolvidos no sentido de materializar o programa de realizações previstas na lei da electrificação nacional: menor desembolso por parte dos consumidores e considerável redução na importação de combustiveis estrangeiros—dois beneficios de grande valia a registar no crédito do

grandioso empreendimento. Além disso, torna-se possível dar o primeiro passo no sentido de estabelecer um sistema tarifário que possa decididamente actuar como instrumento fomentador de consumo, tanto na capital como nos arredores, permitindo antever novas reduções de preços e assegurar a viabilidade económica do prosseguimento da politica da electrificação geral do País.

O estudo técnico-económico do problema das tarifas

2—O Governo, atento ao superior interesse publico, julgou chegado o momento de efectuar a revisão dos preços de venda da energia, até agora praticados pelas Companhias Reunidas Gás e Electricidade.

Examinou-se o problema com prontidão, mas também com a meticulosidade devida a questões desta complexidade e melindre.

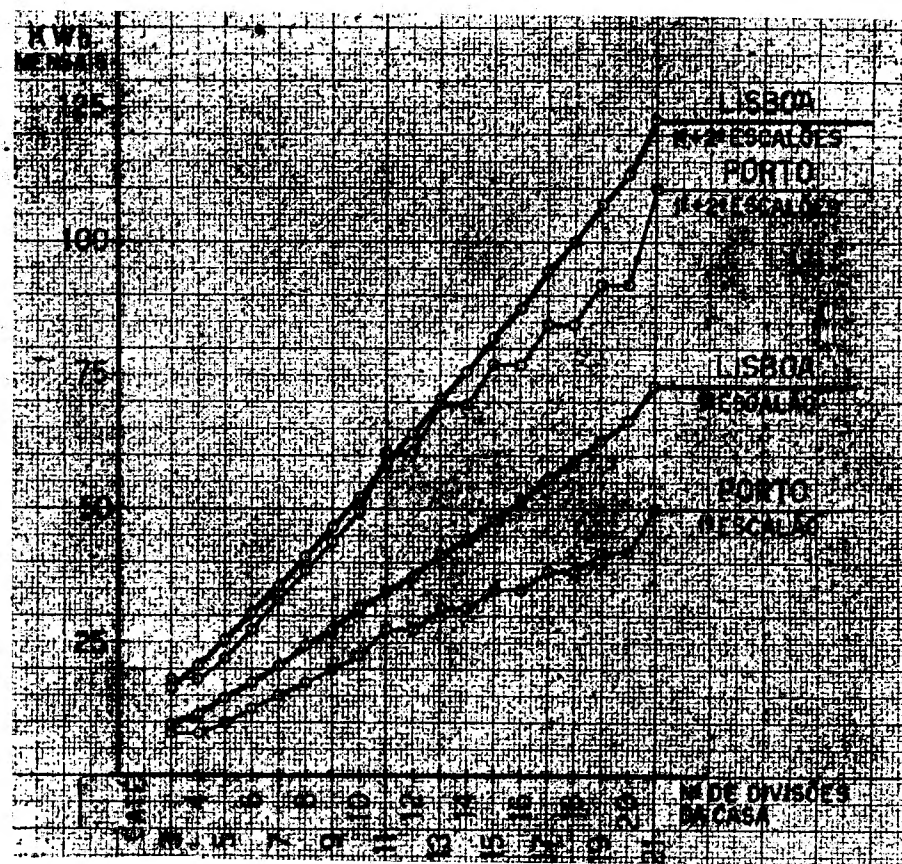
Deve-se uma palavra de apreço ao zelo, inteligência e inextinguível dedicação do Comissário do Governo, e também à forma como a empresa concessionária colaborou nos trabalhos efectuados, quer facultando solicitamente os elementos necessários, quer aceitando com espírito compreensivo a solução do Governo, embora com sacrifício, que espera seja temporário, dos seus anteriores rendimentos.

Os trabalhos levados a cabo basearam-se no estudo técnico-económico do problema, de que foi dado oportuno conhecimento à concessionária e cujo original fica arquivado em processo da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos.

3—O volume total provável da emissão em 1951 foi calculado em 220 milhões de kWh. Tomou-se como base desta estimativa o numero resultante da extrapolação das curvas de consumo dos anos anteriores, referentes a cada uma das classes de utilização, adicionando-se-lhes o fornecimento gratuito para iluminação publica e o gasto da própria empresa, bem como o valor das perdas na rede.

Fixado em \$32 o preço para o kWh vendido em Sacavém pela Companhia Nacional de Electricidade às Companhias Reunidas Gás e Electricidade, avaliou-se em \$44,8 o custo unitário na Central Tejo, trabalhando a baixo rendimento, e assim se pôde determinar em \$35,7 por kWh o preço da mistura—base de cálculo dos encargos da produção.

Examinaram-se depois, atentamente, as presentes condições de vida das Companhias Reunidas



Confronto dos valores médios dos escalões da tarifa geral doméstica em Lisboa e Porto

nidas no intuito de determinar os seus encargos: remuneração do capital accionista e obrigacionista, renovação do estabelecimento, despesas gerais administrativas, contribuições e impostos e obras sociais em favor do pessoal. Houve que considerar também a necessidade de novos investimentos, especialmente para continuação dos trabalhos de expansão das instalações. Calculado o total das despesas, ensaiou-se a aplicação de vários sistemas tarifários. Ponderaram-se as suas incidências tendo em vista a justa harmonia de todos os interesses. Deu-se preferência, finalmente, ao esquema agora adoptado, o qual conduz à redução máxima de preços que, no momento, se supõe compatível com o equilíbrio financeiro da empresa, meio de garantir a continuação da boa qualidade dos seus serviços em proveito do publico consumidor.

A extensão dos benefícios instituídos pelas novas tarifas

4—O novo tarifário beneficia todas as categorias de consumo, exceptuada a tracção. A energia consumida em usos domésticos,

salvo força motriz, até agora paga a 2\$50 pela maioria dos consumidores da capital e a 2\$50 e 1\$80 pelos que já se incluíam em regime escalonado, passa ao regime de três escalões, com base no numero de compartimentos da habitação e época do ano aos preços, respectivamente, de 2\$00, 1\$50 e \$70. O preço médio pode assim baixar desde já para nível sensivelmente inferior, ou seja de 2\$46,4 para 1\$84,5, representando uma diminuição de 25 %.

A iluminação comercial e industrial e a força motriz doméstica passam a ser pagas mediante tarifas que conduzem a uma redução de cerca de 17 %.

Para aquecimento, fora do horário da ponta de carga, a energia baixa de 1\$30 para \$70; mais de 40 %, por conseguinte.

A força motriz comercial e industrial continuará a ser paga, como até agora, em função da potência instalada, mas reduziu-se de 50 para 30 horas a utilização definidora dos respectivos 1.ºs escalões, o que se traduz numa redução do preço de 10 %.

A força motriz e outras aplicações de alta tensão, salvo tracção, sofrem baixa de 6,5 %. Cria-se uma nova tarifa doméstica especial, privativa dos consumidores economicamente débeis, residentes em casas com o máximo de três divisões, contadas para efeitos tarifários e aplicável até 100 kWh anuais, ao preço uniforme de 1\$50. Esta redução beneficiará, desde já, cerca de 8.000 famílias e deverá ser alargada no futuro, à medida que as circunstancias o permitam.

Atenuaram-se, também, excessos do preços nas redes existentes fora de Lisboa.

No conjunto de todas as classes de consumo o preço médio desce de 1\$20 para 1\$02,6, admitindo-se ainda que as Companhias Reunidas, para casos especiais não previstos, possam de futuro instituir novas tarifas, mais vantajosas para os respectivos consumidores.

Prevê-se a revisão do esquema de preços agora fixado

5—Não se considera definitivo o esquema tarifário fixado. As circunstâncias de que se reveste o problema da electrificação nacional, na pre-

(Continua na página seguinte)

Sofre de ardores no estômago?



Os ardores de estômago, a indigestão e outras indisposições do mesmo género são frequentemente causados por excesso de ácido no estômago. A MAGNÉSIA 'BISURADA' alivia a dor depressa. Isto porque a MAGNÉSIA 'BISURADA' neutraliza o excesso de acidez, permitindo uma digestão fácil. Compre ainda hoje 'MAGNÉSIA 'BISURADA' e evite assim as dores de estômago.

DIGESTÃO ASSEGURADA com

MAGNÉSIA BISURADA

À venda em todas as farmácias, em Pó e Comprimidos.

Há 3 espécies de Petróleo Químico Nally para 3 diferentes naturezas de cabelos.

O seu cabelo pode ser seco ou oleoso e para cada um destes casos há uma fórmula cientificamente estudada, a fim de compensar os tecidos geradores da carência ou do excesso de oleosidade.

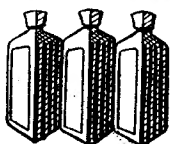
Mas há ainda uma terceira fórmula concentrada para os casos mais sérios de queda excessiva de cabelo, caspa rebelde, cabelos fracos e debilitados.

Para a próxima vez que compre,

PETRÓLEO QUÍMICO NALLY

peça a fórmula adequada à natureza do seu cabelo.

Todas as 3 fórmulas estão estudadas para dar uma nova vitalidade ao couro cabeludo, combatendo as diversas causas da queda do cabelo e deixando-o sedoso e brilhante.



Vida musical

Concerto na A. E. da Academia das Ciências

A Associação de Estudantes da Academia das Ciências, de colaboração com a Academia dos Amadores de Música, deu uma muito agradável sessão de música, verdadeiro modelo do que se deve entender por diversão cultural.

O concerto abriu com uma coleção de pequenas arias francesas, arrançadas para três violinos por Paul Arma, propagandista de cultura popular. As peças são do género tão necessário em que a boa qualidade de estilo, o desenvolvimento de uma sã musicalidade, se coadunam com a singeleza da escrita empregada. A execução revelou ao público três jovens violinistas, alunos da Academia, Luis Alberto Almeida, Adolfo Campos Chaves e Ramiro Azevedo Simões, que tocam com compreensão, coesão e afinidade.

Maria Delfina Costa Simões Cabral fez-se ouvir nalgumas peças para piano, entre as quais as 32 variações sobre um tema original, de Beethoven, que tocou ao mesmo tempo com personalidade e com sentido beethoveniano. Pela vida que imprime ao que interpreta, e pelas boas bases técnicas que demonstra, Maria Delfina Costa Simões devia apresentar-se mais a miúdo.

Finalmente, reapareceu o Coro da A. A. M., mas desfalcado, esperamos que passageiramente, de alguns elementos, o que prejudica o matiz sonoro e a segurança. Na variedade de peças que cantou, sob a direcção de Fernando Lopes Graça, houve felizmente lugar para a música contemporânea: um Madrigal de Luis de Freitas Branco, elegante nos desenhos de contraponto arrezado de escrita harmónica, e as «Quatro encomendações das almas» de Lopes Graça, em que encontramos a marca do sentido dramático do autor, e uma religiosidade profunda. O «Confiteamur nomine tuo», de Tomás Borba, enaltece a memória do mestre tão popular e querido, que foi por largos anos director artístico da Academia. A «Protola», de Trombocino, é fresca como o nome. E todos estes predilectos se tornam evidentes graças à completa identificação de Lopes Graça com cada caso musical.

Apesar de se tratar de uma organização de concerto, por assim dizer, particular, pode pedir-se, para a próxima, mais pontualidade.

«Polyphonia» no «Convivium Musicum»

Há bastante tempo que, por impossibilidade, não ouvimos o agrupamento coral «Polyphonia», mas seguimos sempre, através dos programas que nos eram enviados, e também das notícias dos jornais, a sua vida muito activa e o constante alargamento do seu repertório. Foi, portanto, com todo o interesse que nos dirigimos ao Museu João de Deus, para ouvir o programa destinado por Mário de Sampaio Ribeiro ao novo empreendimento «Convivium Musicum».

O grupo mantém-se com as características que já lhe conhecíamos: os naipes muito bem constituídos—os baixos, em especial, com formoso timbre e nitidez de emissão—rigor de afinação geral, sentimento de união um pouco unilateral nos trechos de música religiosa, cadências intermediárias ou mudanças de andamento um pouco frouxas. Não tinha mos por habituais umas ligeiras hesitações de ataque, por vezes.

Por isso, não achámos todo o devido carácter aos dois Corais de Bach, nem ao motete «Tribus Miraculis», de Lucas Marenzio; nem se nos impôs o motete «Ne laetetur inimica mea», de Damião de Gois, peça de capital interesse histórico. No, pelos vistos, valiosíssimo programa, destacavam-se ainda o genial rendilhado do madrigal «Stracciami pur il core», de Monteverdi, o puro estilo de Palestrina no madrigal «Alla riva del Tevere», o doce lirismo inglês dos madrigais de Orlando Gibbons, e de João Farmer.

O coro deu graciosidade de bom gosto à execução, tecnicamente mais suave, das duas cantigas do «Cancioneiro Publico Hortensiano», de Manuel Joaquim, e das duas «Chansons», de Vilancico de D. Pedro de Cristo; e deu todo o relevo, toda a animação, às cinco «Cantigas populares trabalhadas para vozes», em que se omitiu no programa o nome de Sampaio Ribeiro. Temos pena de continuar a achar fraco o estilo destes arranjos, mas fazemos justiça ao «trabalho vocal», de facto brilhante, e temos gosto em dizer que o público que enchia a sala reclamou incansavelmente extras-programa.

FRANCINE BENOIT

O comercio de Lisboa em Fátima

Um grupo de comerciantes da capital pensa organizar uma grande peregrinação a Fátima, nos próximos dias 12 e 13 de Maio (sábado e domingo). Ali iriam pedir a Virgem uma benção especial para as suas empresas, participando em todas as cerimónias. Como já se encontram inscritas algumas firmas, agradece-se a todos os comerciantes que desejem colaborar nesta iniciativa o participem à Casa Batalha, Rua Nova do Almada, Lisboa, ou pelo telefone 27313. A sua adesão pode, também, ser dada para a igreja dos Martires.

SABA RADIO

O preço da electricidade

Extensão dos escalões de consumo doméstico mensal kwh

NUMERO DE DIVISÕES (1)	1.º ESCALÃO (KWH) CONSOANTE AS LEITURAS DE				2.º ESCALÃO	3.º ESCALÃO
	Janeiro, Fevereiro ou Dezembro	Março, Abril, Maio, Outubro ou Novembro	Junho, Julho, Agosto ou Setembro			
1, 2 ou 3	12	10	7	7	Excedente do consumo mensal	
4	15	12	9	9		
5	18	15	11	11		
6	22	18	13	13		
7	27	21	15	15		
8	32	25	17	17		
9	37	29	19	19		
10	42	33	21	21		
11	47	36	24	24		
12	52	39	26	26		
13	57	42	29	29		
14	62	45	31	31		
15	67	48	34	34		
16	72	52	36	36		
17	77	56	39	39		
18	82	60	41	41		
19	87	64	44	44		
20	92	68	46	46		
Mais de 20	100	75	50	50		

(1) Para determinação do numero de divisões da casa, não se contam os seguintes compartimentos: vestíbulos ou entradas, casas de banho, retretes, corredores, compartimentos de área igual ou inferior a 4 m², despensas, celeiros, adegas ou dependências exclusiva e permanentemente destinadas a arrecadação.

(Continuação da página anterior)

senté fase de transição, aconselham a que, na sua solução, se adopte o método de aproximações sucessivas. Dado este primeiro passo, terá de aguardar-se, em atenta expectativa, a evolução dos acontecimentos e, designadamente, a reacção do consumidor perante as novas tarifas.

Um objectivo tem de atingir-se inalteravelmente: o fornecimento de quantidades crescentes de energia, a preços cada vez mais baixos, dentro, evidentemente, do equilíbrio económico dos produtores, transportadores e distribuidores. Tal equilíbrio resultará do volume de receitas provenientes da exploração, as quais se effectuem pelo produto de dois factores: consumo e tarifas.

O incremento do primeiro provocará, em condições normais, a descida dos preços, em escala correspondente.

A perspectiva de novas melhorias resultará, portanto, em grande parte, do acréscimo de aceitação que a energia eléctrica encontrar no meio, como há-de resultar também da progressiva execução do plano de aproveitamentos hidro-eléctricos e da rede eléctrica nacional, tanto mediante novas baixas de custo de produção como dos encargos unitários do transporte.

Encara-se o futuro com optimismo quando se considera a vastidão da obra em curso, o anseio de progresso que a anima e a distancia que ainda nos separa das elevadas capitulações de outras cidades e de outros países.

6.—Anualmente, voltará o Governo a examinar a questão apoiado nos ensinamentos colhidos no decurso das primeiras experiências. E então se considerará a eventualidade de correcção dos preços e, mais documentadamente do que hoje, a possibilidade de revisão da extensão dos escalões ou de quaisquer outros elementos da estruturação tarifária.

Manteve-se, pois, o 1.º escalão da tarifa geral doméstica em vigor e fixou-se para o 2.º uma dimensão igual ao mínimo daquele, em ordem a permitir a fácil passagem ao 3.º e ultimo. Preceitua-se também a aplicação automática do sistema, a fim de que todos os consumidores possam usufruir os seus benefícios independentemente de solicitação ou de qualquer outra formalidade.

O regime adoptado aproxima-se, no comum dos casos e devido à exiguidade do 2.º escalão, do sistema instituído no Porto, como claramente se deduz do confronto dos respectivos tarifários.

7.—O estabelecimento das tarifas aplicáveis aos fornecimentos das Companhias Reunidas Gás e Electricidade foi inicialmente regulado nos termos das cláusulas tarifárias, confiando a decisão do Governo tudo quanto respeita à fixação ou modificação de tarifas.

Assim o reconheceram também as Companhias Reunidas, por ocasião de anteriores revisões dos preços de venda da electricidade e do gás (Cfr. Despachos ministeriais publicados no «Diário do Governo» n.º 58, 2.ª série, de 8-3-43; n.º 139, 2.ª série, de 17-6-44; n.º 7, 1.ª série, de 10-1-45 e n.º 91, 2.ª série, de 21-4-47).

Nestes termos, ao abrigo do artigo 1.º e seu parágrafo 3.º do decreto-lei n.º 31.911, de 10-3-42, determino:

1.º—O sistema tarifário aplicável à venda da energia eléctrica nas redes das Companhias Reunidas Gás e Electricidade consta da tabela anexa ao presente despacho, que dele faz parte integrante.

2.º—As novas tarifas aplicar-se-ão, para cada consumidor, à energia gasta seguidamente à leitura dos respectivos contadores no mês de Abril de 1951 e manter-se-ão em vigor durante o prazo de 12 meses.

3.º—Findo este prazo, deverá proceder-se a nova revisão, para procurar atingir novo esquema de preços que, dentro dos princípios basilares da nossa ordem económica e social, facilite e estimule ainda mais a expansão do consumo.

Tauromaquia

O «viveirista» da Golegã

Patricinio Cecilio—que, como amador, nos deliciou tanta vez com a sua arte—tem-se dedicado, nos últimos tempos, a cultivar, no seu «viveiro» da Golegã, preciosas plantas destinadas a fazer boa figura nos difíceis certames do toureio. Assim, depois de Manuel dos Santos, hoje figura mundial, que passeia triunfalmente por terras de água e além-mar, com temeridade e emoção a sua e a nossa bandeira, apresentou-nos António Santos, fino e artista, cujo nome já ressoa pela Península, e ontem, por ultimo, mostrou-nos Francisco Mendes, um rapaz cheio de fibra toureira, de valentia e de serenidade.

Com Anselmo Liceaga, o mexicano que, na sua primeira apresentação, tanto entusiasmou o publico, e que ontem só pôde repetir o êxito no seu segredo, em que teve musica e chamada aos tórcios, pela sua actuação principalmen-



te com a muleta, formavam os dois últimos novilheiros o excelente cartaz de ontem, no Campo Pequeno; mas, assim mesmo, e apesar da comparação dos turistas do «Carónia» o publico não tapou as vagas deixadas pelos que foram para Sevilha, ou às Salésias. António Santos—que já no primeiro novilho entusiasmara o publico—teve, com a muleta, no seu segundo, um merecido êxito apoteótico: ovações, musica, duas voltas ao «ruedo» e «sacado en ombros» até ao automovel. E Francisco Mendes, apesar das dificuldades que apresentaram os seus novilhos, pôde demonstrar qualidades suficientes para lhe assegurarem um futuro promissor. Apenas uma observação: no toureio parado, a excessiva rigidez do corpo acaba por provocar atropelamentos.

O toureio a cavalo esteve a cargo de Manuel Confe, uma das figuras de quem se pode esperar que contribua grandemente para que não esmoreça o interesse por tal modalidade que já registou várias crises. Lidou o seu primeiro touro—bem apresentado e com nervo, como o resto do curro com que se estreou a ganadaria de D. Duarte Atalaia—com verdade, cravando de frente e a sergo vários ferros justamente aplaudido, pelo que deu a volta, juntamente com Manuel Gonçalves de Oliveira, cabo dos forcados de Alhandra, que fez uma rija péga de cara. Foi mais infeliz no segundo, um animal difícil que tocou algumas vezes a montada e que destronou por várias vezes os forcados, mandando três para a enfermaria.

Da peonagem, há a destacar Francisco Costa, Guilherme Pereira, Manuel Alemão, Glória, Checa, Rosalito e Yague.

Ivo Borba foi um director á altura.—F.

Em Barcelona

BARCELONA, 16—Na corrida de ontem, o mexicano António Velazquez teve, no primeiro touro, uma «faena» extraordinária, com três «pinchazos» e duas voltas á arena, e no segundo esteve enorme, obtendo duas orelhas, rabo e duas voltas. Os espanhóis Manolo Gonzalez e Martorell, nos seus segundos touros, também cortaram duas orelhas e rabo. Os três matadores foram sacados em ombros.—(E).

Uma conferência nas Janelas Verdes

No dia 18, às 18 e 30, o sr. Myron Malkiel Jarmounsky faz a sua sexta conferência no Museu das Janelas Verdes. Falará de «O estatismo e o dinamismo na pintura», trabalho em que encarará os diversos modos de expressão pictural e o problema da distorção das formas.

Na Casa das Beiras

Na Casa das Beiras inaugura-se no próximo dia 22, e estará patente até ao dia 3 de Maio, uma exposição de pintura de António de Almeida, artista visense de muito merecimento, que vai apresentar em Lisboa alguns trabalhos de valor, entre os quais sobressaem aspectos regionais, paisagens, tipos, monumentos e naturezas mortas.

HIPISMO

MADRID, 16 — Disputando no concurso hipico, em Paris, o 3.º Grande Prémio da França, o capitão Carvalhosa classificou-se em 3.º lugar. A prova foi ganha pelo francês Deconet, ficando em 4.º lugar o tenente-coronel Navarro, espanhol.—(Efe).

Tónico capilar
levemente
perfumado

CABELOL

- * Elimina a caspa, secca ou humida
- * Suspende a queda do cabelo
- * Fortalece o bulbo capilar
- * Favorece a ondulação
- * Dá brilho ao cabelo

FRASCO NORMAL—17\$50
FRASCO DUPLO—30\$00

UM PRODUTO TOBEL

SCOTCH
WHISKYAgentes em Portugal:
MIRANDA & Ca.

R. Garrett, 74, 2.º—Lisboa

ECOS

O Governo inglês tomou a peito promover uma mudança de hábitos, nos cidadãos incorrectos, grosseiros, desleixados e insensíveis à beleza dos lindos sítios e paisagens.

Houve um tempo em que se dizia que, na Alemanha, todos os dias se procedia a uma grande operação de limpeza que abrangia os campos, as cidades e as matas. Na Inglaterra, vai fazer-se o mesmo, a fim de que tudo fique na devida forma—as ruas bem cuidadas, os jardins arados e floridos, os parques bem varridos, a população acuada e educada.

Entre nós, também se ganharia alguma coisa, se um sereno e perspicaz olhar vigilante velasse, dia e noite, chamando a atenção do publico para os seus deveres no que diz respeito à compostura, à linguagem e ao culto das árvores e dos monumentos. Lisboa figura hoje no numero das capitais que primam já pela boa aparência e pelo bom gosto. Convém, no entanto, não parar nesta obra, levando-a o mais longe possível.

A higiene da rua necessita dum esforço constante e diário, de modo que todos saibam ver e ser vistos, sem impedir que os outros façam o mesmo.

Acha-se publicada a 12.ª edição do «Prontuário de Ortografia» por António da Costa Leão. Não são necessárias mais palavras para fazer compreender o valor da obra. A sua crescente divulgação prova que o problema ortográfico é fácil de resolver.

O magnifico editorial do «Diário de Notícias», de hoje, certamente do seu ilustre director, termina assim:

—«Pertence a Deus o futuro. Perante as suas inquietações e os seus enigmas, qual dos dois homens—MacArthur ou Marshall—galopa a esta hora para Samarcanda?»

A luta que se está a travar, entre dois homens ou antes, entre duas correntes de ideias, é seguida em toda a parte, com a maior atenção.

O general e o político acabarão por entender-se ou por desentender-se completamente?

No primeiro caso, a razão e o bom senso alcançam um exito retumbante, no segundo, produz-se a uma confusão mais opaca do que a que reina nas regiões infernais.

Nós cremos que a democracia possui virtudes e qualidades que resistem a quantas provações e crises a submetam a duras crises. Os Estados Unidos, que afirmaram nos últimos anos um crescimento inigualável, não vão lançar-se nos braços da Fatalidade, consumindo-se numa luta interna, estéril e exgotante.

Passadas as horas tormentosas, ver-se-á que a grande Republica recobra novas forças e que se dispõe a não ceder a tentativas demagógicas, dado que reconhece, e reconheceu há muito tempo, que o seu progresso obedece a leis morais e sociais rigorosas que não dependem de duelos, nem de combates ocasionais.

Trygve Lie, secretário-geral da O. N. U. declarou o seguinte:

—«Não haverá terceira guerra mundial, se as Nações Unidas tiverem o apoio energético e total de todos os seus membros».

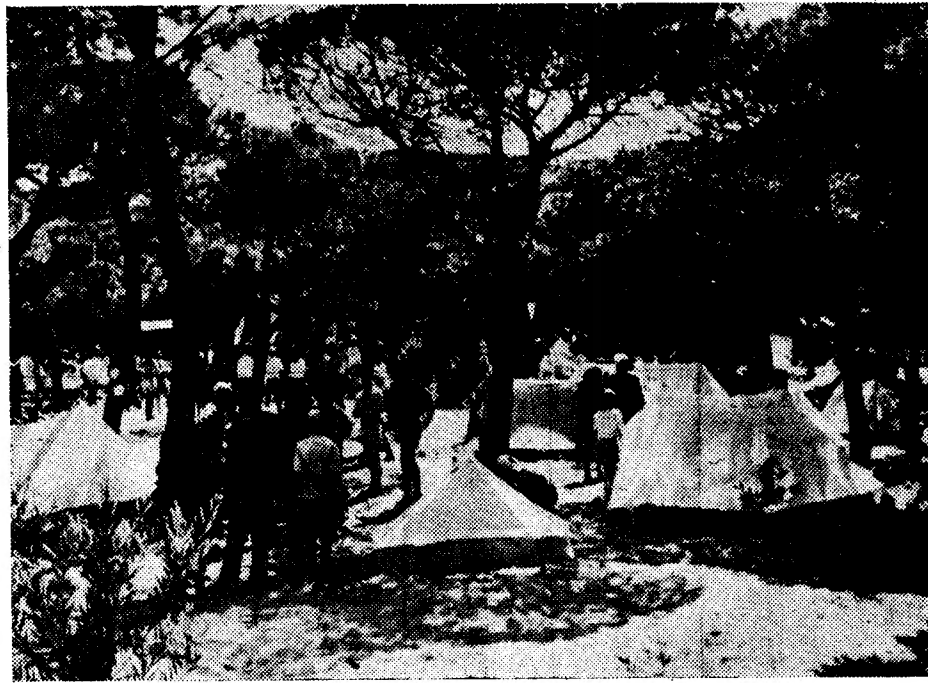
A enorme dificuldade reside, sobretudo, nisto—conseguir a união perfeita dos povos que são membros da O. N. U. Dentro dela, está Jesus e Judas, a redenção e a traição. Por mais que se faça, enquanto as Nações Unidas não tiverem a sua disposição os exércitos de que carecem para obrigar os recalcitrantes à submissão, o seu papel tem de ser precário e a sua existência sujeita a incertezas.

PRATAS

desde 1200 o grama e cordões de ouro a peso. Ourivesaria Joaquim Baptista da Silva

Rua Barros Queirós, 48

O VINHO DE
COLARES
é diferente porque é
MELHOR



Um aspecto do acampamento da Primavera

Mais de seiscentos campistas

participaram no Acampamento da Primavera

O movimento campista está entre nós em franco desenvolvimento, em paralelo com o que se passa em todos os países. O fenómeno assinala-se em toda a sua evidencia com a importância que assumiu o Acampamento da Primavera, realizado neste fim de semana, na Mata da Caparica, para o efeito especialmente cedida pelos Serviços Florestais.

A grande aldeia campista, constituída por mais de 300 tendas, ergueu-se rapidamente, dando alojamento a cerca de 600 campistas, representando colectividades de Lisboa, Almada, Setúbal, Barreiro, Sacavem, Arrentela, e mais, Vila Franca de Xira, Moscavide, e bem como o Clube de Campismo do Porto, cujos componentes se deslocaram a Lisboa utilizando a prática do «auto-stop».

Na noite de sábado para domingo, efectuou-se o «fogo de campo», em que se fizeram ouvir vários campistas em canções folclóricas, recitando poesias, assim como em pequenos quadros de teatro ao ar livre, procedendo-se nessa ocasião à escolha da eleita do acampamento, que recaiu na pessoa de Maria José Brandão Pereira, muito activa e entusiástica praticante do campismo. A cerimónia assistiram representantes da comissão de turismo da Câmara de Almada.

O acampamento da Primavera, que iniciou as actividades deste ano, permitiu assim, que se verificasse o desenvolvimento que o campismo tem adquirido ultimamente, tanto em Lisboa como nos arredores, sendo de notar a grande participação do elemento feminino.

O acampamento foi levantado ontem à tarde e os campistas debandaram cantando, enchendo de alegria os autocarros e os barcos em que se deslocaram para Lisboa.

Amanhã será inaugurada, na sede do Clube de Campismo de Lisboa, promotor daquela

manifestação, uma exposição de fotografias do acampamento. Todos os campistas que fizeram reportagens fotográficas podem participar na exposição, entregando as suas produções, em qualquer formato, na secretaria do clube, até às 21 horas.

Será votada amanhã a questão de confiança ao Governo francês

PARIS, 16—Amanhã, em sessão pública, a Assembleia Nacional votará sobre a questão de confiança apresentada pelo Governo. Trata-se ao mesmo tempo de aprovar a política geral do Gabinete de Henri Queuille, subcrever o pedido de aumento dos encargos fiscais e aprovar o abreviamento do mandato parlamentar.

Os observadores fazem notar que o presidente do Conselho, antes de comprometer a existência do seu Governo, tomou a precaução de se avistar com os chefes dos grupos da maioria para os tranquilizar quanto à sua política externa e financeira.

Pensa-se que a homogeneidade do Gabinete poderá resistir à prova da questão de confiança, a não ser que surja no derradeiro momento algum incidente por causa de certas disposições contidas nos projectos financeiros de Maurice Petsche, ministro das Finanças.

Quanto à data das eleições, tem-se como mais ou menos certo entre os grupos da maioria que estas poderão realizar-se em 10 de Junho como se propôs. Só o Partido Comunista pede que a Assembleia termine o seu mandato no prazo legal, isto é, em Outubro de 1951.—(F. P.).

Manobras aero-navais dos países do Tratado de Bruxelas

LONDRES, 16.—Navios de guerra, aviões e tropas britânicas e holandesas vão cooperar em exercícios combinados que durarão três dias em fins de Abril, para experimentar os sistemas de comando e de comunicação, segundo anunciou a Organização do Tratado de Bruxelas.

O cruzador-ligeiro holandês *Tromp*, 2 contratorpedeiros britânicos, duas fragatas holandesas e alguns barcos-torpedeiros britânicos e holandeses, lanchas de desembarque e lanchas a motor realizarão exercícios em colaboração com as forças aéreas e terrestres holandesas. Os exercícios serão dirigidos pelo contra-almirante C. W. Slot, comandante-chefe das forças metropolitanas da Holanda.—(Reuter).

A «miraculada» de Vila Chã foi declarada pelos médicos como mistificadora

COIMBRA, 16.—(Pelo telefone).—Quase todos os jornais do País sobretudo os do Norte se ocuparam, várias vezes, da repercussão que teve entre o povo ingenuo o caso de uma rapariga a quem, uma vez por semana, aparecia uma cruz na testa e outras, às vezes, na mão. Verdadeiras multidões acorriam a Vila Chã, aldeia do concelho de Alfândega da Fé onde residia a «miraculada» Amélia da Natividade Rodrigues, de 22 anos, rapariga de família humilde e fracas letras. O movimento espantoso criado à sua roda pela ignorância do povo, e casos de «milagres» que se invocaram, tudo transformou Vila Chã numa espécie de Terra da Promissão, para as mágoas e sofrimentos das crentes. Muitas subscrições se abriram, então entre as populações, e, diga-se desde já que o «negócio» se revelou bastante pingue...

Todas as segundas-feiras, sobretudo, a Amélia da Natividade aparecia com o estigma do crucifixo, na fronte e na mão direita, curvando-se a multidão perante este fenómeno da graça divina. Pelo País inteiro—e sobretudo em algumas regiões do Norte—corria já o seu retrato assinalando os estigmas desta miraculada, por o comércio fácil e de ocasião tinha-se já, de algum modo, estabelecido a sua roda.

Do que então acontecia em Vila Chã, nem todos os parentes da Amélia da Natividade pareciam, entretanto, convencidos. O seu internamento num hospital foi solicitado e, de facto, faz hoje oito dias, a rapariga foi entregue, nos Hospitais da Universidade, aos cuidados e observações clínicas do sr. prof. dr. João Porto. Ainda nos primeiros dias, a Amélia recebeu visitas de crentes—visitas que iam engrossando em numero, o que aconselhou o seu isolamento completo.

Começou, então, um pequeno período de observação cuidadosa, pelas colheitas para análises laboratoriais. Depois, arrancaram-lhe a pele da fronte e da mão, uma pele escamosa onde se lhe revelavam os estigmas. Entretanto, vendo-se em clausura, a Amélia entrava em grande agitação, traduzindo a sua ira, com improperios contra as enfermeiras. E, para marcar o seu protesto, negou-se a comer fosse o que fosse, alimentando-se apenas, com a água de um garrafão que levava consigo. O seu estado de saúde passou a ser precário, pois, durante cinco dias, assim se alimentou, entrando numa espécie de inanición, tal como se apresentava, anteriormente, aos ingenuos crentes que a procuravam. O seu desespero, porém, aumentava, à medida que a segunda-feira se aproximava—dia em que ela habitualmente se fazia passar como beneficiada pelas graças celestes.

A estreita vigilância a que foi submetida numa altura em que, naturalmente, estava já vista a opinião do sr. prof. dr. João Porto levou, por fim, à conclusão de que a Amélia da Natividade trazia ocultos consigo um minúsculo espelho, um crucifixo e um frasquinho cheio de um líquido em que impregnava a cruz.

Dáqui a chegar-se à conclusão definitiva de um passo: facilmente se soube que a «miraculada» comprimia o crucifixo na testa, fazendo-a empalar.

Todos os «utilitários» foram apreendidos, a embusteira foi posta fora do hospital e, para esclarecer completamente a embustice, com a sua autoridade de médico e católico, o sr. prof. dr. João Porto vai publicar um relatório. Assim se esclarecerá a opinião publica e se prevenirá o povo de que deve ter muito cuidado com as mistificações e os «milagres», nestes tempos que vão correndo.

Resta só esperar que a embusteira e quanto contribuíram para a sua façanha prestem contas à justiça, pelo mal e prejuízos causados ao povo ingenuo e ignorante. E que este, vendendo punida pelos homens de Justiça, não a julgue vítima de impiedade, em nome de Deus e da verdade divina...

As negociações para a construção de um «pipe-line» em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 16.—A bordo d'um avião militar da Rodésia do Sul, chegam amanhã a esta cidade a delegação nomeada pelo Governo rodésiano para trocar impressões com a comissão dos Caminhos de Ferro de Moçambique, nomeada pelo Governo da colónia, sobre o pedido da Rodésia para o estabelecimento de um tubo condutor de gasolina da Beira a Umtali.

A delegação da Rodésia é chefiada pelo sr. Donald Henry Cummings e constituída pelos srs. tenente-coronel Arthur Leslie, Walker Materson e Eric Thomas.—(Lusitânia).

A Lei garante os trabalhadores contra
ULTRA
garante os patrões contra

Sede em Lisboa: R. da Prata, 108 (pendiente) — 32727

Pequenas notícias

do estrangeiro

Os foguetes da boda provocaram um grande incêndio

LYON, 16.—Durante uma boda na aldeia de Seriegos, dois rapazes que lançaram foguetes, incendiaram um celeiro e três outros edifícios, causando a morte de muitos animais domésticos. Os estragos elevam-se a mais de cem mil pesetas.—(F. P.).

Greve nas docas de Londres

LONDRES, 16.—Cerca de 9.000 estivadores puseram-se hoje em greve. As greves anteriores foram apenas de um dia, mas notícias da área das docas sugerem hoje que a comissão não oficial dos estivadores tenciona prolongar a actual paralisação por alguns dias. Ficaram paralisados cerca de 100 navios com a greve de hoje. (R.).

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje, em Lisboa, até às 16 horas: máxima, 23.5; mínima, 11.9. No mesmo dia do ano passado: máxima, 18.4; mínima, 7.9.

Viver é combater

combater é viver.

A Grande Ourivesaria da Moda
combate e vive, mas com lealdade.
Rua da Prata, 257.

Vai à praça

por 2.676 contos

a quinta da Penha Longa

em Sintra

No dia 1 de Maio vai á praça, em primeira hasta, a famosa quinta da Penha Longa, em Sintra, propriedade actual do dr. Luís José Seromenho e de sua mulher D. Dorothy Nightingale Seromenho.

Raras serão as pessoas que desconheçam os encantos, a história e o interesse da Penha Longa, que ainda há três anos foi objecto de uma valiosa monografia, do engenheiro Tude de Sousa.

A linda quinta fica acima e a poente do Linho, povoação na estrada de Ramalhã para Alcábaldeche.

A sua história assenta no Mosteiro da Penha Longa, no vale da ribeira do mesmo nome, pertencente aos frades jerónimos—Convento do N. S. da Piedade (1569), depois de N. S. da Saúde. Foi construído em 1355 e reconstruído em 1400, e deve-se a iniciativa á duquesa de Borgonha, filha de D. João I. D. Manuel I ali viveu num palácio que fez construir, e a infanta D. Beatriz, filha daquele rei, igualmente ali viveu, como o cardeal D. Henrique e D. Sebastião.

O convento, monumento nacional, com sua igreja, claustro, capelinha isolada, jardim, valores artísticos, ainda hoje é de admirar, uma maravilhosa paisagem, que se estende por matas, parques, jardins, vales, cumieiras, lagos, grutas, pinheirais e pomares.

Do duque de Saldanha ao dr. Seromenho

Em 1834, extintas as ordens, quinta e convento passaram para o Estado, que alienou tudo, menos a igreja.

Arrematou a quinta em 1836, por 21 contos, o marquês, depois duque, de Saldanha, que, afinal, pouca importância ligou ao monumento, desfazendo-se mesmo de materiais que foram para o Castelo da Pena no tempo de D. Fernando.

Em 1842 a lindíssima propriedade—onde se realizavam romarias tradicionais na primeira oitava do Espírito Santo—passou para os irmãos Lindenberg, comerciantes de Lisboa, que também adquiriram a igreja; em 1850 era só do Alfredo Lindenberg. Neste mesmo ano foi pechornado e transitou para a firma Bessones & Barbosa, de Lisboa; um sócio Tomás Maria Bessone promoveu ali grandes melhoramentos. Mas—triste sina!—a firma faliu e em praça arrematou toda a Quinta da Penha Longa o 1.º visconde da Gandarinha, Sebastião Pinto Leite; passou para sua viúva e sobrinha D. Clementina, desta para o sobrinho João Pinto Leite, que em 1921 legou a propriedade a seu filho José Pinto Leite, 2.º conde dos Olivais e Penha Longa. Em 1944 adquiriu aquela grande propriedade o sr. dr. Luís José Pires Seromenho, que se tornou o senhor de Penha Longa, de vasta área agrícola e florestal.

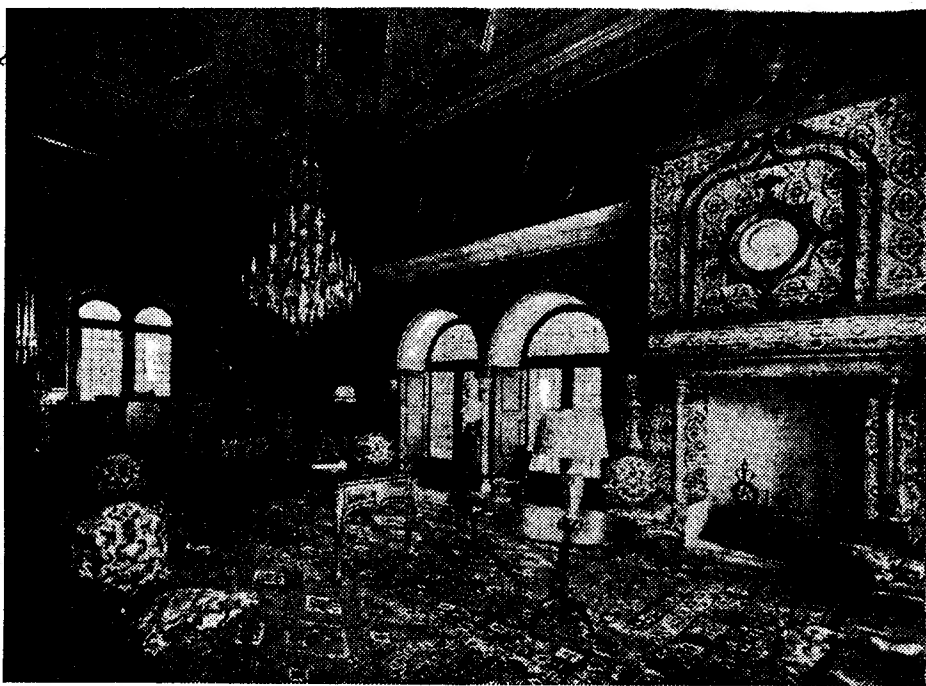
A quem irá parar?

A Quinta da Penha Longa, que está agora sob a alçada da Caixa Geral de Depósitos—a sina continua!—, numa área enorme, reúne o antigo convento, palácio, inúmeras habitações e armazéns agrícolas, cavalariças, garagens, currais e a parte rústica com a Tapada do Saldanha, cheia de árvores silvestres e terras de semeadura, o Pinhal de D. Maria, o Pinhal dos Ovos, a Quinta do Linho, o Pinhal das Minas, o Pinhal dos Três Cantos, o Montado da Raposa, a Tapada dos Fidalgos, a Quinta de S. Brás, a Quinta de S. Gonçalo, o Vale do Centeio, a Presa da Penha Longa, etc., tudo numa área aproximada de 620 hectares.

A base da praça é de 2.676 contos, valor da matriz.

E assim, após 117 anos de os frades de S. Jerónimo a terem abandonado, e depois de haver passado por mãos de nove proprietários—a linda Quinta da Penha Longa, de evocações históricas e maravilhoso cenário, transita mais uma vez de dono.

Para que mãos de outro senhor irá parar? Talvez o Estado, que já adquiriu o Monserrate, não venha a estar longe de novo senhorio.



A sala de musica do museu de Cascais

O museu-biblioteca de Cascais

é um alto valor de cultura e turismo

(Continuação da 1.ª página)

instituído por um legado daquele benemérito titular na casa que foi sua e onde viveu o morreu. Tem uma localização verdadeiramente ideal e um recheio que evidencia manifestamente o espírito artístico que presidiu á sua recolha e, integrado hoje no património municipal, como dispõe em testamento o seu doador, tem á sua frente, desde 1942, na qualidade de conservador tão meticoloso como inteligente, o escritor dr. António José Branquinho da Fonseca, que no desempenho das suas funções tem revelado o mais apurado sentido de valorizar os bens confiados á sua guarda. Que outra coisa será, efectivamente, senão valorizá-los—o propósito constante de dar a esses valores a utilidade social a que eles foram votados, atraindo o publico até eles, para que o publico deles recolha a lição de bom gosto e até a lição de conhecimentos que eles encerram?

Com este sentido superior a inspirar a sua vida viva, o museu e a biblioteca—onde não cheira a mofo—funcionam como célula de um organismo palpitante. O visitante percorre as salas—onde há preciosidades—como se percorresse salas de uma bela residência habitada, onde os encantos do arranjo se somam constantemente aos encantos naturais, numa harmonia que só um artista verdadeiramente espiritual poderia conceber e criar. Há no museu verdadeiras preciosidades—entre as quais um admirável Columbano—, preciosidades de pintura, de louças e de mobiliário, de sentido de arrumação e de requinte, mas há, também, de cada janela, um quadro opulento da Natureza em seus múltiplos aspectos, um desdobrar de verde vegetal ou de azul marinho que deslumbram sem nos perturbar. É que tudo aquilo é calmo, tranquilo, uma existência de passos atetados, de pessoas que se libertam de reboliços e recebem um verdadeiro banho de encantada serenidade.

Depois do museu, a biblioteca. Já existia, evidentemente, a biblioteca na residência do homem de apurado sentido estético que a fez e a doou á população da terra que escolheu para sua vida e para seu tumulo, mas a biblioteca do conde de Castro Guimarães foi, apenas, o ponto de partida, o núcleo inicial da biblioteca hoje existente. O dr. Branquinho da Fonseca, metódicamente, a pouco e pouco, ampliou as dependências da livraria; adquiriu, dentro das escassas possibilidades orçamentais em que a instituição se mantém, novas obras, para atender as tendências das diferentes e sucessivas camadas de leitores e, ao mesmo tempo, dentro de um inteligente critério de actualização; elaborou um meticoloso e valiosíssimo ficheiro de consulta, de uma simplicidade e de uma inteligência verdadeiramente modelares; dotou a sala de um conforto atraente, onde não faltam sólidas poltronas nem mesmo o acolhedor fogão de lenha para as tardes invernosas; elaborou um regulamento civilizado, que põe os livros á mão do leitor, em estantes abertas, acessíveis, sem burocracias escusadas ou impertinentes, e levou o propósito de facilitar e fomentar a leitura ao ponto de permitir, mediante certas cautelas de um formalismo pouco complicado, a saída de livros da biblioteca para casa de cada um.

Evidentemente, tudo isto não é uma enumeração de factos soltos, desligados, mas a sequência lógica de um programa, de um método de trabalho e, principalmente, de uma alta e generosa (mas verdadeira e justa!) concepção do valor social do livro, que não é objecto de museu, cerrado em vitrinas afetrolhadas, mas um instrumento vivo de cultura que deve ser posto á mercê de quem dele mais carece.

Não admira, por isso, que desde que Branquinho da Fonseca—um escritor que não é um distante snob das Letras—tomou conta dos destinos da biblioteca e lhe ampliou o seu interesse e a sua capacidade para satisfazer a um nu-

mero cada vez maior de curiosidades, a sua frequência tenha aumentado numa escala tão animadora como a que se traduz por estes números gerais: em 1942, no museu, 3.167 visitantes; na biblioteca, 167 leitores; em 1950, respectivamente, 5.947 visitantes e 2.999 leitores.

A curva ascendente do numero de obras consultadas cresceu ainda muito mais acentuadamente: apenas 254 em 1942 e logo 6.170 em 1945, ascensão que se explica pela compra de obras novas, mediante um critério que sabia conciliar as predilecções do leitor com as prevenções de quem orienta a leitura. Efectivamente, com as suas características de biblioteca popular de cultura geral—embora reúna também magníficas e valiosas espécies de alta cultura—a biblioteca de Cascais procura funcionar como instrumento de captação de todo o publico, através de leituras acessíveis, para o gosto pelo livro. Esse objectivo pode considerar-se efectivamente atingido, com a média de cerca de 500 leitores por mês, recrutados em todas as camadas sociais, podendo ainda apontar-se, como sintoma digno da melhor atenção, o facto de a secção de literatura infantil atrair igualmente um numero cada vez mais elevado de pequenos leitores, cuja composição natural, condicionada pelo próprio ambiente e sem qualquer instrumento de coacção a ditá-la, é encantadoramente exemplar.

Há meses, apareceu na biblioteca um professor de literatura portuguesa numa universidade britânica. Viera a Portugal para recolher elementos destinados a um estudo em que se empenhava, relacionado com os assuntos da sua especialidade universitária. Mas deparara com uma dificuldade grave: o tempo limitado de que dispunha para permanecer em Portugal não se harmonizava com o horário estreito das nossas bibliotecas publicas, e a solução de requisitar obras para estudar em casa não é admitida pelos regulamentos. O Instituto Britânico recomendou-lhe a biblioteca de Cascais, onde, efectivamente, esse estudioso das coisas portuguesas encontrou á sua disposição os materiais mais urgentes para o seu trabalho. E foi dele, por acaso, esta frase, que traduz toda a amplitude dum problema:

—Na Inglaterra, os leitores podem levar para casa os livros de todas as bibliotecas, menos duma, a do British Museum.

Entre nós, poderá dizer-se que é a mesma coisa... ao contrario: em todas as bibliotecas publicas é proibido levar livros para ler em casa, menos numa, a do Museu Castro Guimarães...

A criação do Instituto Internacional da Imprensa

NOVA YORK, 16.—Está assegurada a criação dum Instituto Internacional da Imprensa, graças ao concurso financeiro das empresas Ford e Rockefeller, segundo anunciou o presidente da comissão nomeada pela conferência internacional dos redactores-chefes reunida em Nova York em Outubro findo. Esclareceu que aqueles dois estabelecimentos subscriviam com 50 e 40 mil dólares respectivamente, para os primeiros três anos do funcionamento do Instituto, cujos estatutos estão já elaborados.

O Instituto terá a sede na Suíça e reunir-se-á todos os anos num país diferente. Os seus membros serão recrutados entre os chefes de redacção dos jornais das nações livres. Os seus objectivos são: protecção da liberdade de Imprensa, liberdade de acesso ás informações para publicação, liberdade de expressão, e estabelecimento de entendimentos entre os redactores, com vista a fazer reinar a confiança entre os povos.—(F. P.).

EM 3 LINHAS

O restauro dos conventos da velha cidade de Benaulim, na Índia, serão directamente dirigidos pelo architecto Baltazar de Castro.

O poeta norte-americano Leonard Bacon publicou, o ano passado, uma tradução dos «Lusiadas» que lhe levou seis anos de trabalho, ganhando o prémio «Cervantes» para a velha obra portuguesa ou espanhola.

Os «Inválidos do Comércio», cujos fundos sociais se elevam a 11.360 contos, conta 33.629 associados, e deu assistência no ano passado a 237 pessoas.

A reunião anual dos componentes do batalhão dos caminhos de ferro, expedicionário de 1917, realiza-se a 6 de Maio em Sintra, devendo assistir 300 antigos combatentes, presididos pelo general Raul Esteves.

A Casa dos Pescadores de Sesimbra, que fora colectada em 158 contos de contribuição, viu confirmada pelo Supremo a anulação do encargo.

Foi criado um posto policial em Peniche, com um cabo e seis guardas

Ao dr. Manuel Xavier Morato, médico dos Hospitais Civis, foi concedida a medalha de ouro de bons serviços

A obra de abastecimento de água ao Seixal e a Arrentela custa 5.426 contos.

Vão prestar provas para doutoramento na Faculdade de Medicina de Coimbra os drs. Victorino da Costa Lopes Espírito Santo e Costa Barros.

Foi assinado um acordo com a Noruega (arua), em que foi prevista a exportação de 1.200 contos de concentrado de tomate e 1.000 contos de amendoas.

A Conferência dos Quatro poderá reunir-se no fim de Junho

PARIS, 16 — O regresso de Charles Bohlen a Paris não traz qualquer elemento novo susceptível de facilitar a evolução dos trabalhos dos quatro suplentes, segundo se soube de fonte bem informada. Quando o conselheiro da delegação americana partiu para Washington, os ocidentais pensavam que a redacção da agenda no fim de contas era de importância secundária e que bastava, para obter o acordo da delegação soviética, aceitar a inclusão do problema alemão na rubrica n.º 1, o que consideravam possível. Mas entretanto, tendo sido destituído o general MacArthur, parece que Truman quer evitar que o seu gesto surja como um sinal de fraqueza. Assim se explica nos círculos diplomáticos franceses o seu discurso extremamente firme de 14 do corrente sobre a politica americana na Coreia. Da mesma forma, a delegação americana á conferência dos suplentes, não deve tomar qualquer iniciativa que a oposição republicana possa apresentar como uma prova de cansaço. Não parece, por outro lado, que Gromiko esteja disposto a mostrar-se mais conciliante do que até agora.

Os trabalhos dos quatro recomeçam amanhã depois de três dias de interrupção. Consideram-se possíveis três saídas: 1.ª—A verificação dum malogro que tornaria impossível a convocação da conferência dos ministros; 2.ª—Pode prever-se uma agenda comum extremamente genérica em que nenhum dos pontos discutidos nestas seis semanas figuraria mas em que todos estariam implicitamente compreendidos; 3.ª—A conferência dos ministros poderia reunir-se sem ordem do dia. É uma das duas ultimas hipóteses que parece ser mais provável, pensa-se nos círculos franceses. A conferência dos quatro poderia reunir-se antes do fim do mês de Junho se, como se crê geralmente, as eleições legislativas francesas forem fixadas para 10 de Junho.—(F. P.).

PASTA MEDICINAL
Conto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

os Acidentes de Trabalho. O seguro na
MARINA
responsabilidades que a Lei lhes impõe.
lificio próprio — Telef. 32725/32726 (Ex-
Direcção) — Estado 205

A conquista de Piccadilly (I)

Sempre foi um derivativo a nossa ida a Wembley, campo de magníficas perspectivas e ainda hoje modelo de futebol, para assistir ao Inglaterra-Escócia, a batalha que decidia o título de campeão internacional, visto ambas as equipas estarem empatadas, com quatro pontos, seguidas do País de Gales com dois e da Irlanda, só com derrotas. Libertámo-nos, por momentos, do mundo do futebol português, dos comentários acertados e desastrosos dos críticos e técnicos, alguns desses comentários baseados em dados falsos ou seu desconhecimento, mas impanentes de tecnicismo, espichando sabedoria. Fomos ver os mestres em acção, e não só vimos a bola jogada por fenómenos como tivemos oportunidade de verificar que alguns dos conceitos que correm mundo acerca dos ingleses não se ajustam aos factos, pelo menos, à forma como decorreu a partida a que o duque de Gloucester, irmão do rei, emprestou solenidade, descendo à pista a apertar a mão aos jogadores, um por um. Tencionamos, mesmo, dar as nossas impressões, objectivamente, sobre este encontro que nunca mais esqueceremos, em toda a vida, dada a qualidade do futebol, em algumas crónicas, não deixando de referir as reacções do público, 100.000 pessoas, todas sentadas, das quais 40.000 escoceses, os homens que invadiram e dominaram Londres durante um dia e uma noite, desaguando na cidade, em massas compactas, com seus trajes garridos e pitorescos, boinas multicolores, uma sede insaciável e uma canção sempre no ar, quando não um bailado regional em plena rua.

E' impossível jogar melhor à bola. Enquanto estivemos no estádio vivemos a luta, dando-nos integralmente, com toda a nossa sensibilidade e emoção, admirando e observando o espectáculo de ponta-a-ponta, erguendo-nos do lugar, entusiasmados, algumas vezes, como que impelidos por uma força estranha.

Quando foi da grande derrota portuguesa, no Jamor, disse-se que os mestres ingleses haviam tido o seu grande dia, a tarde da apoteóse, mas, afinal, verificámos agora que a formidável exibição, por repetida em Wembley, está perfeitamente dentro da medida inglesa. Simplesmente, desta vez, o futebol atingiu ainda um ponto mais alto por virtude do nivelamento, ou despique, dir-se-ia os dois grupos empenhados em jogarem um melhor do que outro, dando-nos toda a gama de combinações e aspectos, uma beleza de jogo incomparável. Só jogadores tecnicamente completos, de grande escola, transmitindo ciência que se acumulou durante muitas épocas, com um perfeito conhecimento das manobras, nos podem, na verdade, dar uma visão tão harmoniosa, equilibrada, bela e emocionante, ao mesmo tempo sóbria e séria. Há no futebol argentino qualquer coisa de teatral. Os britânicos são, porém, a verdade do jogo. O seu futebol nunca faz sorrir; perturba ou entusiasma ou empolga.

Escócia demorou a ganhar o pleito, mas as bandeiras amarelas com o simbólico leão agitaram-se sempre ao sopro da vitória. Realmente, logo no primeiro quarto de hora, enquanto os grupos estiveram completos, os escoceses, impressionantes pela rapidez e precisão dos seus movimentos envolventes, ora uma teia de aranha tecida em passagens curtas, ora entregas longas, tiveram três oportunidades de golfe feito, surgindo, isolado, em frente das balizas, Jonhstone, o interior-direito, que as perdeu por ter na sua frente um extraordinário guarda-redes e por manifesta intenção de colocar a bola o mais afastada possível.

O choque de Mannion com Lidell, escocês que joga no Liverpool, este, a nosso juízo, o melhor homem em campo, mandando aquele para o hospital com uma brecha no rosto, não fez desaparecer o encanto da partida. Finney passou para interior-direito, talvez na raia manter íntegra a asa do célebre Matthews, o jogador de maior popularidade, e o desafio prosseguiu na toada de despique a sério, os ingleses talvez com mais raiva, eles também sabiam rançar os dentes, os escoceses abrandando um pouco no sentimento,

enganoso, de que a vitória não podia já fugir-lhes.

Passaram-se trechos, relativamente longos, de dez minutos inteiros, com a bola rasa no terreno, rolando mesmo, sem se levantar dois centímetros, velozmente, como puxada por fios magnéticos, com passes em profundidade e cruzamentos de jogo, mudando constantemente a zona de operações de um lado para outro.

Tanto a Inglaterra como a Escócia adoptam o mesmo sistema de marcação preconizado em Portugal, sem variantes, execução perfeita do que vem tratado em todas as Cartilhas que versam o assunto, mas, no entanto, devemos referir a verdade, o futebol parece outro e como que nos dá a sensação do sistema português ser muito diferente. Porque a marcação existe mas não se vislumbra ao primeiro golpe de vista, não havendo polícias e presos ou homens que se querem libertar da vigilância, mas fazendo cada um o seu jogo ao parecer, pelo menos, com liberdade, impressão falsa, certamente, mas que deriva das grandes qualidades dos jogadores, da sua admirável técnica, poder atlético, rapidez e flexibilidade.

Os contra-ataques desenvolvem-se com uma rapidez de manobra, de um e de outro lado, prodigiosa, em triângulos que são flechas, linhas rectas, parecendo que os homens não se movem mas que a bola tem electricidade.

Foi num desses contra-ataques que a Inglaterra, aos 26 minutos, fez o primeiro gol da partida, com um tiro seco, do interior Hassall, confessando, depois, o guarda-redes não haver visto a bola.

A Escócia carregou, então, mais a fundo. Jonhstone, aos 35 minutos, isto é, 9 minutos depois, estabeleceu o empate. E no trecho do começo da segunda parte, ganhou o encontro, tendo três bolas, aos 7 minutos, um remate terrível do centro-avanzado Reilly, e outro desferido pelo extremo Lidell, com as balizas desertas, por virtude do guarda-redes, Williams, estar estendendo e desenrolado no chão, contorcendo-se, por efeitos de carga brutal.

A partida ganhou, porventura, outro colorido, não menos interessante como espectáculo. Sendo mais perfeita a mecanização da Escócia, os ingleses sentiram que a situação sómente podia ser salva entremeando de jogadas e iniciativas individuais o chamado futebol de conjunto. Foi de arrebatar, então, ver as fugas de Matthews, as investidas acutilantes, fortes, rápidas, rasgando o espaço, desse extraordinário Finney, que conseguiu o segundo gol, transportando a bola colada ao pé direito, como que ao pé-corninho, e fazendo-a passar, no momento oportuno, por cima da cabeça do guarda-redes Cowan, o qual não teve outra solução do que sair da sua casa para ver se punha cobro à situação irremediável.

A excelência técnica do jogador inglês e escocês afirmou-se em todo o seu expoente e floração. Nunca vimos jogadores tão totalmente jogadores. E tantos! Todos, de uma a outra banda. Mestre Ferraz a jogar o bilhar, com a vantagem da bola ser mais dócil, moldar-se melhor, adquirir efeitos invulgares e maravilhosos. Perguntar-se-á: —Mas não houve nada mal feito? Lembra-nos um ou outro passe que saiu errado... mas não conservamos na memória, mesmo que rebusquemos, uma bola mal parada, um jogador sem estar no sítio próprio, um problema resolvido sem intenção.

Os escoceses deixaram Wembley entoando, vitoriosamente, as suas canções, ganhando por uma bola quando deviam vencer por diferença de três tentos, mas revelando-se felizes no burlho com rocas, sinetas, apitos, enchendo Londres de ruídos infernais, dando à canital um aspecto singular e único. A pigilância policial ao monumento do Amor, em Piccadilly, foi reforçada, e a pedra da Abadi de Westminster guardada a sete chaves. Não era caso para menos. Os escoceses, considerando-se os melhores de todos os britânicos, em matéria de futebol, faziam de Piccadilly, coração de Londres, o palco das suas canções e bailados.

TAVARES DA SILVA

DESPORTOS



INGLATERRA, 2-ESCÓCIA, 3—No primeiro quarto de hora sucederam-se com frequência as oportunidades da Escócia marcar. Na fase que reproduzimos, o interior Jonhstone rematou, mas a bola bateu no corpo de um jogador da Inglaterra, não entrando.

NAS SALESIAS

Sporting eliminado

A defesa belenense deu boa conta do recado



SALESIAS—Carlos Gomes, novo guarda-redes do Sporting, defende por alto, revelando segurança, apesar da carga de Castanheira

E o público, mesmo aquele que retirou de siludido, deu o tempo por bem empregado, porque acabara de ver jogar um bom desafio de bola.

A luta oferecida neste prêmio entre belenenses e sportingues foi, de facto, espectacular e emotiva, de «nervo» e dispêndio de energia.

Ambas as equipas lutaram com entusiasmo vibrante, os belenenses melhores na defesa, os «leões» mais enérgicos ao ataque, mas sem a pontaria afinada, criando lances de maior perigo, mas sem a faculdade de poder disparar o golpe mortal. Na formação das jogadas, o grupo leonino foi mais brilhante, mais produtivo e melhor organizador. Os de Belem, foram mais encarniçados na defesa, mais voluntariosos e ousados, mais destruidores e enérgicos. O resultado ajusta-se não ao que melhor actuou quando lançado ao ataque, mas sim ao que melhor soube aproveitar os lances que lhe deram a vitória.

O Sporting desenhou um jogo mais espectacular, bem urdido, com entregas de bola, desmarcações e fintas que provocaram exclamações de entusiasmo e surpresa.

Os «azuis» não demonstraram tanto entendimento nos dianteiros, jogaram mais aos repêlhos, foram talvez menos brilhantes, não provocaram com o desenho das suas jogadas aplausos tão vibrantes, mas foram muito mais uteis, decididos e práticos. Sem ataque que com as suas jogadas pudesse enleiar a defesa leonina e entontecê-la, porque Bucheli, apesar de trabalhar bem o esférico e sabê-lo dominar, revelou falta de pernas... jogando muito recuado e sem exercer a vigilância desejada e Marchiato navegava muito, os belenenses, tiveram nos dois médios de ataque Pedrito e Rebelo características bem diferentes, mas ambos diabólicos e num generoso dispêndio de energia, os «cobreiros» do resultado verificado. Pela obstinada obstrução feita aos ataques leoninos, nunca renunciando à luta, e na colaboração preciosa com os seus dianteiros.

Feliciano, foi a «chave» da barreira que os

avanzados do Sporting encontraram na conclusão das suas jogadas. Serafim, em dificuldade para lutar com a velocidade de Jesus Correia, teve de óptimo o tento que salvou no primeiro tempo e o seu generoso dispêndio de energia, nunca renunciando, apesar de ter estado pouco feliz a despachar. Sério foi um guarda-redes seguro, atento, bloqueando com segurança e boa visão. As suas seguras defesas a diversos tiros de Travaços mereceram bem os aplausos prolongados, que por vezes atrofiam nos ares. Sem avançados, iam a dizer no princípio destas considerações, os «azuis» que actuaram quase sempre ao ataque, sómente com três jogadores, atacando pelos extremos, tiveram em Castanheira o jogador que melhor soube espreitar as ocasiões para despedir o golfe fatal.

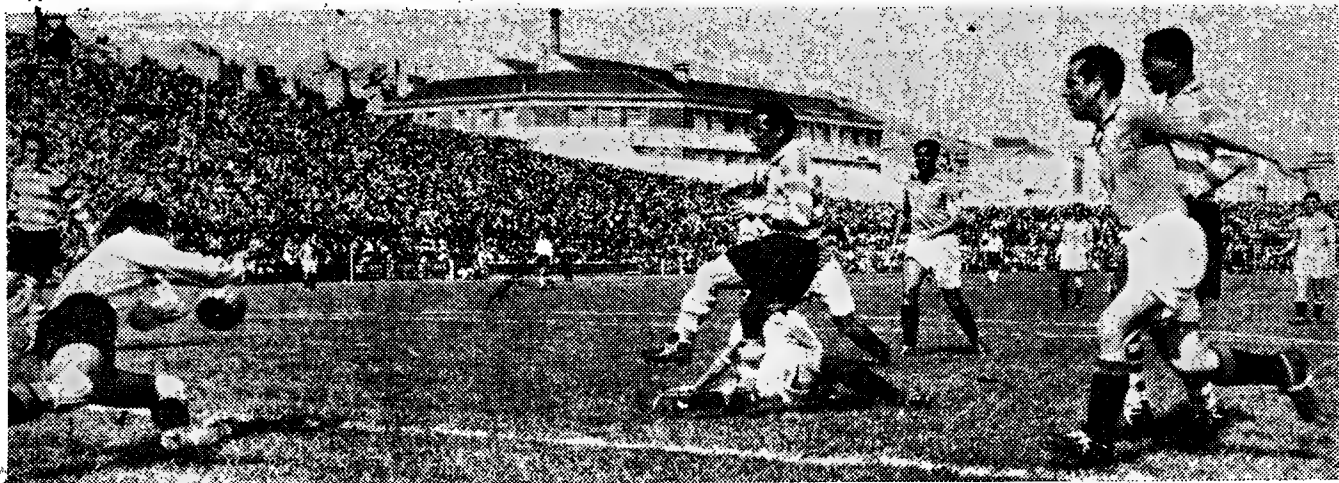
Ambos os tentos conseguidos pelos belenenses saíram de despachos seus, feitos sem nervosismo, com calma, serenidade e confiança.

Se o primeiro gol foi possível pela segurança como rematou para o lado esquerdo do guarda leonino sem lhe dar tempo a lançar-se, a bola da vitória tornou-se possível pela sua atenção à jogada em que viu o esférico ressaltar das mãos de Carlos Gomes e deu-lhe a direcção certa; infalível, que o levou a levantar os braços de alegria antes da bola tocar na rede.

O Sporting foi um digno vencido. Nunca renunciou à luta e só acreditou que era eliminado, quando o árbitro deu o desafio por terminado. Em exibição global foi superior ao adversário, faltando-lhe unicamente a sorte do jogo. Jesus Correia foi o seu melhor avançado, o jogador que colocou sempre em perigo as redes adversárias, e o que melhor soube encaminhar os lances, numa exibição que não foi ovacionada, porque ainda estava fresca a ideia do encontro com a Itália. Vasques, também esteve activo, mas sem garra para se desmbarcar de Rebelo, sempre alerta e com a «codicia» indispensável para o não deixar brilhar... Albano, depois que sentiu a vigilância de Figueiredo, esteve pouco voluntarioso. Juca foi dos médios leoninos, o mais produtivo e brilhante e Verissimo não fez esquecer Canário. Os restantes dentro da bitola habitual. A mudança no segundo tempo, quase a meio, de Jesus Correia, para o eixo do ataque, provocou mais dificuldades à defesa de Belem e Feliciano, que enquanto teve de guardar Wilson, raramente foi enleado, demonstrou logo maior embaraço em barrar o caminho, devido à mobilidade do jogador leonino. Se a mudança tivesse sido feita mais cedo, maiores seriam as dificuldades reveladas e talvez a sorte do jogo se tivesse modificado.

Fei depois da passagem de Wilson para extremo que se verificaram várias jogadas em que as redes dos belenenses não foram tocadas por falta de «chance». Albano, no ultimo minuto, teve o empate nos pés e deixou-o fugir... Não se pode dizer que o resultado fosse de todo injusto. «Os Belenenses» pelo que jogou na defesa, mereceu-o. Agradável, impressionante, o espectáculo quando o árbitro deu o desafio por terminado e a massa partidária dos «azuis» pôde dar fargas ao seu entusiasmo, rodeando os seus jogadores, beijando-os, abraçando-os, levando-os em triunfo, numa afirmação de amor clubista, digna de apreço e de elogio, enquanto os jogadores do Sporting, recolhiam à cabine de cabeça curvada, vencidos, sem que os seus milhares de adeptos se lembrassem de aplaudir o esforço, na certeza de que não tinham ficado vencedores. Não porque não o procurassem e desejassem, mas sim porque o adversário não deixou... E' assim o público, é assim o jogo da bola, o desporto que arrasta multidões e faz vibrar os nervos dos «fans». O Sporting foi eliminado... Veremos dos chamados «grandes» quem lhe irá fazer companhia...

JOSE MALHEIRO



SALESIAS—Sério executa uma defesa difícil a remate perigoso e próximo de Albano. Vê-se um belenense no chão. Vasques, Feliciano, Wilson e Figueiredo seguem com ansiedade a jogada

Relance da Taça

Não se pode dizer, em boa verdade, que tenha ficado ontem concluída a 1.ª eliminatória da «Taça de Portugal». Disputaram-se, é certo, os desafios da 2.ª mão dos oitavos de final, que forneceram os seguintes resultados:

Belenenses, 2-Sporting, 1
Estoril, 3-Boavista, 1
Sporting Covilhã, 5-Benfica, 5
Académica, 3-Oriental, 3
F. C. Porto, 11-Olhansen, 0
Vit. Guimarães, 3-Vit. Setubal, 1
Sporting Braga, 1-Atlético, 0

..Mas não ficaram apurados todos os concorrentes que hão-de passar aos quartos de final, porque o último dos sete encontros acima citados, deixou os dois contendores em pé de igualdade, para decidirem num terceiro encontro, qual deles se irá juntar ao Belenenses, Estoril, Benfica, Académica, F. C. Porto, Vitória de Guimarães e Marítimo, para a segunda «ronda» da competição.

O balanço da jornada de ontem dá-nos cinco vitórias de equipas que jogavam em casa e dois empates.

Belenenses e Vitória de Guimarães são as únicas equipas que aproveitaram dos resultados de ontem para prosseguirem na prova. Do Estoril, Benfica, Académica e F. C. Porto pode dizer-se, sem favor, que asseguraram a sua permanência na competição com os resultados alcançados na primeira mão. Os estorilistas, os encarnados e os conimbricenses fizeram desta vez piores resultados; os portugueses melhoraram claramente, mas a dificuldade do desafio de ontem era bem menor do que a do encontro de 25 de Março.

O confronto com os resultados anteriores diz-nos, ainda, que só duas equipas conseguiram repetir triunfos: o Estoril (antes 5-1) e o F. C. Porto (antes 1-0). O Benfica (antes 4-1) e a Académica (antes 3-2) tiveram de contentar-se, agora, com empates, que abonam melhor o comportamento dos adversários. O Belenenses desfez um empate (antes 0-0) a seu favor. O Vitória de Guimarães (antes 1-2) e o Sporting de Braga (antes 1-2) foram, afinal, os únicos concorrentes que lograram desforras—a dos vimaranenses de, benéficos efeitos imediatos, pois deu à equipa um precioso golo de vantagem.

Depois dos resultados que se registaram nos encontros da 1.ª mão é forçoso considerar normal a passagem aos quartos de final das equipas que continuam na luta. Mas, se recorrermos aos resultados do Campeonato de Portugal—melhor da classificação—o «panorama» já não se apresenta igual.

Naturalíssimo, pois, que o Benfica (3.º) tenha eliminado o Sporting da Covilhã (6.º); que o F. C. Porto (2.º) tenha afastado da prova o Olhanense (14.º). Contrária, no entanto, a lógica que o Belenenses (9.º) tenha levado a melhor sobre o Sporting (1.º), que a Académica (8.º) se tenha sobreposto ao Oriental (5.º); que o Estoril (11.º) desfez o Boavista (10.º); que o Vitória de Guimarães (13.º) eliminasse o Vitória de Setubal (12.º). Todavia, é isto o que dá interesse ao futebol.

Lisboa tem três representantes na prova e pode, ainda, alimentar a esperança de ter nos quartos de final 50 % das representações regionais. Porto, Coimbra e Braga (para não falar das ilhas) estarão, igualmente, representadas na segunda «ronda» da competição.

Se recorrermos, apenas, aos golos (total das duas mãos) para ordenar as catorze equipas concorrentes—e a referência conduz a conclusões interessantes, segundo nos parece—teríamos de classificar assim os grupos:

1.º—F. C. do Porto	12-0
2.º—Estoril	8-2
3.º—Benfica	9-6
4.ºs—Belenenses	2-1
—Vit. Guimarães	4-3
—Académica	6-5
7.ºs—Atlético	2-2
—Sporting Braga	2-2
9.ºs—Oriental	5-6
—Vit. Setubal	3-4
—Sporting	1-2
12.º—Sporting Covilhã	6-9
13.º—Boavista	2-8
14.º—Olhanense	0-12

Repare-se que Benfica e Olhanense aparecem nos mesmos lugares que obtiveram no «Nacional».

No conjunto das duas mãos marcaram-se 62 golos. Mas, a distribuição esteve longe de ser equitativa: na 1.ª, 23; na 2.ª, 39. Os jogos do Porto e da Covilhã justificam o desnível. O F. C. Porto surge com o melhor ataque, seguido do do Benfica. Do mesmo modo, o F. C. Porto dispôs da melhor defesa, seguido da do Belenenses.

DIAMANTINO DIAS

II DIVISÃO NACIONAL

Salgueiros e Barreirense comandam as classificações

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão voltou ontem a ter uma jornada incompleta—com três encontros, apenas. No grupo Norte iniciou-se a segunda volta; no grupo Sul completou-se a primeira volta. A luta continua a interessar vivamente e a impossibilidade de vaticínios mantém-se.

O Salgueiros comanda

No grupo Norte os dois desafios efectuados forneceram os seguintes resultados:

Salgueiros, 2-União d. Coimbra, 1,
Torriense, 2-Leixões, 2.

Os «encarnados» do Norte conseguiram desforrar-se, sem, contudo, anularem, sequer, a vantagem de tentos que os conimbricenses alcançaram três semanas antes (5-2). A vitória dos portugueses foi sobremaneira difícil e só no declinar do desafio é que se tornou possível. Antes, o União de Coimbra foi a equipa aguerida de sempre, com uma primeira parte que lhe pertenceu inteiramente. A beira do intervalo, o Salgueiros beneficiou de uma grande penalidade de que nasceu o golo do empate a estabelecer um resultado que não se coaduna com o desenrolar do jogo na primeira metade. Depois no segundo tempo, o reagiu e pôs à prova os recursos e o valor do defesa do União onde o guarda-redes chegou a ser brilhante. Ao fim, esquecida a primeira parte, o resultado aceitava-se.

Em Torres Vedras, o grupo local alcançou o primeiro ponto para a sua classificação. Ao cabo de três derrotas a equipa torriense não perdeu. O Leixões, sem ter podido repetir a vitória tangencial da primeira volta, teve comportamento assaz meritório. Repare-se que transformou um 0-2 em 2-2.

A classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Golos		P.
					F.	C.	
Salgueiros...	4	3	—	1	10	7	6
União Coimbra	4	2	1	1	9	6	5
Leixões...	4	1	2	1	5	7	4
Torriense...	4	—	1	3	3	7	1

O Lusitano ganhou em Elvas

O desafio realizado em Elvas deu o seguinte resultado:

Lusitano de Evora, 2-Elvas, 1.

Previo-se luta equilibrada e assim sucedeu, como do próprio resultado se depreende. Pode, até, acrescentar-se que na incerteza do resultado se fundamenteou o melhor aliante do desafio—já que tecnicamente a exibição das duas equipas alentejanas deixou muito a desejar.

Os eborenses foram felizes na marcação do tento da vitória, porque ela se verificou no derradeiro minuto do desafio, quando ao adversário já não era possível recuperar o atraso. A equipa elvense não está a corresponder ao que dela se esperava. E é precisamente em casa que ela faz os piores resultados, pois a sua única vitória foi alcançada no Barreiro.

O Lusitano arrancou dois pontos para a classificação que podem vir a ser preciosíssimos. A sua vitória de ontem, teve ainda, a virtude de desfazer a má impressão provocada pelo desaire do jogo com o Barreirense.

Concluída a primeira volta, a classificação está assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Golos		P.
					F.	C.	
Barreirense	3	2	—	1	6	3	4
Lusitano	3	2	—	1	7	6	4
O Elvas	3	1	1	1	2	2	3
Almada	3	—	1	2	4	8	1

À «TAÇA DE PORTUGAL»

Recorde de golos no desafio F. C. Porto-Olhansen

Na Constituição o F. C. Porto não teve a menor dificuldade em confirmar a vitória da primeira «mão» sobre o Olhanense. Simplesmente, não era de esperar que os portugueses se dessem ao luxo de estabelecer «recorde», batendo a turma algarvia por... 11-0!

E' desoladora a situação de um clube que já foi campeão de Portugal e campeão da 2.ª Liga. O Olhanense vai de mal a pior, vendendo-se abandonado por alguns jogadores, ainda que outros, como Cabrita, afirmem o seu propósito de se conservarem fiéis à equipa.

Nada fazia prever esta catástrofe. Para a qual o F. C. Porto, vencedor em Olhão por 1-0, virá a contribuir com este 11-0... um golo para cada jogador, como se diz na gíria do futebol.

Temos sincera pena do Olhanense. Não importa, sim, apelar para os algarvios, em distinção de zonas, no sentido de fazerem um esforço em benefício do mais legítimo representante do futebol da provincia.

Quanto ao desafio de ontem, para quê comentários?

Do intervalo já os portistas tinham 7-0 no seu activo. O segundo tempo foi de simples passeio, sem esforço, surgindo os golos como coisa mais que natural. José Maria marcou nada menos de quatro, proeza sempre de considerar.

Ernesto em grande plano

O Atlético não venceu em Braga. Mas conseguiu, pelo menos, terceiro desafio em campo neutro. Os lisboetas tiveram em Ernesto a grande figura do «team» e do jogo.

Salienta a crítica que Ernesto fez uma daquelas exhibições que enchem a carreira de um jogador, mesmo que seja um homem considerado pedra autonoma no desenvolvimento das acções ofensivas e defensivas da equipa.

Ernesto defendeu tudo quanto era possível defender. Foi valente, decidido, seguro. Uma tarde em cheio. Os bragançenses exerceram domínio, por vezes acentuado, como sucedeu no ultimo quarto de hora. Carregaram, insistiram, remataram dentro do seu estilo pouco eficaz, é certo, mas esbarraram em Ernesto.

E o tempo passou com grande arrelia dos minutos. Porque, deve compreender-se, terceiro jogo em campo neutro pode ser desfavorável aos esportinguistas de Braga.

Note-se, todavia, que o Sporting de Braga foi desafortunado. Mesmo tendo em conta o primoroso labor de Ernesto, fica margem para se considerar que o Sporting não teve sorte. Pois não será falta de sorte—com um pouco de inépcia à mistura, digamos de passagem—perder uma grande penalidade?

O desafio foi disputado com muita energia. Com grande entusiasmo. O arbitro não teve mãos a medir, assinalando por vezes séries sucessivas de castigos—numa autêntica «sinfonia».

Muitos golos na Covilhã

Curiosíssimo o resultado da Covilhã. Um 5-5 não é, efectivamente, um resultado vulgar. E registre-se que se verificou precisamente numa altura em que de alguns lados se levanta uma campanha por falta de remate dos nossos avançados...

As alternativas do marcador, funcionando com certa regularidade, deram emoção à partida da Serra da Estrela. Os «encarnados», seguros da sua vantagem, tiveram de responder com energia à energia dos serranos, dispostos a tudo para conseguirem o que parecia impossível—e impossível foi, na verdade.

O Benfica não se deixou surpreender, aguentando bem o impeto dos covilhanenses. Jogou como deve jogar uma equipa da Taça...

O oscilar do «score» teve aspectos emocionantes, desde um 2-0 para o Sporting da Covilhã, até os sucessivos empates. O Benfica atingiu a fase final com um golo a maior, mas a cinco minutos do termo do encontro—5-5!...

Dez golos numa partida é facto a pôr em relevo. Note-se que o guarda-redes do Covilhã esteve num dia de desacertos e que Arsenio e Aguas estiveram na base do empate, que foi para o Benfica uma autêntica vitória, uma vez que a qualificação se faz em dois encontros.

O desafio não atingiu elevada bitola. Mas jogou-se o suficiente para agradar, além de que a incerteza do resultado valorizou o encontro.

Passagem com um golo de fora

Afinal, a Associação Académica classificou-se para os quartos de final com o terceiro golo de Lisboa, no campo do Oriental. Tendo empatado antes por 3-3, os estudantes entram hoje no sorteio exactamente porque há semanas venceram a aguerrida turma da capital no próprio terreno.

De modo geral, os capas negras tiveram vantagem e dominaram. O reflexo da sua superioridade, por muito tenue que esta fosse, estava bem exposto no 3-1 que se observava à entrada do quarto de hora final. Talvez, até, que os negros tenham repousado sobre a diferença de golos, tática sempre errada e desaconselhável...

Quando os orientalistas marcaram o segundo golo parece que os estudantes não deram conta do perigo que corriam. Porque corriam perigo, acredite-se. Realmente os lisboetas chegaram a 3-3 e se houvesse mais uns minutos—que poderia passar-se?

De qualquer modo qualificou-se o onze que no conjunto dos dois jogos foi mais regular. Simplesmente, os dianteiros, em tarde desacetada, complicaram o que de certo modo poderia ser simples. Um golo de vantagem dava alguma qualidade a uma turma que jogava em casa...

O Estoril estava tranquilo

O Boavista, no Estoril, foi igual ao Boavista de muitos desafios. Uma equipa com apreciável estrutura, urdindo bem o seu jogo, mas extremamente ineficaz. Os avançados axadrezados, com Fernando Caiado em primeiro plano—o rapaz jogou realmente bem—perderam muitas oportunidades, entortando ou levantando os remates.

Os portugueses atingiram o descanso com 1-0. Mereciam-no, sem dúvida, ao menos como prémio da sua melhor exibição, para a qual Serafim e Fernando Caiado contribuíram decisivamente. Só não tiveram contnuadores.

O Estoril parece ter encarado a partida com muito á-vontade. Compreende-se que assim fosse, sabendo-se que do Bessa regressaram eles com quatro golos de avanço. Apreciável, evidentemente. Foi no ataque que se reflectiu mais esse á-vontade.

Na segunda parte os «amarelos» insistiram com mais vibração. Marcado que foi o segundo golo o triunfo ficou decidido. Consolidou-o Lourenço, perto do final, com um tento de grande categoria. Nessa altura Lourenço e os seus companheiros da avançada estavam a jogar um pouco melhor. Quem não jogou muito bem foram os médios alas. Quem jogou muitíssimo foi Bravo.

Vitória de benéficos efeitos

Os vimaranenses qualificaram-se para a fase seguinte da Taça com uma vitória sobre os setubalenses por margem mais ampla do que estes tinham ganho nos Arcos.

O desfecho do encontro esteve, porém, muito nebuloso durante algum tempo. Os minutos atingiram 2-0 (a segunda bola marcou-a um setubalense nas próprias redes), mas quando o Vitória visitante fez o seu golo os ares tornaram-se mais carregados. Sabe-se porque. Marcar um golo em futebol sucede às vezes sem quase se dar por isso...

Só a terceira bola, a meio da segunda parte pouco mais ou menos, deu confiança aos visitantes. E se houvesse mais uma bola a seu favor não seria coisa de espantar. Estaria, mesmo, certíssimo.

De modo geral a produção de jogo foi longa. Pode dizer-se que o encontro se valorizou pela incerteza que a certa altura se criou dentro e fora do rectângulo.

Para os vimaranenses a qualificação é excelente. Permite que a turma se mantenha em actividade por mais algum tempo, reflectindo-se o facto, sem sombra de dúvida, nas necessidades do «team» em não deixar a Divisão superior do Nacional. E' uma preparação que continua por mais algum tempo.

Automóveis e Camiões

Vauxhall - Bedford - Opel - Chevrolet - Oldsmobile

O maior stock de peças legítimas e de todos os acessórios para o automobilismo

Peças PERKINS

AUTO-INDUSTRIAL, L.^{DA}

Concessionários da General Motors

LISBOA

Stand e venda de peças e acessórios

Avenida Duque de Loulé, 93-95 — Telef. 51351

Oficina de reparações e Estação de Serviço

Rua Sinel de Cordes, 13-C a 13-E

PORTO

Avenida dos Aliados, 145
Telef. 24980

COIMBRA (Sede)

Oficinas, Estação de Serviço
Stand e venda de peças
e acessórios:
Avenida Fernão de Magalhães
Telef. 2121 e 2123

LEIRIA

Stand:
Rua Machado Santos, 25 e 27
Garagem, Oficinas e peças:
Rua Mousinho de Albuquerque
Telef. 2143



DOMINGO, 22
EXCURSÃO DA C. P.
A
CASTELO BRANCO
CAPITAL DE PROVINCIA
ESC. 120\$00

Partida da estação de Lisboa-Ros-
sio às 8-40. Regresso á mesma esta-
ção, às 0-35.

Inscrição na Secção de Informações
da estação do Rossio (Tels. 33180 e
33185) e na Agência da Wagons-Lits,
Avenida da Liberdade, 97 (Tel. 31791).



**QUEM QUERE
PARECER
10 a 20 ANOS
MAIS JÓVEM?**

Experimente este novo
e fácil process



Depende só de si ter a tez de uma
rapariga de 16 anos e de fazer
desaparecer as suas rugas.
Não mais poros dilatados, pontos
negros e imperfeições da pele.
Empregue Creme Tokalon cor
branca para de dia e rosa para de
noite. É a grande descoberta do
Professor Doutor Stejskal.
Mulheres de 50 anos podem de
futuro aparentar 30.

CASINO ESTORIL

PROGRAMA DA SEMANA

Cinema às 21 e 30 horas

2.ª feira, 16: «A ferro e espada»,
com Fernand Gravey e Junie Astor;
3.ª feira, 17: «A cidade abandonada»,
com Gregory Peck e Anne Baxter;
4.ª feira, 18: «Grande Hotel»,
com Cantinflas e Jacqueline Talya;
5.ª feira, 19: «A flecha quebrada»,
com James Stuart e Debra Paget;
6.ª feira, 20: «Luzes da Cidade», com
Charlie Chaplin e Virginia Cherril;
sábado, 21: «Zona proibida», com
Burt Lancaster e Corine Calvet;
domingo, 22: «Filme sem título», com
Villy Feitsch e Hildegard Knef. A's
16,30 horas: Tarde Infantil—Desen-
hos coloridos.

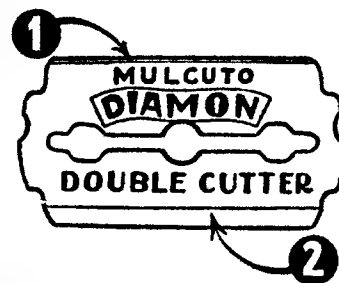
Aos Domingos De Tarde — Cha-
Dancante Todas as Noites—BAILE.

3 Orquestras
MARIO ROSSI
ALMEIDA CRUZ
e ASES DO RITMO

CUIDADO COM A SUA CARA

Faça a sua barba com a lâmina

«**DIAMON**»



uma lamina **DIAMON**
igual a duas lâminas
vulgares, porquê?
porque **DIAMON** é a
única lamina que
possui

2 gumes diferentes
1 para cada operação
**20 ANOS DE BOM
CRÉDITO!**
UMA SÓ QUALIDA-
DE. O PREÇO DE
SEMPRE 1\$00

Distribuidor automático com as 10 lâminas
inoxidáveis Esc. 15\$00

DISTRIBUIDORES GERAIS:

Em LISBOA: Vasconcelos & F. Pinto, Lda.
R. dos Fanqueiros, 65-4. — LISBOA — Telef. 28422

No PORTO: Luciano, Matos & C.
Rua Sá da Bandeira, 42 — PORTO — Telef. 24880

STAR



A arma que atingiu
a perfeição

Calibre 6,35 e 22-L-R

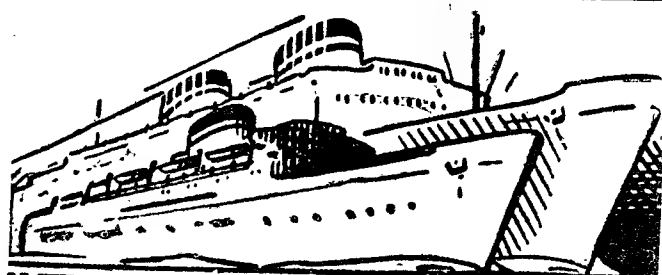
A venda nos bons armeiros do País

REPRESENTANTE:

A. M. SILVA

RUA DA BETESGA, 1 — LISBOA — TELEFOS. 31313-31314
ARMAS — MUNIÇÕES — Vendendo as melhores desde
há muitos anos

EM STOCK: Pistolas Ceska, Le Français, F. N., Beretta,
e outras. Revólveres Browning cal. 6.35mm,
Smith de cal. 32, etc. Munições de todos os
calibres para estas armas. Balas Velodog.



"ITALIA"
SOCIETA DI NAVIGAZIONE

PARA

GIBRALTAR, NAPOLES e GENOVA

O PAQUETE DE 24 346 TONS.

"SATURNIA"

Em 5 de Maio

PARA

**GIBRALTAR, PALERMO, NAPOLES, CANNES
e GENOVA**

O PAQUETE DE 24 495 TONS.

"VULCANIA"

Em 15 de Maio

A preços reduzidos.

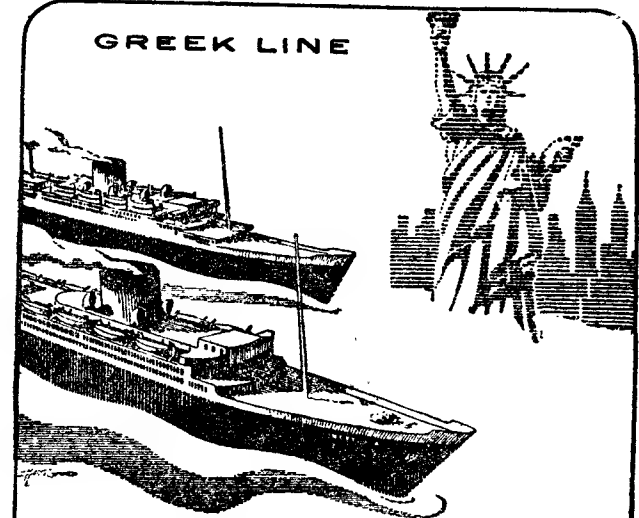
OS AGENTES GERAIS

E. PINTO BASTO & C.^{LA}, LD.^{AS}

(Secção Marítima)

Praça Duque da Terceira, 20 — Telef. 31581 (6 linhas)

GREEK LINE



SERVICO EXPRESSO DE PASSAGEIROS

Lisboa - New York

— VIA CANADÁ —

NEA HELLAS

ABRIL
21

SEGURANÇA, COMODIDADE E ECONOMIA
VIAJE NA LINHA MAIS ANTIGA

AGENTES GERAIS

CARLOS GOMES & C.^{LA} L.^{DA}
15, R. DOS FANQUEIROS
TELEF. 2 1143

AGENTES NO NORTE

AG. MAR. LUSITANO-AMERICANA
108, R. NOVA ALFANDEGA
TELEF. 2 2981

A semana do contribuinte

16 de Abril de 1951
IMPOSTO DO SELO

Recibos.—Saída de caixa representada por letra.

«No caso de empréstimo de dinheiro por um comerciante ou industrial contra letra aceite pelo devedor, embora se verifique uma saída de caixa não há lugar ao selo de recibo, porque o credor recebe não um recibo, que possa ser enquadrado no artigo 141 da Tabela do Selo, mas um título autónomo que a mesma tabela tributa especialmente no seu artigo 101».

Liquidada a letra e restituída, como é obvio, ao devedor, ficará a operação por documentar, mas, neste caso, também não é necessária a apresentação de documento em relação à saída de caixa, pois que «devem respeitar-se os usos do comércio nesse ponto, sem prejuízo de a fiscalização, suscitando-se-lhe dúvidas, recorrer aos elementos de escrita do credor... à conta corrente do devedor, ou mesmo à escrita deste, se também for comerciante ou industrial, se tanto for necessário».

Conforme despacho do subsecretário de Estado das Finanças, de 26 de Abril de 1950.

Trespasse.—Transmissão de estabelecimento comercial por sucessão testamentária.—Avaliação.

A transferência dos direitos e obrigações de antigo locatário para o novo locatário, quando essa transferência se efectue por sucessão legítima ou testamentária, é isenta do selo de trespasse, ainda mesmo que no interesse das partes se tenha de fazer novo título.—artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 27.235, de 23 de Novembro de 1936, e diversos despachos ministeriais, designadamente um datado de 14 de Março de 1938—uma vez que a sucessão testamentária do direito ao arrendamento—caso vertente—está sujeita ao imposto sobre as sucessões e doações.

Todavia, nada impede que o senhorio peça a avaliação da renda ao abrigo do artigo 4.º da Lei n.º 1.981, de 13 de Abril de 1940, visto que, na verdade, se trata de um trespasse, o que foi decidido também, em acórdão do Supremo Tribunal de Justiça, de 24 de Janeiro de 1950.

Conforme despacho do subsecretário de Estado das Finanças, de 22 de Abril de 1950.

IMPOSTO COMPLEMENTAR

Declarações.—Títulos estrangeiros:

Modelo n.º 22.—No caso de mudança de residência para distrito diferente, deverá ser apresentada esta declaração, em duplicado, no prazo de 30 dias, na direcção de finanças em que se tiver efectuado o registo, a qual será acompanhada da primeira declaração.

Modelo n.º 23.—No caso de venda de títulos estrangeiros, será apresentada esta declaração, em triplicado, dentro de 5 dias, na direcção de finanças onde estiverem registados, assinada pelo vendedor e comprador, com as assinaturas reconhecidas no original.

Observação. Se os títulos forem transferidos para o estrangeiro para venda, a declaração será apresentada sem dependência de qualquer prazo.

Modelo n.º 24.—No caso de compra de títulos estrangeiros fora do distrito da residência do comprador, este apresentará a declaração respectiva na direcção de finanças em que se tiver efectuado o registo, no prazo de 30 dias, exibindo com ela o triplicado da do modelo n.º 23, indicada anteriormente. Artigo 60.º e 88.º e art.º 61 do regulamento aprovado pelo Decreto n.º 36.420, de 17 de Julho de 1947.

CASINO ESTORIL

TODAS AS NOITES

Extraordinário programa em que tomam parte a gentil artista de «music-hall» internacional

ALZIRA CAMARGO

«O vulcão do Brasil», nas suas originais canções e danças brasileiras

*

A gentil artista de rádio e teatro ligeiro

CANDIDA MARIA

no seu variado repertório de «slows», canções regionais e fados á guitarra

*

A vocalista espanhola

ANA MARIA DEL CID

A típica orquestra de

MARIO ROSSI

e as orquestras

Almeida Cruz e Ases do Ritmo

No cinema—«A ferro e espada, com Fernand Gravey e Junie Astor

A 48.ª EXPOSIÇÃO DE BELAS ARTES

Os ultra modernistas conquistaram direitos de cidade

no «salon» da Primavera

Na Sociedade de Belas Artes as exposições são como as cerejas—que já vem sendo tempo delas—surge uma atrás das outras. Muitos certames, a propósito de tudo e de nada, não se enfraquecer os dois capitais—o primeiro à entrada da Primavera, o segundo lá para meados do Inverno? Quer-nos parecer que sim. Mas hoje em dia não há cão nem gato, animal que, supinamente, respeitamos, que não goste de pintar, aguçá-lo, esculpir, desenhar, miniaturar, gravar—liberdade, enfim, que os costumes consentem e que, já agora, num mundo onde é assás para, se deve conservar para escarmento, ao menos dos que não acreditam nela, apesar de criados e amamentados nos seus peitos generosos. Que tal esta XLVIII exposição das Belas Artes? Para não desagradar a gregos e troianos, sempre diremos, com assás benevolência, como um rabujento professor, que não é de todo má, mas que podia ser muito melhor. Damos-lhe dez valores—nem um a mais, e apesar da nota ser positiva, vamos lá com Deus, não é sem esforço de simpatia e tolerância.

Faltam nesta parada quadros de composição, audácias que o sejam com originalidade, maneiras novas, isto quanto à pintura. No que diz respeito à escultura, a impressão não é mais lisonjeira, em compulo geral, embora, como não podia deixar de ser, num e noutra sector haja peças apreciáveis. O aspecto porém, é de platitudes. Digam o que disserem os discípulos de muito talento, os revolucionários da paleta e dos teques, os mestres—apenas um, não!—ainda fazem falta, porque criam clima.

São pontos de referencia. Constituem individualidades! São como bússolas a indicar o Norte magnético da beleza e de estética, embora os que vêm atrás sigam trilho diferente do deles! Este ano, a fisionomia do «salon», (a francesa tem certa elegância e até parece mais) é curiosa. Colocaram-se, na sala central, os hiper modernistas, e nas alas, os clássicos, consagrados, conformistas e académicos, como quiserem.

Um dos polos da exposição é Eduardo Malta, com três trabalhos. O virtuosismo plástico do grande retratista atinge o máximo. Estudo são dois retratos, da esposa do artista, um a três quartos acabado, em que o pincel tem a própria tonalidade da carne, e outro de perfil, em que se vê uma orelha, admiravelmente tocado. O modelo fino, elegante, está expresso com uma simplicidade extraordinária, numa matéria que, parecendo de um só tom, reflecte pequenas e delicadas nuances de epiderme. No género deve ser difícil fazer melhor. O retrato dos cinco filhos do conde de Moser, todos na mesma tela, dá-nos uma variedade de atitudes e expressões, que atinge, não digamos, o prodígio, mas uma técnica que se ultrapassa em sensibilidade. Ao lado, Jaime Murteira, com as suas águas, as suas árvores, os seus montes azuis, numa pincelada larga e franca de ar livre. António Sande enviou, apenas, dois quadros: uma lareira rústica, característica, com todos os aprestos, de um bom ambiente, e uma paisagem de verdes primaveris.

Eduarda Lapa, que ainda há pouco fez uma bela exposição, tem em «Manhã de claridade» um belo quadro de mar. Quanto às suas flores já todos nós sabemos que são admiráveis. Lazaro Lozano não é tão mau como o autoretrato nos faz supor. Recanto (uma aldeia espanhola) com casas negras e janelas alpendradas, é sugestivo.

Onde é rebelo? Quem dera lá ver! Domingos Rebelo apresenta uma «Nocturnidade», mas melhor ainda é «Terras de S. Miguel», a ilha açoreana, cinzenta e verde, triste e abandonada, tem carácter geográfico, além de saudosa emoção que lhe deu o autor.

José Joaquim Ramos expõe duas séries de apontamentos (manchas). As duas do meio, do 126, são muito lindas, frescas: uma é um barco varado em terra, entre ervas ralas; outra, sobre um muro, uma amendoeira em flor, de organdim cor de rosa. Os seus «Frutos de Outono», pela técnica, a liberdade da composição, a oposição, digamos ao estilo do género, é um quadro assás curioso, que marca um temperamento.

O seu homónimo (no apelido) Carlos Ramos está cada vez mais efusivo. É bom moderar os pinhões da paleta—metallizada de sol, com aquele vermelho inflamado, traumático.

Julio Santos está na sala dos modernistas, em cavalete de honra. Paisagem da Beira, de folhagem seca, mesmo áspera, naturalismo real, sem artifício, agradou-nos.

Julio Pomar, em «Mulheres da lota» aproveitou para um friso interessante, um paralelismo de figuras de harenas (?) todas de capucha negra.

Fortunato Anjos tem um nu quente, carnal. Os seus pinéis souberam distinguir o sanguíneo da carne, setineia da colcha vermelha onde o modelo se espreguiça.

Ferreira Basalza parece remoçar: Prata e Cobre, aquela, apenas, poética, ou floral, porque se trata de camélias brancas, marca um passo na carreira do artista. Um dia de chuva de Albertino Guimarães dá-nos uma visão dos arredores de Sintra, a charneca ainda, desolada e triste, e ao fundo, um dos morros românticos, do paraíso de Byron.

Nostálgico, dando-nos a melancolia do Alentejo, Alvaro Duarte de Almeida. Vê-se que a pintou durante a Primavera. A monotonia dos seus sobrios, um dos quais até lembra o de D. Carlos, a pastel, no meio de verdes ácidos, tem relevo. Lá vimos também como ex-voto da saudade, um quadro de «Hortensias» do falecido Albino Armando. João Barata tem em «Oliveiras» (17) a melhor mancha. Deixa pequenos espaços brancos na tela, o que lhe aumenta a frieza da luz hiberna, dos arredores lisboetas. Com cores e doirados, Nery Capucho, pintou São Gonçalo de Amarante, que nos parece tão ridículo, como a célebre quadra. Sempre operoso, nas naturezas mortas, Raul Carapinha, apesar da sua proclamação idade, continua trabalhando. Abel Cardoso não sai do Minho e Albino Cunha reproduz uma sala do palácio de Palmela, rica e faustosa, com toques finos de miniaturista. Exuberante, com certo poder dramático, no emprego dos tons, Maria Adelaide Lima Cruz, deu-nos o Vouga e Vouzela, num impressionismo directo, embora um pouco sumário de formas.

Emigrantes, de Avelino Cunha, apesar da hipertrofia das figuras e um certo confusionalismo de planos, dá-nos uma sensação viva—mesmo aguda.

Retratos, muito retratados, caso se entenda a expressão, a tela 51, de Elisa Bermudez Felismino, mas sem dúvida elegantes e decorativos. Ainda bem que só, na tela, o «Vapor», de Jaime Ferreira está em perigo.

A Natureza morta, (55) de Mário Ferreira está marcada no nosso catálogo. Alguma coisa terá, pois, para ser vista, mesmo no seu estridente modernismo «fauve» muito parisiense, se bem a identificamos. Tulio Vitorino parece zangado. Não há só a cor, mas também a forma.

Pedro Guedes está muitíssimo melhor! Mas que grande salto! Todos os seus trabalhos merecem atenção. Jaime Isidoro e Silva Lino identificam-se na maneira de espalhar. Tintas claras e um impressionismo agradável. Citamos ainda, na pintura, José Julio (71), autêntico modernista; Francisco Maia, um impressionismo vibrante, em cenas do mar, procurando dar sempre o movimento das figuras; Maria Lucília Anastácio Moita, discípula de João Reis, que tem talento, e cujo «Beco da Liberdade», de casas brancas, é o melhor trabalho; Ventura Moutinho, sempre romântico; Mário de Oliveira, com «Montmartre», Pedro Pinto, á volta de Sintra; Alvaro Perdigão o qual em «Rapariga da Madeira», tem um flagrante documento humano e que, em São Vicente, na mesma ilha nos dá uma visão tão grandiosa, como fantástica; Francisca Gonçalves Rodrigues, com uma mística «Anunciação»; Rui Filipe, assás espanhol; Nuno de San Payo, com a sua dupla teoria de varinas, no caos, audaciosa nas protuberâncias das figuras, mas que marca um aspecto novo e Mário Soares, com o «Arco da Cadeia» (Obidos).

Se, na pintura, alguns não vão citados por esquecimento; outros é para não ter que criticar em profundidade.

Na escultura Anjos Teixeira, apresenta um nu capitoso, rítmico, ondulado. Domingos Soares Branco um ascético São Francisco de Assis, de sabor arcaico; António Henriques, uma cabeça curiosa; Julio Vaz a «Alegria de viver» que pelo visto se equilibra admiravelmente; Euclides Vaz, uma Imaculada da Conceição, que é uma digna estatua. Não gostamos do busto do poeta António Navarro, de Julio Pomar, estilizado, ou desfigurado em demasia, nem do padre Cruz, da autoria de Armando de Carvalho porque a sua figura devia ser mais débil e espiritual. O santo, e não o homem, tal como ficou na alma dos que o conheceram.

João Silva, tem uma maravilhosa estátua equestre, verdadeira obra-prima, em que o animal e o cavaleiro, nas devidas proporções, acusam a finura do seu estilo admirável. Manuel Santana apresenta com uma cabeça.

A Santa Filomena, de Margarida Shimmelpfening (estes nomes estrangeiros são difíceis de ortografar) tem sentimento. Expõem ainda Marcelino Norte, José Fernando e José da Fonseca, entre outros. E por aqui ficamos.

A margem da semana

AINDA É TEMPO...

Segundo as notícias dos jornais, o marechal Pétain conseguiu, ainda desta vez, levantar-se da crise que abalou a sua existência de velho quase centenário. O seu robustíssimo organismo reagiu com o tratamento que os médicos cuidadosamente lhe aplicaram. E' incrível a resistência deste homem que, encerrado em dura prisão, vai vivendo, vivendo...

Sentimo-nos inclinados a crer que uma graça divina tem dilatado o prazo, para dar à França a oportunidade do gesto, que ela deve ao Mundo, de deixar Pétain, herói da primeira Grande Guerra e vítima infeliz da segunda, ir morrer tranquilo sob qualquer tecto que não seja o de uma prisão, tendo junto de si a esposa dedicada, os amigos verdadeiros, e os socorros humanos e cristãos.

Parece que é pedir muito... quando, afinal, vemos tantos crimes impunes, por esse Mundo fora, que todos sabem, que todos deixam passar, fechando diplomaticamente os olhos...

E Pétain não é um criminoso. Ofereceu-se em holocausto, para que um pouco da França ficasse livre, num momento crucial. Deu o prestígio do seu nome e do seu passado, quando era tão fácil naquele momento embuscar-se atrás da avançada idade, que já tinha, e dizer: —Não posso.

Se aqueles que condenaram Pétain ou nessa condenação influíram fossem menos duros, podia discutir-se o que houve de errado ou não na conduta do marechal.

Agora, desde que o fizeram subir de herói a mártir, é impossível.

Nem sequer volvem os olhos para essa pobre senhora, já tão idosa também, a quem Deus dá forças para com inquebrantável dedicação ir todos os dias à ilha de Yeu, visitar o prisioneiro, atravessando arame farpado, transpondo o braço de mar, para estar apenas uma hora junto do marido.

Não sabemos se, com a doença, esse rigor foi abrandado.

O que é certo é que a chamada civilização não melhora os homens, nem lhes abre os olhos a uma luz má's alta.

M. C.

O PAGAMENTO DE TAXAS

à Emissora Nacional

A Emissora Nacional vai intensificar em todo o País, a partir de Maio, o serviço de fiscalização do movimento de licenças. Todos os possuidores de aparelhos receptores de rádio, que não tenham feito ainda, por qualquer motivo, a respectiva inscrição, necessitam de legalizar urgentemente a sua situação.

Quem fizer voluntariamente a sua inscrição até 30 do corrente, pagará apenas a taxa relativa a 1951, não importando a proveniência do aparelho.

De 1 de Maio em diante, os possuidores de aparelhos não registados serão multados, em referência a todos os anos em que se provar terem estado na posse dos receptores.

Para fazer a inscrição, basta preencher um impresso que pode ser solicitado na Emissora Nacional, ou em qualquer estação dos correios.

PARA OS NOSSOS POBRES

Com destino aos pobres nossos protegidos, recebemos e agradecemos 100\$00 de A. P.



RAINHA DA HUNGRIA

OS PRODUTOS DE BELEZA—MUITO CONSERVADOS PELA MULHER ELEGANTE

RADIO DUCRETET-THOMSON

SÍNTESE MARAVILHOSA DAS TÉCNICAS

EUROPEIA E AMERICANA

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

ser mais evidente, mas então com outros conceitos gerais da arte cénica. E noutros cenários, que grandes cortinas! Que grandes panoplias! A figura humana fica reduzida a uma proporção que altera o poder dramático.

Muito agradável foi o bom desempenho dos numerosos pequenos papeis. As «Donzelas» Laura Cavalieri, Maria Justina Pereira, Fernanda Cadoni, agrupadas em torno de autoridade de Elena Raggi, e a «escrava», Anna Maria Canali, contribuíram especialmente para a atmosfera fresca do 3.º acto, dando também expressivo contraste à vibração de Maria Caniglia. Merecem ser mencionados todos os restantes colaboradores, Natália Viana, Vito Susca, Gaetano Fanelli, que já marcou bem o seu lugar — Aristide Baracchi e Ildebrando Santafé.

Temos notado a preocupação de reduzir o enunciação do argumento das óperas, no programa (muito caro, segundo nos consta, o que nada tem que ver, evidentemente, com a oferta do dito, a quem a direcção de S. Carlos entende). Apesar da direcção clara dos artistas, em geral, e do entendimento do público, o espectáculo lucrava com uma exposição escrita mais completa.

«Orfeu», de Gluck

Não se repetiu na temporada passada, como tanto desejávamos, a linda partitura de Gluck para o mito de Orfeu; mas sempre se lhe deu um lugarzinho — agora, lugar bem modesto, isto é, um espectáculo com insuficientíssimo reajuste da orquestra e dos coros, o melhor do tempo de trabalho, absorvido, talvez, por um mínimo de implacável existência da «Francisca», de Zandonai.

Havia como novidade, no presente espectáculo, a colaboração do «Verde Galo», com Francis Graça e Violette Quenelle, para os bailados que enchem de apropriado interesse e graça o 2.º e o 3.º actos. Na tentativa de Margarida de Abreu, no ano passado, encontramos mais distinção e mais sentido pictural; houve desta vez mais sentido bailatório para o corpo de baile, no 3.º acto, mas muito pouca sugestão na cena das «Fúrias», no 2.º acto, em parte por causa da iluminação. Ebe Stignani, que pôde tornar a impor no 1.º acto a sua voz prodigiosa e a sua imensa arte de cantar, ficou acentuadamente infeliz no 2.º acto, na sua tenebrosa travessia, de lira em punho.

Cantou o papel de Euridice, a soprano Rosanna Carteri, que não teve tanto relevo como notamos na sua estreia (ópera «Falstaff»). Mas esteve muito afinada, e certa no ritmo, equilibrando-se com o sempre magistral 3.º acto de Stignani. Maria Justina Pereira retomou o seu papel do ano passado, marcando progressos.

No publico, figuras marcantes do meio intelectual lisboeta.

FRANCINE BENOIT

N. B. — Na nossa apreciação ao espectáculo com a ópera «Falstaff», saltaram duas jarras de texto, que seguem aqui, intercaladas nos dizeres a que pertencem: «... tudo o que comporta de fantasia, de elevação de estilo e de equilíbrio formal o génio de Shakspeare. Voltaram a rodear a memorável criação de Gino Bechi as notabilíssimas artistas Maria Caniglia e Ebe Stignani, etc.» — F. B.

Atrás do reposteiro

É a comédia espanhola «Celos del Aire», que vai entrar em ensaios no Teatro Avenida.

—No Cine-Teatro de Amarante, a companhia de Eva Todor efectua amanhã um espectáculo com a comédia «Colégio Internu».

—Só no sábado 21 deve subir à cena, no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, a revista «Porto-Benfica».

—O Teatro Universitário do Porto realiza hoje, no Teatro Maria Pia, de Leiria, um espectáculo com a peça «O Fidalgo Aprendiz» e algumas cenas teatralizadas do famoso quadro de Molina, «Envergonhado no Paço».

—Subordinados ao tema de «O Teatro Romântico Português», vai a Rádio-Bandeirantes de S. Paulo (Brasil), iniciar programas de rádio-teatro, com a peça «Envelhecer», de Marcelino Mesquita.

—Em Leiria, dará amanhã um recital de poesias a actriz e declamadora Bárbara Virginia.

—Logo que termina a carreira da peça que no Teatro Avenida ontem se estreou, os espectadores, naquele teatro passam a efectuar-se por sessões.

—A actriz Luz Veloso também participa no desempenho da peça «Filomena Marturano», em ensaios no Teatro D. Maria II.

—Não se realizou ontem no Teatro Variedades o anunciado espectáculo do Teatro dos Estudantes de Lisboa.

—Com as respostas vindas de alguns teatros da provincia, para a colocação dos espectáculos da companhia Herminia Silva, está em preparação o respectivo itinerário.

O Teatro Fundamental

vai ser apresentado pela «Companhia dos 15»

Quanto rapazes e raparigas saídos do Conservatório, muitos deles com provas ainda por prestar, aguardam, depois de anos, a esperança de representar? Depois, se é certo que os grandes papeis têm de ser para os grandes actores, quanto anos terão ainda de esperar pela sua revelação, esses que para entrar no Teatro ainda aguardam a vez?

Foi ponderando este conjunto de circunstâncias que um grupo de artistas jovens se reuniu à roda de uma ideia que vai sintetizar no Teatro Fundamental. Artistas, uns com prática dos palcos profissionais, outros ainda sem os seus contratos, caras novas, temperamentos á espera de um sol que os faça desabrochar, tal é, em resumo, a gente deste novo grupo que, só por não ter um teatro onde representar, se verá forçada a trabalhar em palcos de amadores.

Em meados de Maio próximo, veremos, pois, a «Companhia dos Quinze», constituída por Idalina Guimarães, Cecília Guimarães, Maria Emilia Baptista, Lucília Farinha, Fernanda Borsatti, Lily Neves, Mimi Gaspar, Pisany Burnay, Armando Corêis, Luis Horta, Máximo Nobre, Ricardo Alberty, José Osório e os discípulos Rogério Paulo e Marcos Santana.

Representaram todos no Teatro-Estúdio do Salitre e estão, portanto, dentro da corrente de ideias iniciadas entre nós pelo movimento que o dr. Gino Savioiti dirigiu com um sentido verdadeiramente meritório.

No primeiro espectáculo, apresentarão uma peça de Molière, uma outra do dr. Luis Francisco Rebelo e uma terceira, do dr. Claude Freches, um francês que, entre nós, tem dispensado carinhoso interesse ao Teatro dos Estudantes.

Cada peça será encenada por estes dois autores, cabendo ao dr. Gino Savioiti a encenação do original de Molière.

O carácter destas representações será essencialmente profissional, não se tratando, portanto, de teatro de vanguarda experimentalista, mas de espectáculos integrados nos moldes clássicos — naquilo que nele exista de mais fundamentalmente teatral. Por isso a «Companhia dos Quinze» se propõe não apenas dar uma série de espectáculos no Centro Espanhol mas, ainda, na provincia.

Terças-feiras classicas no Tivoli

Amanhã, «O Ditador», de Charlot, comentado por José Augusto França

O Jardim Universitário de Belas Artes apresenta amanhã, às 18 e 15, no Tivoli, «O Ditador», de Charlie Chaplin, que será comentado pelo ilustre escritor e crítico José Augusto França.

Uma festa no Royal Cine

Com um programa que reúne a colaboração de artistas muito apreciados, realiza-se no próxima quinta-feira, um festival organizado pelo Clube Desportivo da Graça. Participam Julia Barroso, Rui Mascarenhas, Luisette Moinhos, Alcino Ribeiro, Maria Valério, Eduardo Futre, Vianinha, Julieta Brigue, Consuelo Ullan, Orlando Selimelli, Gina Maria, João Rocha e outros artistas, com a Orquestra Casanova. No «écran» passará o filme «O Vingador Negro».

Imagem do dia

Começa esta noite no TIVOLI a carreira do célebre filme «FERAS QUE FORAM HOMENS», com uma criação admirável de CLAUDETTE COLBERT. É uma história autentica, contada pela escritora americana Agnes Newton Keith, que a viveu e sofreu em carne e alma.

Já viu a sua linda cidade?

Pois vá hoje ao Coliseu ver, em espectáculo da moda, a deslumbrante fantasia «Lisboa é coisa boa...»



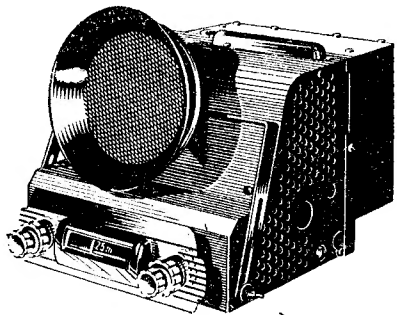
O publico vai hoje, às 21 e 30, ao Coliseu, para fazer, com Ulisses, o lendário fundador da nossa cidade, uma viagem maravilhosa através de a.

Que ninguém deixe de aproveitar para ir, com Ulisses, na deslumbrante fantasia popular Lisboa é coisa boa... conhecer Lisboa, antiga e moderna, Lisboa sentimental e alegre, Lisboa típica e bairstista, Lisboa eterna, Lisboa, sempre Lisboa, vivendo no coração de todo o publico, em cenários de sonho e maravilha.

CARTAZ DOS ESPECTACULOS

NACIONAL—A's 21 e 30—«As árvores morrem de pé».
GINASIO—A's 21 e 45—«A loja da esquina».
AVENIDA—A's 21 e 30—«Está lá fora um inspector».
APOLO—A's 20 e 30 e às 22 e 45—«Aguenta-te Zé».
COLISEU—A's 21 e 30—«Lisboa é coisa boa...»
S. LUIS—«O pai da noiva».
TIVOLI—«Féras que foram homens».
EDEN—«Bagdad».
S. JORGE—«A linda ditadora».
POLITEAMA—«Falsa acusação».
TRINIDADE—«A estalagem do cavalo branco».
GINASIO—«Iremos a Paris».
CAPITOLIO—«A cidade abandonada».
ODEON E PALACIO—«Francesa feita à pressa».
OLIMPIA—«A seita dos mascarados».
PROMOTORA—«O anjinho».
JARDIM—«A sombra do passado».

Auto-Rádio

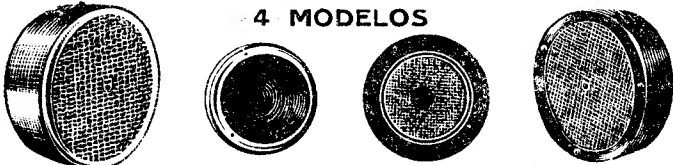


AGORA PARA TODAS AS ONDAS

Fácil captação, em curtas como em médias, graças ao eficiente desdobramento de banda

CONSTRUÇÃO COMPACTA, RESISTENTE A CHOQUES E VIBRAÇÕES, ADAPTÁVEL A QUALQUER CARRO. ALIMENTAÇÃO A 6 OU 12 V.

Altifalantes destacados



PHILIPS

AUTORADIO

NOVO MODELO NX 493 V

PARA ONDAS MÍDIAS E COMPRIDAS
FÁCIL ADAPTAÇÃO A QUALQUER CARRO

Ao Comércio

A nova gerência da
Firma Táboas & C.ª Ltd.ª
declara não se responsabilizar pelo pagamento de dívidas contraídas pela antiga gerência e por contas em atraso.
Lisboa, 16 de Abril de 1951.
a) Joaquim de Almeida
(Segue o reconhecimento)

Novos «Wagons-Lits»

UTILIZE OS NOVOS «WAGONS-LITS» que a C. P., em colaboração com a Companhia Internacional das Carruagens-Camas e para maior comodidade do Publico, põs em circulação nos
COMBOIOS CORREIOS DA NOITE
ENTRE LISBOA E PORTO
UM MELHORAMENTO QUE O PUBLICO MUITO APRECIARÁ

Basilisa Pedrosa
Parteira diplomada
Av. Almirante Reis, 242, 4.º esq. (elevador)
Tel. 75454

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clínica de Necker—Paris
RINS, vias urinárias—Venere—Sífilis
Travessa Nova de S. Domingos, 1.º e 15 horas Telefone 79067

Policlínica da Rua do Ouro — Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º

Medicina, coração e pulmões—Dr. Amaro d'Almeida, 18 horas.
Cirurgia geral e operações—Dr. Carlos Vilar, 16 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel de Magalhães, 13 horas.
Pele e sífilis—Dr. Viriato Brandão, 16 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Leit, 15 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos, 14 horas.
Estomago e intestinos—Dr. António Pereira, 16 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Afonso Simão, 15 e 30 horas.
Doenças das senhoras, operações—Dr. C. Afonso, 15 horas.
Doenças das crianças—Dr. Gonçalves Coelho, 17 horas.
Boca, dentes, prótese—Dr. Pinto Bastos, 10 horas.
Raios X—Dr. Aicé Saldanha, 16 horas.
Fisioterapia—Dr. Mário Jacquet, 16 horas.
Doenças tropicais—Dr. Junqueira Junior, às 18 horas.
Análises clínicas.

BARBEIE-SE MELHOR



a famosa lâmina alemã que dura mais e custa menos!

Lisboa - R. Alves Correia, 110-1.º
Porto - R. S. Francisco, 41

CEDE-SE

Pelo valor actual da sua existência, industria em pleno funcionamento, bastante acreditada, e de bons lucros, com pessoal competente, pelo motivo do seu gerente não poder estar à testa. Carta a este jornal ao n.º 475.

VÁ A ESPANHA POR CAMINHO DE FERRO

utilizando a
TARIFA INTERNACIONAL para transporte de
PASSAGEIROS, BAGAGENS E CAES
ENTRE PORTUGAL E O PAIS VIZINHO
UMA GRANDE VANTAGEM PARA O PUBLICO!
Peça esclarecimentos nas estações e Secções de Informações da C. P.

Veludos, tecidos para estofos, estâmines, plásticos, oleados e todos os artigos de ESTOFADOR-DECORADOR
A preços sem competência
CONFORTO DO LAR
Telef. 34830—Rua D. Duarte, 2, 2.º—LISBOA—(Antiga Rua dos Fanqueiros)
Enviem-se amostras para a provincia

LIVRETES ESPECIAIS

A sua utilização para 30 TRANSPORTES DE LEITE LIQUIDO SEM QUALQUER PREPARO
permite-lhe obter considerável redução no preço do seu transporte por CAMINHO DE FERRO



D. Judith Teixeira Pinto
MISSA DO 7.º DIA

Seu filho, coronel Teixeira Pinto, e mais família, participam que mandam celebrar amanhã, terça-feira, na igreja de Fátima, às 10 horas, missa por alma de sua querida Mãe e Parente.

DIÁRIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: Mau tempo nas Ilhas Britânicas e no Nordeste de França por influência de uma depressão centrada ao Norte da Escócia e no sistema frontal associado. Mantém-se o bom tempo na Península Ibérica, que começa a ser afectado por uma depressão de origem térmica ainda pouco activa.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ: Tempo quente com céu de fraca nebulosidade limpando para a noite; vento fraco variável predominando do Sul nas províncias do Alentejo e Algarve. Temperatura estacionária.

PROGRAMAS DA RÁDIO

EMISSIONA—A's 18 e 30, danças; 19, noticiário; 19 e 5, música sinfónica; 19 e 30, «Alegria no Trabalho»; 20, «O caso do dia»; 20 e 10, canções; 20 e 30, noticiário regional; 20 e 35, orquestras típicas; 20 e 45, música de filmes; 21, noticiário e desdobramento.

Programa «A»—A's 21 e 15, trechos em órgão; 21 e 25, programa pelo «Grupo Coral Alentejo»; 21 e 45, música de salão; 22, rádio-desporto; 22 e 30, «Que quer ouvir?»; 23, «Lendas e tradições do povo português»; 23 e 15, danças; 23 e 50, resumo noticioso; 0, encerramento.

Programa «B»—A's 21 e 15, música de arco; 21 e 30, trechos de óperas; 21 e 45, trechos de tecla; 22, música sinfónica; 22 e 30, recital de violino, por Elvira Borsatti, acompanhada ao piano por Regina Cascais; 23, «Que quer ouvir?»; 23 e 50, junção de programas.

RÁDIO CLUBE—A's 19 e 30, canções; 19 e 45, jornal da «A. P. A.»; 20 e 30, «Talismã»; 21, variedades; 21 e 45, orquestras; 22, «Perfumes e canções de Paris»; 22 e 15, trechos recreativos; 22 e 30, fados e guitarradas; 23, música de baile; 23 e 45, rádio-jornal e amanhã; 0, fecho.

RENASCENÇA—Das 19 e 30 às 0; juntamente com o Porto, das 19 e 30 às 22 e 30.

RÁDIO JUVENTUDE—Das 19 e 45 às 20 e 55.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 às 19 e 30, Península; das 19 e 30 às 22, Clube Radiofónico de Portugal; das 22 às 0, Voz de Lisboa.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO I — Estrada de Benfica, 429-431 (Tel. 58-027); Leal de Matos—R. Neves Costa, 33-35 (Carnide) (Tel. 58-181); Laranjeiras (Das) Rua de Filipe da Mata, 160-162; Central do Lumiar—Rua do Lumiar, 77 (Tel. 79-390); Liba—Avenida da Igreja, 4-B-C (Bairro de Alvalade); Ascenso—Rua 19 (Bairro da Encarnação) (Tel. 3-9816); Campo Pequeno (Do) Avenida da República, 58-C-D (Tel. 7-1661; Império, Limitada—Rua de Filipe Folque, 40-A-B (Tel. 4-8002); Salutar—Rua do Conde de Redondo, 9-A (Tel. 4-3314); Olivais (Dos)—Rua de Alves Gouveia, 19 (Tel. 3-9837; Conceição Calçada de D. Gastão, 30-32 (Tel. 3-9279); Marluiz—Calçada da Picheleira, 140-A-B (Tel. 7-0703); Frazão—Rua de Santa Apolónia, 90-92 (Tel. 2-7017); Arnali—Rua das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 2-3940); Simões—Rua do Padre Sena Freitas, 10-A (Tel. 4-2518); Imperial—Avenida de Guerra Junqueiro, 30-B; Oriental de Lisboa—Rua de Arroios, 215 (Tel. 4-5079); Intendente (Do)—Largo do Intendente, 50 (Tel. 4-7838; Salutar—Rua B, 75-A-B (Bairro da Liberdade); Judice de Oliveira—Rua de Campolide, 54-A (Tel. 4-4424); Gouveia—Rua de D. Maria Pia 514 (Tel. 6-4949); Lináida—Rua de Ferreira Borges, 32-34 (Tel. 6-0955); São Jerónimos—R. dos Jerónimos, 6, cave-dir.; Gomes, Suc. (Gonçalves)—Rua da Junqueira, 326 (Tel. 3-8193); Costa—Rua dos Lusíadas, 32 (Tel. 3-7739); A. César—Rua do Prior do Crato, 74 (Tel. 6-0187); S. Nunes Simões, Suc.—Rua do Quelhas, 1 (Tel. 6-1275; Fénix—Rua

O GOVERNADOR DE TIMOR

em visita à Austrália

CANBERRA, 16 — O governador de Timor, capitão Serpa Rosa, e o seu chefe de gabinete, Eugénio José de Castro Spranger, são hóspedes do governador geral da Austrália, W. J. McKell, no palácio do Governo desta cidade. Foi ontem oferecido um jantar em honra do capitão Serpa Rosa.

Os visitantes, que estão a efectuar uma visita de boa-vontade às capitais orientais da Austrália, vão a Melbourne e Adelaide, antes de partir de Darwin, em 25 de Abril, de regresso a Timor. (Reuter).

Policlínica de Arroios

Praça do Chile, 14-1.º—Telefone 42414

Dr. Aires de Sousa—R.X. e Rodoterapia—16 h.
Dr. Alves de Freitas—Clínica geral—18 h.
Dr. Cabral Sacadura—Cir. geral e partos—17 h.
Dr. Dias Amado—Análises clínicas—14 h.
Dr. João dos Santos—Doenças nervosas e mentais—18 e 30 h.
Dr.ª Laurinda Alambre—Doen. seniores—13 h.
Dr. Luís Andrade—Ouv., nariz e garganta—15 e 18 e 30 h.
Dr. Mário Ruas—Rins e vias urinárias—17 h.
Dr. Monteiro Grillo—Doenças dos olhos—16 h.
Dr. Paiva e Costa—Boca e dentes—15 h.
Dr. Paradelo de Oliveira—Doen. crianças—12 h.
Dr. Pina Monteiro—Coração e pulmões—17 h.
Dr. Ramos Chaves—Pele e sífilis—15 h.
Nebulizações de penicilina

da Cruz dos Poiais, 52 (Tel. 2 1031; Africana—Rua de Bernardino Costa, 45 (Tel. 2 9120); Silva Santos—Rua da Escola Politécnica, 80 Tel. 6 0280); Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28 (Tel. 2 1149); Costa—Praça da Figueira 6-B-C (Tel. 2 8381); Cortez—Rua de S. Nicolau, 93 (Tel. 2 5378).

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundo do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	6625	6645	
Consolidado 3 % T. 10	7245	7235	7245
Consolidado 3 1/2 T. 10	8575	8605	
Centenários 4 %	1.9945	1.9935	1.9945
Ob. Tesouro 2 1/2 1942	9555	9595	
Externas 1.ª série	1.2115		
Externas 1.ª carimbadas	1.2115	1.2305	
Externas 3.ª série	1.3275	1.3205	
Externas 3.ª carimbadas	1.3255	1.3205	1.3305
Caut. 3.ª série s/juro	1405	1425	
Ações			
Esp. St.º Com. L.ª port.	3.7505		
Lisboa e Açores por	9005	9105	
Ultramarino cp. T. p.	6735	6755	
Portugal port. T. p.		1.3205	
Mundial	1.3005		
Agua Lisboa port.	1235		
Agua Lisboa 1934 T.p.	1255	1295	
Cimentos Tejo	2155		
Cimentos Leiria T. p.		3205	
Crédito Predial port.	155	165	
Gás Electricidade cupão	1415	1405	1415
Alto Alentejo cupão	1505	1485	1505
Industrial Aliança		2885	
Portugal e Colónias		2805	
Nao. Navegação T. p.	1.1605	1.1595	1.1615
Colonial de Navegação	9605	9505	9705
Port. de Pesca T. p.		1.1005	
Port. Tabacos cupão	3165	3155	3175
Tabacos Portugal cupão		2825	2905
União Electrica Port.		1855	1895
Cassequel	1.0385	1.0305	1.0455
Agricultura Colonial	5905	5865	5925
Açúcar de Angola		2.8255	2.8405
Buzi	1505	1495	1505
Cabinda	1215	1205	1225
Iha do Príncipe		1.3615	1.4005
Zambiézia T. de 25	1235	1225	1235
Moçambique	2085	2075	2095
Electrica das Beiras	1.2005	1.1995	1.2055
Obrigações			
Agua de Lisboa 5 %		5055	
Norte de Portugal 5 %		1035	
União Electrica 4 1/2 %	935	93	

I. BURNAY, LDA. LIBRAS OURO
Ouro em barra
RUA DO OURO, 72 — TELEF. 2 1273

Voltou-se um prático-socorro perto de Santa Comba Dão

SANTA COMBA DÃO, 16 (Pelo telefone).—Hoje, pelas 11 horas, quando passava na Curva do Casal, a caminho de Vimeiro, para acudir a um incêndio na Torre de São João, o corpo de Bombeiros Voluntários desta vila voltou-se, devido a ter-se esvaziado a câmara de ar da roda traseira da direita.

O carro deu uma volta sobre si mesmo e alguns bombeiros foram cuspidos, ao passo que outros ficaram debaixo do veículo.

O número de feridos é de 13, entre os quais se contam, com certa gravidade, o comandante da corporação, Artur Figueiredo, que sofreu, além de escoriações, fractura da perna esquerda; Manuel de Almeida, que também ficou com fractura da perna esquerda; e António Coelho Pais, que ficou com a perna direita fracturada em três sítios. Devido à gravidade do seu estado, o último foi conduzido ao hospital da Universidade de Coimbra.

O motorista sofreu algumas escoriações.

Os sinistrados foram socorridos por numerosos populares que acorreram ao local do desastre e foram transportados em carros particulares, que os trouxeram até aos consultórios dos médicos locais, que lhes prestaram os primeiros socorros.

UM HOMEM MORTO

num arraial em Caminha

CAMINHA, 16 (Pelo telefone).—Na noite de sábado para domingo último, esteve em festa a freguesia de Riba de Ancora. Celebrava-se arraial em honra de Nossa Senhora de Guadalupe e para ali se dirigiu Alberto Parente Palhares, trabalhador rural, de 26 anos, acompanhado de sua mulher, Maria Teresa Martins, de 21 anos.

A certa altura, encontrando-se o casal com o pedreiro Sidónio Alves Martins, de 22 anos, o Palhares dirigiu-se para ele, gritando-lhe:—Anda cá, patife!

E, antes que se estabelecesse discussão ou desordem, puxando de uma faca de cozinha, vibrou-lhe um profundo golpe no torax, enquanto a mulher agarrava pelas costas o agressor.

Conduzido imediatamente ao hospital desta vila, o Sidónio veio a falecer, sendo o agressor e a sua cúmplice presos por soldados da G. N. R.

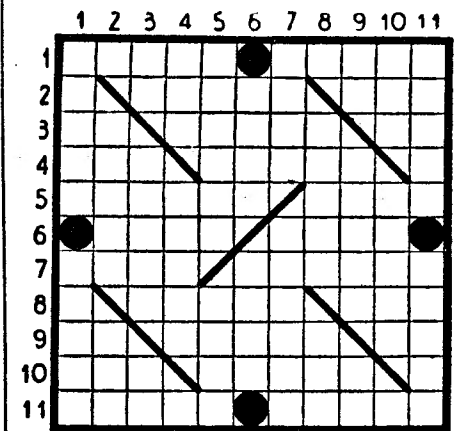
Supõe-se que a agressão foi motivada por intenções de requadro da parte da vítima, e que o crime foi premeditado, assim se explicando a existência de uma faca na posse do agressor.

FATOS USADOS

Tipo escuro, compramos ao balcão e vamos a casa. Rua de S. Bento, 58-60, telef. 63031.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 3080



HORIZONTAIS: 1—Povoação do concelho de Espinho. Cidade de Espanha, na província de Oviedo. 2—Aponta. Unidade das medidas agrárias. 3—Pertences. Dedução. Artigo (pl.). 4—Desguarnecida. Escola. 5—Praça marítima de Marrocos, conquistada por D. Afonso V e abandonada por D. João III. Dança popular portuguesa. 6—Receia. Nascimento. 7—Rio dos distritos de Beja e Setúbal. Fundamental. 8—Cordilheira da Europa ocidental. Unidade prática de resistência eléctrica (abrev.). 9—Campeão. Lições. Gemido. 10—Fútil. Amofins. 11—Esmonca. Exprimor.

VERTICAIS: 1—Suave. Ecoava. 2—Fundada. Sadias. 3—Bastal. Acre. Artigo (pl.). 4—Nome de mulher. Sacrifica. 5—Geração. Gemina. 6—Habitação dos índios da América do Sul. Formosa. 7—Erro (pop.). Pronuncie com som fanhoso. 8—Cidade do Alentejo. Preposição. 9—Imediatamente. Género de cogumelos que ataca a vinha. Nota musical. 10—Agora. Rochado. 11—Pequena porção. Afeição.

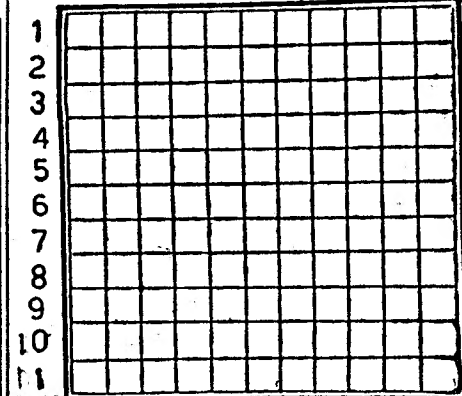
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3079

HORIZONTAIS: 1—Sófia. Ronda. 2—Aram. Me. Ais. 3—Mar. Soba. Aa. 4—Alma. Roma. 5—Aba. Calão. 6—Acareadas. 7—Crina. Iam. 8—Aedo. Seca. 9—Em. Selo. Dar. 10—Tal. Ga. Fala. 11—Alaga. Casar.

VERTICAIS: 1—Samas. Creta. 2—Oral. Ar. Mal. Farmácia. Lá. 4—Im. Abanes. 5—Ara. dega. 6—Mór. Olá. 7—Reboca. 8—Amedar. Fé. 9—Na. Alamedas. 10—Dia. As. Cala. 11—Asaro. Varar.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 506

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS: 1—Acreditar. Apanham coisa atirada. 2—Alcool de melão. Vener. 3—Prefixo de negação. Rio do Norte de Portugal. Gostar muito de. 4—Doido. Heroína francesa que foi queimada viva em Ruão. 5—Símbolo. Eternidade. Em partes iguais. 6—Ferro endurecido. Criada de meninos. 7—Símbolo químico do gálio. Acrescente. Contamino. 8—Ice. Pública. 9—Menina em inglês. Altar. Nota de música. 10—Pequenos barcos de recreio. Rilhe. 11—Fios metálicos. Apellido.

VERTICAIS: 1—Estudo das plantas criptogâmicas. 2—Alcool proveniente da destilação de melão. Juntar. 3—Preposição. Capa de irmão de confraria. Pronome demonstrativo. 4—Mofa. Preposição que designa falta. 5—Satélite da Terra. Composição poética. Catedral. 6—Mesmo. Passada. 7—Utensílio de padeiro. Nome de mulher. Cólera. 8—Nome de mulher. Esqueça. 9—Cidade de Itália e uma das mais belas do Mundo. Nome de mulher. Graça. 10—Mentira. Ecoa. 11—Aquilo que é objecto de comércio (pl.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 505

HORIZONTAIS: 1—Béijo. Rede. 2—Elava. Remo. 3—Ró. Peca. 4—Par. Copa. Ré. 5—Eros. Moiras. 6—Desesperado. 7—Acarie. Aval. 8—Cá. Vaia. Ira. 9—Mira. Rn. 10—Mora. Piara. 11—Hora. Missão.

VERTICAIS: 1—Despedaça. 2—El. Areca. Mó. 3—Barrosa. Mor. 4—Ivo. Servira. 5—Tá. Siara. 6—Pompeia. 7—Repõe. Pl. 8—Recaira. Ris. 9—Ema. Ravinas. 10—Dó. Radar. Rá. 11—Desolação.

Gravatas de Seda Natural

Últimas novidades

TORRE EIFFEL

104 — Rua do Carmo — 106

LONGINES

Relógios de fama mundial

A venda nas boas casas os ultimos modelos em plaqué para homem e senhora

LUXOR RÁDIO
A GRANDE MARCA SUECA



Cerca de 500 mil pessoas assistiram à partida de MacArthur de Tóquio

(Continuação da 1.ª página)

-supremo sair de Tóquio com todo o cerimonial de uma inauguração oficial do Parlamento.

Enquanto soava uma salva de 19 tiros e as guardas de honra tomavam a posição de sentido, um soldado americano com a barba por fazer, pois acabara de chegar da frente, comentou: «Parece ser mais apreciado pelo povo que derrotou do que pelo seu próprio povo».

Uma guarda de honra composta por 30 americanos—10 de cada serviço—e 30 polícias japoneses, apresentou armas. Uma banda japonesa tocou uma marcha lenta. Depois, uma dezena de motociclistas americanos puseram a funcionar as suas setas e principiou o desfile.

Com bandeiras vermelhas e brancas a esvoaçar nos guarda-lamas, o automóvel do general avançou por uma avenida entre alas de japoneses que aplaudiam, se inclinavam respeitosamente e acenavam com pequenas bandeiras americanas e japonesas ao longo de todo o percurso.

A população de Tóquio não se incomodou nada para ver passar o cortejo. Aqui e além ao longo do percurso, pequenos grupos estacionavam nas esquinas ou diante das lojas. Observava-se um silêncio respeitoso, talvez tímido, talvez indiferente.

Espalhados pelo percurso, viam-se letreiros em madeira e cartão com saudações de despedida. Um deles dizia: «Adeus, general MacArthur. Nós ainda gostamos de si».

Muitos japoneses começaram a ocupar os seus lugares à beira da avenida antes da meia noite. As autoridades dos transportes de Tóquio efectuaram serviços especiais de autocarros, «eléctricos» e comboios. Calcula-se em 500.000 o número de pessoas que assistiram à partida de MacArthur.

Quando o antigo comandante-supremo passava, gritavam: «Sayonara Magensui». «Sayonara Magensui» significa «Adeus, marechal MacArthur». (Magensui é uma contracção do nome de MacArthur e o maior título militar japonês «gensui»).

Numa onda galvanizadora e ondulante, os civis e os polícias japoneses também se inclinavam ou saudavam o homem que os tinha governado durante cinco anos e meio de recuperação de uma guerra desastrosa.

O general MacArthur não se manteve indiferente em face destas saudações. Enquanto sua esposa acenava com a mão, o general, primeiro sentou-se inclinado para a frente. Depois, um sorriso transpareceu no seu rosto queimado pelo Sol. A seguir, fez a continência.

Os últimos quilómetros da estrada do aeroporto estavam ladeados de tropas americanas. No vasto aeródromo de Haneda, onde todos os aparelhos estavam alinhados na pista esta manhã, uma multidão de dignitários americanos, estrangeiros e japoneses esperavam, friorentes, desde as 6 horas.

Vinte e cinco minutos depois de sair da embaixada americana, o general saltou desembaraçadamente da sua «limousine» para dar entrada no aeroporto. Envergava um uniforme com um pequeno círculo de cinco estrelas em cada ombro. Na cabeça, tinha o seu habitual e característico boné militar.

Solicitamente, ajudou a senhora MacArthur e fez a continência à guarda de honra, que tomou a posição de sentido. Ao mesmo tempo saltavam dos seus automóveis, o major-general Courtney Whitney, ajudante-chefe e braço direito do general MacArthur, e os ajudantes pessoais, coroneis Sid

Huff, Harry Binker, Anthony Story e Charles Canada, os quais abandonam o Japão com o general.

Depois, as bandas da Armada e da Aviação, em conjunto, tocaram a «Marcha do General». A primeira explosão da salva de 19 tiros, todos tomaram a posição de sentido.

Em mastros apropriados esvoaçavam cinco bandeiras—a azul e branca das Nações Unidas, os emblemas do Exército, Armada e Aviação dos Estados Unidos e a bandeira do próprio general de 5 estrelas brancas sobre fundo vermelho.

A escolta de 18 caças de propulsão por jacto rasou o campo enquanto três B-29 voavam a maior altura.

O general MacArthur avançou para passar revista à guarda de honra composta por 200 homens, 50 dos quais escolhidos entre os guardas do seu Q. G.

No mesmo alinhamento estava também um guarda da Comunidade Britânica formada por 50 praças e dois oficiais, pertencentes principalmente aos três serviços australianos, mas incluindo representantes de todas as nações da Comunidade que combatem na Coreia e um indiano.

Depois de inspecionar os estandartes dos serviços militares americanos, o general MacArthur voltou-se caminhando lentamente ao longo de um estreito corredor limitado por cordas, entre os chefes civis e militares e suas esposas.

Tudo o Gabinete japonês com os seus 14 membros se encontrava presente, de fraque e chapéu alto, tendo à frente o primeiro-ministro, Shigeru Yoshida. Próximo dos membros do Governo, estavam os oficiais de mais alta patente de todos os comandos das Nações Unidas.

Digno e grave, MacArthur apertou a mão aos generais do seu antigo estado-maior, depois aos diplomatas estrangeiros e seguidamente às personalidades japonesas. Não compareceu à despedida qualquer representante soviético.

Depois de subir os últimos degraus da escada, deteve-se diante da porta do avião, voltou-se uma última vez, saudou com um gesto de mão a assistência, agora silenciosa, e entrou no aparelho enquanto as bandas tocavam «Rud Lang Sine». A porta fechou-se, a escada foi retirada, os motores roncaram e o avião partiu levando o general para o seu destino. Tinha-se voltado uma nova página da história do Japão.

Quando o avião que transportava o general MacArthur, desapareceu no horizonte, o general Ridgway subiu lentamente para a limousine que era usada pelo general MacArthur e afastou-se.

Alguns milhares de japoneses reunidos diante dos edifícios do aeroporto e nas imediações do terreno viram o avião de MacArthur desaparecer no céu enquanto os raios do Sol nascente douravam o cimo nevado do Fujiyama.—(R. e F. P.).

A chegada a Honolulu

HONOLULU, 16 — MacArthur chegou aqui esta manhã, a bordo do «Bataan», o seu quadrimotor especial, que fez a travessia Tóquio-Honolulu em 12 horas e 10 minutos. Os jornalistas foram autorizados a atravessar os cordões da Polícia militar postada à vol-

A Itália pede a revisão do tratado de paz?

PARIS, 16—O ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália, conde Sforza, levantou ontem, segundo círculos geralmente bem informados, a questão de uma revisão do tratado de paz com a Itália em carta endereçada ao ministro dos Negócios Estrangeiros da França, Robert Schuman.

Estas diligências, que se consideram «puramente particulares», referem-se, segundo se supõe, principalmente às cláusulas militares do tratado e às respeitantes a Trieste.

Todavia, o Governo italiano não fez diligências oficiais nem junto da Grã-Bretanha, nem dos Estados Unidos ou da França sobre uma possível revisão do tratado.—(Reuter).

ta do aeródromo, mas o general, que não dava nenhum sinal de fadiga ou de nervosismo, recusou-se a fazer o menor comentário.

Estão previstas diversas manifestações em honra de MacArthur antes que prossiga o seu voo para San Francisco. Será feito doutor «honoris causa» pela Universidade de Honolulu.—(F. P.).

MacArthur deve chegar amanhã à tarde a San Francisco

WASHINGTON, 16 — Tendo largado de Tóquio às 5 e 20, o general MacArthur chega de Honolulu pelas 9 e 52, não se sabendo ainda a hora a que levantará voo desta cidade. Entretanto, o programa para a sua recepção já teve retoques e modificações e até à chegada a San Francisco, amanhã pela tarde, sofrerá ainda alterações. O cortejo organizado em San Francisco foi adiado para o dia seguinte, a pedido do próprio general. A partir de San Francisco não está publicado o programa, mas sabe-se que, segundo declarou Joseph Martin, o chefe republicano na Câmara dos Representantes, MacArthur falará no Congresso na quinta-feira, pelas 12 e 30 (hora de Washington). Préviamente, porém, o Congresso deve pronunciar-se acerca do assunto, enviando convite formal ao ex-comandante supremo no Extremo Oriente.

Em Nova York e segundo disse o seu governador, as cerimónias da recepção realizam-se na sexta-feira e não na quinta, como se tinha previsto. Haverá um grande desfile na Broadway.

E' de notar, no que diz respeito ao Congresso, que o general será ouvido por «sessão» conjunta das Assembléias, mas em «reunião» da Câmara e do Senado, por que esta não tem formalidades especiais e a primeira tem um carácter de reunião parecida com a das Assembléias europeias para eleição do chefe de Estado. Usa-se da «sessão», por exemplo, para o Congresso ouvir uma mensagem do presidente. Não se sabe ainda se Truman assiste ou não à reunião das duas Camaras.—(F. P.).

Críticas à atitude de Truman

NOVA YORK, 16—O «New York Herald Tribune» critica esta manhã, em artigo de fundo, o presidente Truman por ter lançado flechas aos seus adversários «como um chefe de partido», mas felicita-o por se ter mostrado comedido: «Não nomeou ninguém, as suas ironias não eram injustificadas e não foram ineficazes». O grande jornal republicano nota igualmente com satisfação que outros factores contribuíram para diminuir as tensões que se sucederam à exoneração de MacArthur. Entre estes, cita a aceitação geral pelo público das cerimónias de boas-vindas ao general que regressa aos Estados Unidos após tantos anos passados em terra estrangeira e também a intenção do Congresso de lhe permitir expor as suas opiniões num grande discurso, na próxima quinta-feira. A recusa dos Estados Unidos de dar à China comunista o direito de ser ouvida na questão do tratado de paz japonês é igualmente, segundo o mesmo jornal, «uma prova de que não fraquejou a oposição americana a respeito da inclusão da Formosa no tratado». «Este facto e as garantias dadas aos nacionalistas da Formosa de que os americanos interviriam se os vermes tentassem invadi-los, são factores com que nos devemos regozijar» — opina aquele jornal, embora reconhecendo que «a disputa é ainda muito grave e implica questões vitais de estratégia militar».—(F. P.).

Lanifícios para homem

A Casa Max acaba de receber os mais recentes padrões

Vendas a pronto e com grandes facilidades de pagamento.

193-A, R. D. Estefania, 193-F

A GUERRA DA COREIA

Diminui

em toda a frente

a resistência

das forças comunistas

FRENTE DA COREIA, 16—Em toda a frente, excepto nas vizinhanças da barragem de Hwachon, diminui a resistência inimiga, mas é ainda muito cedo para dizer se se trata dum recuo geral para novas posições de defesa ou dum corte de contacto temporário para a preparação duma nova ofensiva.

Essa fumarada proveniente dos fogos ateados pelo inimigo em toda a frente Oeste e central dissimulou ontem os seus movimentos aos observadores aéreos. As espessas nuvens artificialmente criadas, que não provinham de bombas fumígenas mas simplesmente da combustão de ervas e de moitas, elevavam-se a 300 metros de altura e cobriam as linhas inimigas numa profundidade de perto de 30 quilómetros.

Quase por toda a parte as tropas aliadas progrediram uns 2 quilómetros e ocuparam novas linhas de alturas sem deparar com resistência. Sobretudo em Yongchong, muitos indícios mostram a partida precipitada do inimigo. As tropas aliadas encontraram um importante depósito de munições nesta região.

Diante da barragem de Hwachon as tropas aliadas esbarraram com violento fogo do inimigo, que ocupa posições construídas entre aquela localidade e o lago reservatório, assim como a Sueste.

Na outra extremidade do lago as tropas aliadas estavam ontem próximo da cidade de Yanggu, ainda defendida por grupos inimigos. Um destes lançou um contra-ataque que foi repellido. A Sueste desta última cidade, na região de Inje, foi contido outro contra-ataque comunista e os elementos continuaram o seu avanço e ocuparam colinas que os chineses acabavam de abandonar. Contudo, a Nordeste da cidade, as patrulhas aliadas tiveram de arripiar caminho devido a um contra-ataque inimigo.—(F. P.).

As operações aéreas

TOQUIO, 16 — Um comunicado do Comando da Aviação Americana do Extremo Oriente esclarece que o número total de MIG destruídos durante as hostilidades na Coreia é de 147 e não de 93.

Após três dias de ausência, desde o combate do dia 12, os MIG inimigos reapareceram ontem à tarde, anuncia esta manhã um comunicado da Aviação. Sete atacaram uma formação de quatro «Estrelas Cadentes», ao Sul de PyangYang. Depois de curto combate, os aviões aliados cortaram contacto e regressaram às bases. Não se assinalam estragos nem dum lado nem do outro.

Durante a noite, os bombardeiros continuaram, apesar do mau tempo, a atacar o tráfego rodoviário inimigo ao longo das costas Leste e Oeste.—(France Presse).

A opinião do Governo sul-coreano

FUSAN, 16—«Está fora de questão discutir essa oferta de paz» — declarou um porta-voz do Governo sul-coreano comentando «as propostas» radio difundidas ontem de Pyong-Yang. «A única maneira dos comunistas obterem a paz imediata na Coreia é renderem-se sem condições».—(F. P.).

As tropas de Chang-Kai-Chek constituem uma reserva

WASHINGTON, 16—O senador democrático John Sparkman deu hoje a entender que as tropas nacionalistas de Chang-Kai-Chek estavam de reserva para uma fase ulterior da luta anti-comunista na Ásia. Aquele senador, que fez esta declaração num programa rádiográfico, afirmou que «o emprego das forças de Chang-Kai-Chek tem o seu lugar bem definido, mas a sua altura ainda não chegou». Sparkman recusou dar mais pormenores sobre o caso.—(F. P.).

CAFÉ CHAVE D'OURO

Salão de Chá
o mais luxuoso

«Matinéas» e «Soirées»

Orquestra de TAVARES BELO